

ANNA
HACKETT

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

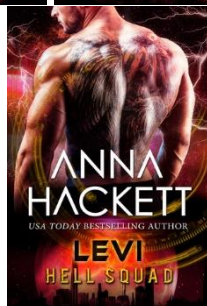
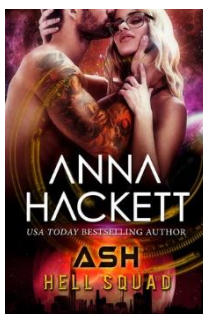
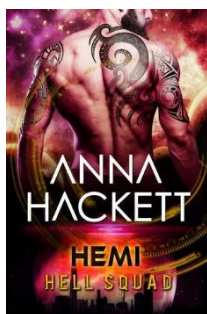
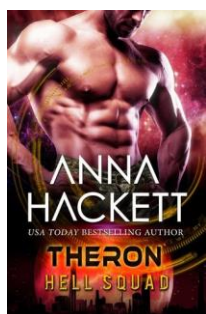
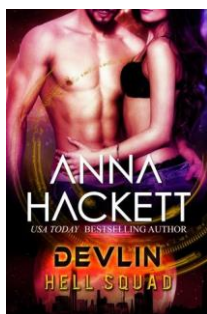
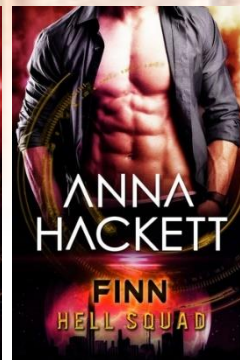
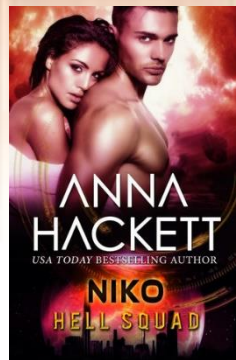
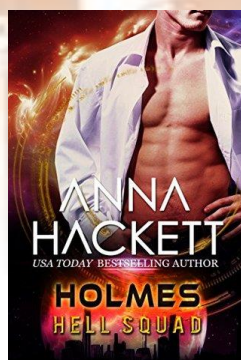
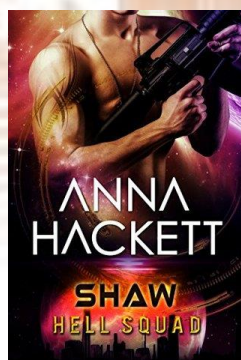
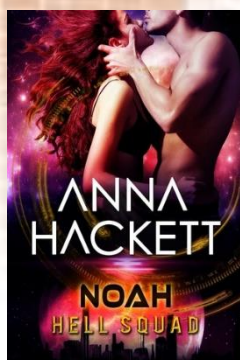
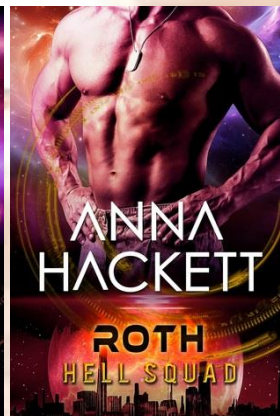
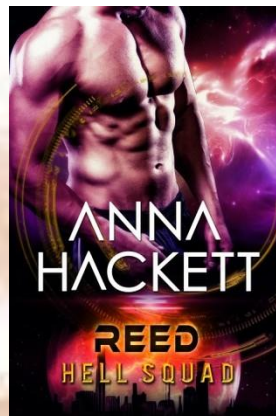
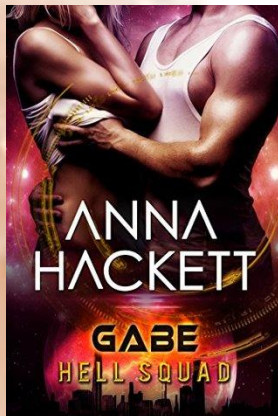
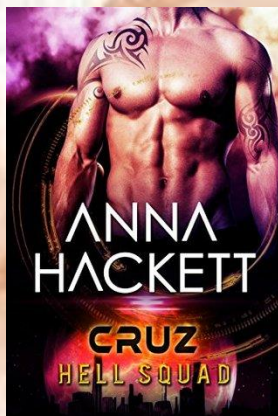
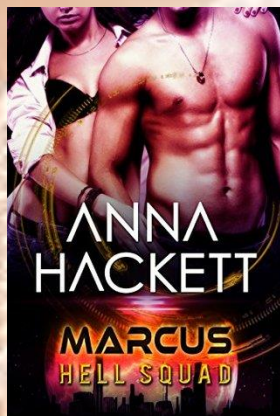
HOLMES
HELL SQUAD



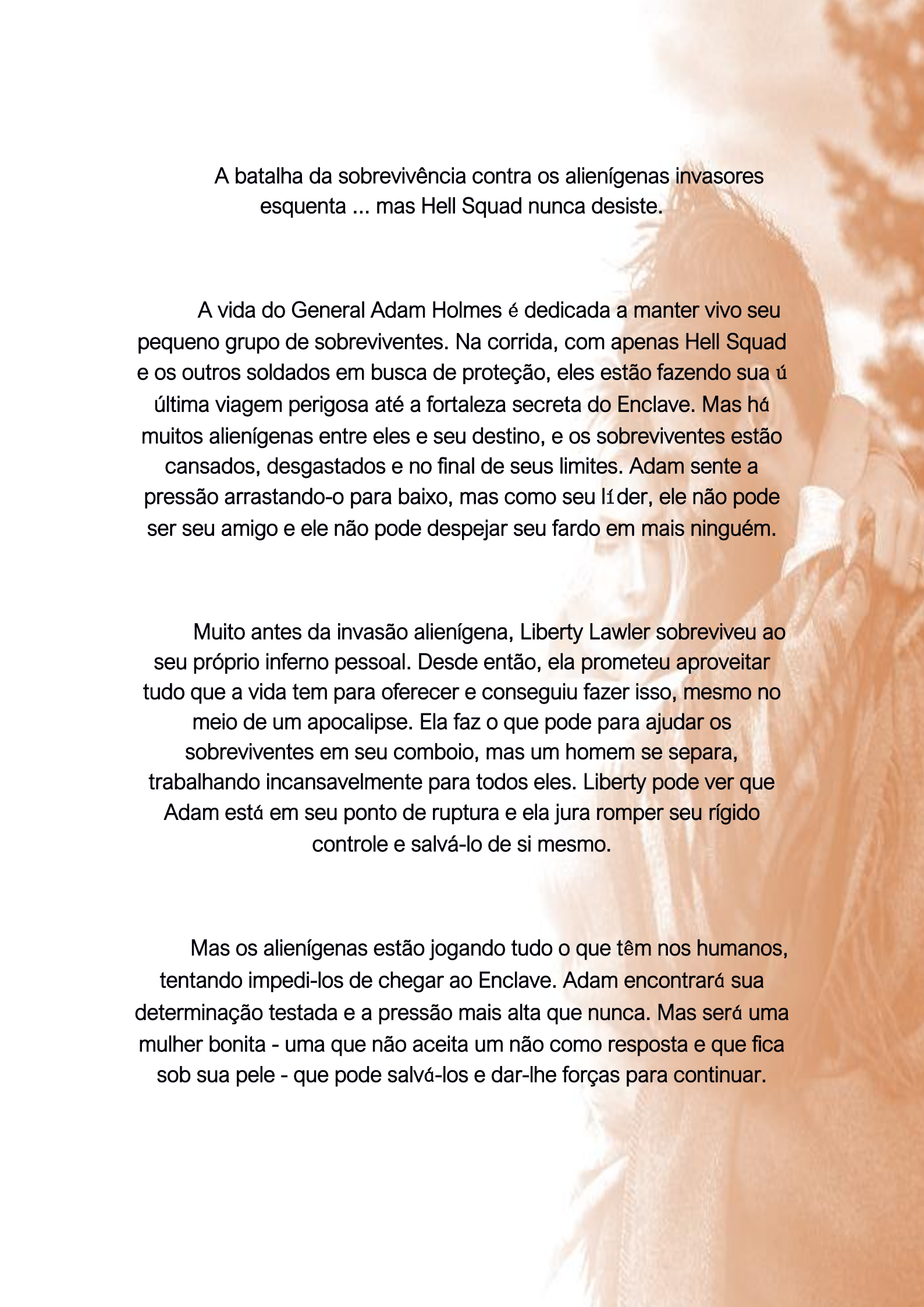


EXCLUSIVE STARS BOOKS

HELL SQUAD



AGUARDANDO LANÇAMENTO



A batalha da sobrevivência contra os alienígenas invasores esquentou ... mas Hell Squad nunca desiste.

A vida do General Adam Holmes é dedicada a manter vivo seu pequeno grupo de sobreviventes. Na corrida, com apenas Hell Squad e os outros soldados em busca de proteção, eles estão fazendo sua última viagem perigosa até a fortaleza secreta do Enclave. Mas há muitos alienígenas entre eles e seu destino, e os sobreviventes estão cansados, desgastados e no final de seus limites. Adam sente a pressão arrastando-o para baixo, mas como seu líder, ele não pode ser seu amigo e ele não pode despejar seu fardo em mais ninguém.

Muito antes da invasão alienígena, Liberty Lawler sobreviveu ao seu próprio inferno pessoal. Desde então, ela prometeu aproveitar tudo que a vida tem para oferecer e conseguiu fazer isso, mesmo no meio de um apocalipse. Ela faz o que pode para ajudar os sobreviventes em seu comboio, mas um homem se separa, trabalhando incansavelmente para todos eles. Liberty pode ver que Adam está em seu ponto de ruptura e ela jura romper seu rígido controle e salvá-lo de si mesmo.

Mas os alienígenas estão jogando tudo o que têm nos humanos, tentando impedi-los de chegar ao Enclave. Adam encontrará sua determinação testada e a pressão mais alta que nunca. Mas será uma mulher bonita - uma que não aceita um não como resposta e que fica sob sua pele - que pode salvá-los e dar-lhe forças para continuar.

CAPITULO UM

Os veículos, ônibus e caminhões estavam estacionados em um círculo grande, formando uma parede protetora. Adam pensou que parecia uma versão moderna dos fortes do vagão do Velho Oeste ou dos *laagers* do sul da África.

Somente que eles não estavam se protegendo de tribos hostis ou leões esfomeados.

Era dos alienígena.

Ele esfregou o rosto, os olhos arregalados pela falta de sono e observou seu bando de sobreviventes acordando e começando seu dia.

Outro dia fugindo.

Sua base subterrânea, aquele que fora seu santuário desde a invasão alienígena há um ano e meio, foi invadida e despedaçada. Agora, durante mais de uma semana, fugiram dos alienígenas dinossauros que tinham a intenção de assumir o controle do planeta.

Ele lembrava da primeira onda de ataques como se fosse ontem. Inferno, ele ainda os via em seus sonhos. Como General no *United Coalition Army*, ele estava nessas reuniões de planejamento precoce, pois eles haviam lutado para encontrar a melhor maneira de defender a população da Terra e retaliar.

Não importava. Suas forças militares haviam sido dizimadas pela tecnologia avançada dos alienígenas, juntamente com o grande número de *Raptors* e as várias criaturas alienígenas que haviam trazido com eles. Em breve, Adam encontrava— se na Base *Blue Mountains*, uma instalação secreta subterrânea, acolhendo os poucos que sobreviveram ... Ele tinha sido o General com o maior número de sobreviventes vivos.

Ele sacudiu as lembranças, concentrando— se novamente no que restavam de seus sobreviventes — o *Swift Wind Convoy*. Ele desejou ter conseguido um café, mas ele não tinha tempo para se dirigir para o caminhão da cozinha. Ele precisava informar os esquadrões do plano para o dia, dar uma rápida caminhada ao redor do acampamento e tranquilizar todas as pessoas em pânico, e depois falar com a Doc Emerson e sua equipe médica para ver como os feridos estavam indo.

Adam respirou profundamente e puxou sua camisa branca lisa. Ele realmente queria que ele estivesse no uniforme dele. Ele não estava acostumado com a roupa mais informal, mas no momento, as únicas opções disponíveis eram roupas que estavam limpas e não tinham sido rasgadas em pedaços ou salpicadas de sangue.

— General Holmes, os esquadrões estão montados e prontos para você.

Ele se virou e viu Elle Milton esperando por ele. A linda morena era uma das oficiais de comunicação das Equipes de Comunicações — e não apenas de qualquer esquadrão, mas do *Hell Squad*. Seu grupo de soldados mais áspero, mais difícil e eficiente.

— Obrigado, Elle. Estou a caminho.

A mulher assentiu, então hesitou. — Posso te pegar qualquer coisa? Algum café da manhã?

Ele conseguiu um sorriso. — Não, obrigado. Vamos conversar com os soldados.

Ele viu os líderes do esquadrão e alguns dos membros da equipe se encostando a vários veículos. A maioria estava vestindo sua armadura de fibra de carbono preta na metade inferior, enquanto no topo eles usavam camisetas bem usadas que se agarravam a músculos duros e tatuados.

Adam se permitiu um sorriso irônico. Se ele tivesse visto esse grupo de homens e mulheres em suas fileiras no Exército, ele teria

ficado horrorizado. Mas a invasão alienígena mudou tudo, incluindo suas opiniões sobre algumas coisas.

Ele teve que arrumar os membros de seus esquadrões dos restos das forças armadas e equipes policiais devastadas do país, e — seu olhar caiu sobre alguns dos homens do Esquadrão Três, também conhecidos como *Berserkers* — ex— mercenários e possivelmente criminosos, mas esses homens formaram o grupo de lutadores mais corajoso, mais difícil e mais feroz que já conheceu.

Foi por causa dessas pessoas que os sobreviventes chegaram até lá.

— Bom dia. — Ele assentiu e trocou alguns olhares com os líderes do esquadrão enquanto se mudava para a cabeça do grupo. Elle estava agora dobrada sob o braço de Marcus Steele, o robusto e marcado líder do *Hell Squad*. Adam tinha ficado tão chocado quanto o resto da base quando a doce, bonita Elle tinha de alguma forma domesticado Steele. Mas Adam tinha um grande prazer em ver os dois tão felizes juntos.

— Qual é o plano para hoje, General?

Roth Masters era o líder do Esquadrão Nove. O resto de seu esquadrão estava ao lado dele, além das altas, mortais e capazes mulheres, havia Theron.

— Nós conseguimos escapar dos alienígenas e sobrevivemos a nossa primeira noite fora das montanhas. — Ele olhou a silhueta dos picos cobertos de árvores para o oeste. Eles quase não haviam sobrevivido ao intervalo de uma semana fora das *Blue Mountains*, e eles ainda tinham bastante caminho para cobrir. — Agora, ficamos vivos e chegamos ao Enclave. — Ele acenou com a cabeça para Elle, que se mudou para um conjunto portátil configurado em uma mesa dobrável.

Apareceu de repente um mapa, a imagem projetada no ar acima da mesa.

— Precisamos nos mover lentamente e com cautela. — Adam sentiu a tensão em seus ombros já apertados crescer. — O Enclave não está longe, mas sem as florestas para cobrir, não temos tantos esconderijos. Nosso sistema de ilusões nos manterá praticamente invisíveis para os alienígenas e temos um time designado para esconder as trilhas que podemos deixar para trás. Mas se alguém sair da ilusão, isso nos trará problemas.

Ele deixou isso afundar. O Enclave era um refúgio humano secreto, originalmente construído pelo ex— presidente da Coalizão. Depois de descobrir os tristes negócios do presidente com os alienígenas, o Enclave estava sob uma nova regra, e eles estavam recebendo os sobreviventes da Base *Blue Mountains*.

— Os drones estão monitorando a atividade alienígena aumentada na área. — Adam gesticulou para o mapa eletrônico, preocupado com as manchas de vermelho que indicavam o paradeiro dos alienígenas. — Eles estavam procurando nas montanhas por nós, agora eles estão movendo suas tropas nessa direção. E agora eles não têm as árvores para prejudicá— los.

Eles sabiam que os *Raptors* não gostavam das árvores por algum motivo, mas ainda não tinham deduzido exatamente por quê. As florestas ajudaram a manter a Base *Blue Mountains* escondida e segura durante muito tempo.

Ele olhou para o leste, onde colinas suaves, rolando, verdes dominavam a vista. As coisas seriam muito mais difíceis agora. Eles estavam tão perto ... ainda tão longe.

— Então, vamos devagar e silenciosamente. — confirmou Roth. — Nós podemos fazer isso.

Adam assentiu. — Mas precisamos de mais do que isso se quisermos conseguir levar todos lá de forma segura. — Eles já haviam perdido pessoas no passeio selvagem das montanhas. Muitas pessoas. Ele franziu a testa.

De repente, duas pessoas entraram no grupo.

— Desculpe, estamos atrasados. — O rosto duro de Claudia Frost estava corado, e ela estava trançando seus longos e escuros cabelos.

O homem alto ao lado dela sorriu. — Eu não estou.

O sol brilhou no ouro nos cabelos de Shaw Baird. O atirador do *Hell Squad* parecia um homem que acordara da maneira mais prazerosa possível. Claudia o bateu com força o suficiente para que o ar se afastasse dele.

O intestino de Adam apertou. Um monte de emoções diferentes o atravessaram, mas duas eram mais fortes. Era uma pura inveja. A conexão entre os dois soldados do *Hell Squad* pulsava o suficiente para queimar. Mas qualquer um podia ver que era mais do que apenas desejo ou luxúria. Estes dois tinham algo muito mais profundo entre eles, forjados nas profundezas da batalha, na luta por suas vidas e a vida dos outros, sabendo que podiam depender uns dos outros.

A outra emoção que lavou Adam foi culpa.

Claudia tinha sido levada pelos alienígenas no ataque da base. Ele permitiu que o *Hell Squad* a procurasse, mas apenas quando o comboio estava seguro. Ele estava bem ciente de que ela havia sofrido muito mais do que o necessário, porque ele tinha que fazer uma decisão difícil.

Acrescentado a isso, apenas um dia atrás, ela voluntariamente entregou— se de volta ao alienígena que os caçava para salvar o comboio.

E Adam a deixou.

Suas mãos enrolaram em punhos. Ele nunca se sentiu mais indefeso ou em conflito quando a observou caminhar até sua morte, gritos de Shaw ecoando no ar.

Felizmente, graças aos esquadrões, eles lutaram para sair e resgataram Claudia. No inferno, a mulher se salvara principalmente.

A decisão ainda pesava pesadamente sobre ele. Seus ombros caíram. Quantas decisões mais, como essa, ele teria que fazer?

Ele limpou a garganta. — Fico feliz que vocês possam se juntar a nós. Estamos discutindo nosso caminho para o Enclave.

Shaw jogou o braço em torno dos ombros de Claudia. — Não estamos longe, certo? Estou realmente ansioso para ter uma cama adequada. — Ele abanou as sobrancelhas.

Claudia bateu nele novamente, mas deixou seu braço ficar em seus ombros.

— Não estamos longe. — disse Adam. — Mas não será fácil, e precisamos evitar os alienígenas ...

— Você tem algo mais na sua manga. — A voz de Marcus sempre soou como o raspado de cascalho.

Adam assentiu. — Eu quero que os esquadrões planejem algumas diversões. Precisamos tirar os alienígenas do cheiro do comboio.

Ele observou os soldados ao redor dele se esticar e compartilhar olhares. A maioria deles sorriu.

Marcus assentiu. — Não será um problema.

Adam observou os *Berserkers* se encolherem, pura alegria em seus rostos duros e farpados. Ele já temia o que quer que fosse, que eles estavam pensando, mas estava certo de que seria eficaz. — Boa. Vamos sair depois que todos comerem e empacotarem. Envie seus planos para mim, e nós vamos conseguir que os esquadrões distraíam os ...

— Você quer que façam uma bagunça. — Interrompeu Shaw com um sorriso.

— ... alienígenas enquanto conduzo o comboio em direção ao Enclave. — Adam terminou, ignorando o atirador.

Enquanto todos murmuravam e assentiram com a cabeça, um grito curto e afiado percorreu o ar.

Todos giraram.

Do outro lado do comboio, viu uma pequena bola rolar para a vista.

Ele franziu a testa. Era muito maior do que uma bola de futebol e era um marrom escuro e profundo. Ele se aproximou, sentiu os soldados se erguerem atrás dele. Havia estratégias estranhas na bola. Ele estreitou seu olhar. Era como se fosse feito de músculo.

Seu intestino endureceu. A maior parte da tecnologia alienígena era baseada em orgânicos. Ele abriu a boca para gritar para as pessoas voltarem, quando a bola entrou em erupção.

Correram várias dezenas de grandes criaturas semelhantes a aranha.

As criaturas se moveram rapidamente. Uma saltou para as pessoas mais próximas a eles. Outros se afastaram, pulando para dentro e sob os veículos.

Os soldados amaldiçoaram e, com Adam na liderança, correram para os civis gritando. Adam tirou a pistola laser, que mantinha no quadril.

Enquanto ele passava por uma aranha empoleirada no capô de um caminhão, ele viu que estavam comendo o metal. Parecia excretar um veneno que queimava o aço. Suas pernas eram uma estranha mistura de osso e metal.

Ele levantou a pistola e disparou. A aranha voou do caminhão e desapareceu da vista.

As pessoas estavam gritando, arrebatando crianças, fugindo. Algumas pessoas estavam batendo nas aranhas com o que pudesse — cobertores, facas — um homem estava usando um tronco.

Adam viu uma aranha em direção a uma família aterrorizada. Ele atirou e enviou— a voando na parede dos carros. Ele voltou para suas pernas e Adam disparou contra ele. O primeiro tiro do laser apenas fez com que ele se contrai— se. Ele continuou disparando e, finalmente, colapsou no chão.

Então ele viu uma mulher deitada em suas costas, seus braços e pernas se contorcendo, uma aranha amarrada ao rosto dela. Ele ouviu carabinas a laser disparando, viu os soldados tirando nas criaturas. Ele percebeu Doc Emerson correndo para a confusão, seu jaleco branco brilhante no meio do pandemônio.

— Emerson. — Ele apontou para a mulher.

A médica loira acenou com a cabeça, seu rosto sombrio. Gabe, o maior e mais mortal lutador do *Hell Squad* — também era o marido protetor de Emerson — apareceu ao lado dela. Ele agarrou a aranha alienígena enquanto Emerson se ajoelhava para ajudar a mulher.

Adam virou— se e viu duas bolas saltando para o campo. *Merda*. Então ele ouviu um grito e se virou. Um jovem, talvez com dez anos de idade, tentando se afastar de uma aranha que se aproximava. Adam correu, levantando a pistola e disparando. A aranha saltou, voando pelo ar.

— Aqui. — Adam agarrou o menino, segurando— o bem.

A aranha atingiu o chão nas costas, virou— se e girou. Tinha uma fileira de pequenos olhos vermelhos em sua cabeça.

O menino choramingou. Adam colocou— o no chão e empurrou o menino para trás, assim como a aranha saltou para eles.

Adam agarrou— a. Ele segurou o inseto a poucos centímetros de seu rosto, chocado com o quão forte era.

Ele precisava de toda a força para mantê— lo fora do rosto. Lentamente, ele conseguiu empurrar para baixo. Então ele deixou cair no chão e pisou nela ... repetidamente. Ele ouviu— o crucificar sob sua bota.

O jovem estava fazendo um barulho de soluçar com cada respiração áspera.

— Volte para o comboio. — Adam empurrou o menino naquela direção. — Suba em cima de um caminhão.

Com um aceno de cabeça, o menino se virou e correu, seguindo as ordens.

Adam ouviu mais gritos. Ao redor dele, os soldados estavam lutando contra a massa de criaturas. Ele viu um brilho loiro brilhando ao sol. Ele viu uma mulher batendo uma bengala sobre uma aranha. Perto, uma menina aterrorizada gritou, lágrimas escorrendo pelo rosto.

Adam correu para eles. — Liberty.

A mulher olhou para cima, seu rosto bonito se esticou. Ela bateu a bengala novamente e a aranha saltou para trás.

Adam olhou para a pequena garota. Ela estava rastejando para o corpo de uma mulher deitada no chão. Um olhar e ele viu que o pescoço da mulher tinha sido queimado pelo veneno da aranha. Seus olhos estavam fechados e ele não tinha ideia se ela estava morta ou viva.

— Mamãe. — A menina agarrou a camisa da mulher.

Porra. Adam sentiu o sangue dele ficar frio e quente.

A aranha apenas recuou por um segundo antes de saltar de novo. Adam atirou e saltou para trás, mas estava observando— os com um olhar predatório.

— Pegue a garota. — disse ele. — Corre.

Liberty hesitou, então ela entregou— lhe a vara e agarrou a garota que chorava. Adam virou— se, assim quando a aranha saltou para ele novamente.

Ele balançou a vara. Ele jogou beisebol na Academia Militar da Coalizão. A vara se conectou com um *tremor* satisfatório, e a aranha navegava pelo ar.

Seus ombros caíram. Ao seu redor, ele ouviu gritos, choros e fogo a laser. Isso o penetrou, o peso dele arrastando— o para baixo como um homem que se afunila no rio.

Parecia que os esquadrões estavam eliminando a última das aranhas. A equipe médica estava trabalhando freneticamente para ajudar os feridos ... mas não haveria nada que pudessem fazer pelos mortos.

Ele virou, tentando se juntar. Ele tinha que ser forte para todos, ajudar a reuni— los e tirá— los daqui.

Houve um movimento à sua esquerda, então algo bateu em seu rosto.

Quando a aranha envolveu suas pernas ao redor de sua cabeça, Adam cambaleou para trás. Ele apertou com força e ele sentiu a mordida afiada das pernas de garras cavando em seu crânio. Ele tentou arrancá— la e soltou um grunhido. Ele tropeçou em algo e caiu.

Caindo de costas, tudo o que Adam podia ouvir era sua própria respiração frenética. Quanto mais ele tentava tirar a maldita coisa, mais apertou nele, até ter certeza de que ele esmagaria seu crânio.

Mas ele estava bem ciente de que, a qualquer momento, a maldita coisa iria espetá—lo com aquele veneno corrosivo, e ele estaria morto.

As velhas lembranças brilhavam atrás de seus olhos. Da vida antes da invasão, de sua carreira distinta, da esposa que ele havia tido apenas por alguns anos antes de deixá—lo, dizendo—lhe que ele era muito impulsionado, também absorvido, uma pessoa de adrenalina que morreria sozinho.

Bem, parecia que Diane estava certa. Mesmo com o bando de sobreviventes ao seu redor, os que ele tentou proteger e cuidar, ele morreria sozinho.

CAPITULO DOIS

— Não, você não vai ganhar sua coisa feia!

Adam ouviu a voz feminina feroz, sentiu as mãos puxando a aranha. Então a criatura deu um grito agudo e soltou— o. Arfando, Adam sentou— se ... para ver Liberty esfaqueando a aranha com um par de tesouras.

Finalmente, ela se recostou, a mão coberta de sangue. Ela olhou para ele, parecendo uma guerreira amazona. — Eu odeio aranhas.

Adam esfregou o rosto e depois sondou as pequenas feridas na cabeça das garras da criatura. — Não há desacordo da minha parte.

— Você está bem, General?

Ele assentiu. — Graças a você. E, nas circunstâncias, acho que você deveria me chamar de Adam.

Ela sorriu. — De nada Adam.

Ele se levantou, seu corpo doendo. Porra, ele estava ficando velho demais para isso. Ele só poderia estar no início dos quarenta anos, mas, desde a invasão, a maioria dos dias ele sentiu— se como se tivesse cento e três.

Liberty agarrou seu braço e firmou— o. — Tome um minuto antes de se afastar para fazer coisas de homem alfa.

Ele olhou para ela. Deus, ele não era tão velho que precisava da mulher mais bela do acampamento o apoiando. — Estou bem.

Ele olhou para o comboio. Parecia que as aranhas alienígenas estavam contidas. As pessoas estavam ajudando os feridos e consolando os assustados. Os esquadrões estavam empilhando os cadáveres de aranha em uma pilha.

— Malditos. — Seu pescoço latejava e a sensação de fracasso doente aumentava. Seu olhar bateu em um punhado de cadáveres deitados ao redor.

— General. — Elle correu para ele. — Os esquadrões estão aguardando ordens. Eles contiveram as criaturas de aranha ... simplesmente deixamos, queimamos ou enterramos?

— General Holmes! — Doc Emerson estava se aproximando. — Eu tenho mais feridos do que eu posso colocar no ônibus médico. Precisamos de um veículo secundário. Felizmente, a maioria das feridas são menores, mas tenho dois que estão em estado grave. Uma mulher com queimaduras no pescoço e um homem com queimaduras em suas pernas.

Adam respirou fundo e passou a mão pelos cabelos. Porra, seus cabelos realmente estavam ficando longos — tinha passado muito além do comprimento da regulamentação. Ele viu a Liberty observando— o, seus olhos azuis eram afiados. Ele deixou cair a mão.

— Emerson, fale com a Capitã Bladon ... Laura. Ela não tem ninguém no caminhão da prisão no momento, então você pode colocar alguns feridos lá dentro. — Ele se virou para Elle. — Diga aos líderes dos Esquadrões para enterrarem os cadáveres alienígenas. Esconda— os bem. Preferiria que os *Raptors* não descobrissem que estivemos aqui.

Elle assentiu. — Sim senhor.

— E Elle, você ou a equipe do drone acham que os alienígenas conhecem nossa localização? — Ele examinou a bagunça de seu acampamento. — Eles enviaram essas coisas aqui de propósito?

Elle sacudiu a cabeça. — Não senhor. Lia disse que seus operadores de drones notaram muitas dessas coisas semelhantes em toda a área. E os *Pteros* parecem bombardear aleatoriamente áreas ao sul daqui.

Droga.

— Eles estão sendo cautelosos, esperando que eles tenham sorte e nos atinjam. Nos forçar a revelar a nossa localização.

Elle assentiu. — Essa é a nossa avaliação, senhor.

Eles tinham que chegar à segurança do Enclave. — Diga aos esquadrões que abordarei todos eles em breve e, por favor, informe todos para se prepararem para sair. — Quanto mais cedo chegarem ao Enclave, melhor.

— Todo mundo precisa de você, não é?

A voz calma de Liberty o fez levantar a cabeça. — Eu sou o líder. É meu trabalho. — Mas ele sabia a verdade — enquanto eles precisavam de suas habilidades e sua liderança, ninguém realmente precisava dele, Adam, o homem.

Liberty inclinou a cabeça e amaldiçoou, sentiu— se como se estivesse no microscópio. Ele sabia que ela era uma especialista em manter os civis felizes, antecipando suas necessidades, fornecendo um mercado negro de produtos de beleza e artigos de higiene pessoal. A maioria das pessoas pode escrever isso como sem importância, mas ele sabia.

Apenas ter uma barra de sabão, um frasco de perfume ou uma garrafa de shampoo que cheirava a casa, ajudou a suavizar as ásperas bordas de suas novas vidas.

Ele suspeitava que Liberty estava bem ciente do impacto.

— Eu acho que é muito mais do que um trabalho para você. — disse ela.

Antes que ele pudesse respondê— la, Marcus caminhou até ele.

— General. — Ele deu um breve aceno de cabeça. Sua armadura estava salpicada de sangue alienígena. — Liberty.

— Ei, Marcus. — Ela deu um passo para trás. — Eu ajudarei com os feridos.

Adam observou o balanço de seus quadris enquanto se afastava. Ele sempre pensou que ele preferia mulheres altas e magras, como sua ex— esposa. Mas seu olhar foi atraído pelas curvas arredondadas de Liberty e pela feminilidade exuberante.

— O meu Esquadrão está enterrando as carcaças dessas pequenas coisas feias. — A voz de Marcus era um grunhido.

— Quantos mortos? — Perguntou Adam.

Ambos sabiam que ele não estava falando sobre as aranhas alienígenas.

— Quatro. Falta um. Um adolescente. Ele correu para se esconder ou ...

Adam respirou fundo. Ou ele foi arruinado. — Enterre nossos mortos. Mas em nenhum lugar perto das malditas aranhas. Envie uma equipe para procurar o menino. Se eles pensam que ele deixou a ilusão, envie Devlin Gray para encontrá— lo. — O ex— espião faz parte de sua equipe de inteligência. O homem poderia se esgueirar em qualquer lugar sem ser notado. Escolhas difíceis aumentaram novamente. — Não podemos continuar aqui por muito tempo. Encontre— o, Marcus.

O soldado assentiu. — Nós o encontraremos.

Caso contrário, Adam seria forçado a salvar a vida dos outros e deixar outra família com coração ferido e um filho lá fora para morrer.

Outra marca negra em sua alma.

— Onde quer que façamos acampamento esta noite. — disse Marcus. — Vou pegar uma cerveja. Parece que você precisa disso.

Adam assentiu, mas ambos sabiam que não levaria Marcus na cerveja.

O líder do Esquadrão se retirou, depois hesitou. — Você tem amigos aqui.

Adam arrastou a respiração profunda. Saindo de um soldado que ele respeitava, um que tinha encurralado várias vezes, significava muito. — Obrigado, Marcus.

Com um aceno de cabeça, Marcus afastou— se.

Mas Adam sabia que Marcus estava errado. Adam não tinha amigos aqui. Ele tinha subordinados, civis e seguidores. Ele não podia ter amigos — por causa dele. Ele tinha que fazer as escolhas difíceis, as escolhas que tinham vidas em risco, e ele sabia que seria forçado a fazer mais antes que essa guerra acabasse. Isso significava que ele não podia se dar ao luxo de ser amigo de ninguém.

Sacudindo seu humor, ele caminhou entre as pessoas, oferecendo palavras de conforto e encorajamento. Ele viu os ombros endireitar, sorrisos fracos emergirem e as pessoas assentiram. Isso deve ser suficiente para sustentá— los.

Ele arredondou um veículo e ouviu duas pessoas argumentando. Ele viu Shaw e Claudia, ambos em sua armadura. Claudia tinha as mãos nos quadris, o rosto ereto, enquanto

Shaw parecia tentar não rir. Eles trocaram algumas farpas, então Shaw a varreu em seus braços, batendo a boca na dela.

Ela lutou contra ele por cerca de dois segundos, então suas pernas fortes se apertaram nos seus quadris e ela o beijou de volta.

Adam engoliu em seco. Ele permitiu que ela se sacrificasse, quase custou a esses dois seus pedaços de céu no caos.

Ele se virou, incapaz de assistir mais. A pressão quase o poderia levá— lo pelo chão. Deus, ele realmente precisava de um café duplo. Talvez esta noite, ele se permitiria um tiro do whisky escocês barato que ele havia escondido em seu caminhão. Ele tinha acabado com as coisas boas há muito tempo.

Mas, por enquanto, ele arrumou um pouco de força de algum lugar no fundo dele e ergueu a voz. — Tudo bem, todos. Vamos nos preparar para sair. — Ele informou os esquadrões, enviou— os para arriscar suas vidas criando diversões, e esperava que por Deus o menino desaparecido fosse encontrado antes de partir.

Liberty saiu de seu caminhão e esticou as pernas.

Sua casa nesta viagem louca para a última semana tinha sido uma RV convertida, ela compartilhou com algumas das professoras e outras senhoras solteiras. Era apertado, e no final de cada dia, elas estavam na maior parte todas prontas para matar umas as outras.

Ela olhou em volta e viu outros sair de seus veículos, arrastando tendas e roupas de cama com eles. Eles pararam durante a noite no que parecia ser uma fazenda abandonada. Ela olhou através do crepúsculo que se aprofundou e decidiu que as linhas retas de árvores à distância eram um pomar.

Ela viu uma figura delgada que se aproximava das árvores. Enquanto Liberty olhava, a mulher acariciava o tronco de uma árvore e meio se virou, um sorriso no rosto, seus cabelos pálidos como a luz da lua caindo pelos ombros. Liberty ainda não tinha certeza do que fazer com a mulher alienígena no meio deles. Uma ex— prisioneira dos *Raptors*, estava longe do lar e agora fazia parte do pequeno bando.

Liberty sabia por suas poucas conversas com Selenia que a mulher estava desesperadamente triste. Inferno, ela tinha o direito de estar, sabendo que não havia como retornar ao planeta dela. Selenia ergueu a mão e a respiração de Liberty ficou presa. Um grupo de borboletas coloridas apareceu e vibrou em torno dos dedos finos de Selenia. A mulher alienígena riu.

Com uma sacudida na cabeça, Liberty voltou ao acampamento. Havia uma antiga fazenda próxima, flanqueada por um punhado de galpões enferrujados. Não muito, mas sim. Ela realmente esperava que eles chegassem ao Enclave em breve e que pudessem sair desses veículos. Não havia privacidade, nem espaço ... mas, pelo menos, eles estavam vivos.

E era tudo por causa de um homem.

Ela examinou a multidão crescente e o viu. Mesmo sem o uniforme dele, o General Adam Holmes ainda tinha uma inclinação limpa e um ar de autoridade sobre ele. Ele estava conversando com um adolescente e sua família, e o que quer que dissesse os fazia sorrir. O menino tinha desaparecido no ataque de aranha, mas felizmente foi encontrado vivo e bem.

Os esquadrões ajudaram a protegê— los, a equipe médica os curava, mas Adam Holmes era o que planejava estrategicamente, e sempre estava trabalhando para ajudá— los.

Ele colocou um braço em volta de uma senhora idosa e ela se inclinou para ele. Ele deu um tapinha no ombro dela. Ele deixou todo mundo se apoiar nele.

Mas em quem ele se apoiava quando as coisas ficavam difíceis?

E ela sabia que as coisas eram difíceis quase todos os dias.

Ela balançou a cabeça. Ela gostava de guerreiros com corpos rígidos e tatuagens deliciosas. Os homens que queriam um bom tempo, não exigiam muito, e não mergulhavam onde não eram bem-vindos. Homens sem complicações com os quais ela poderia se divertir. Muito antes de os alienígenas terem invadido, ela já havia sobrevivido à sua própria versão do inferno, e quando ela se juntou, ela tinha prometido a si mesma que ela aproveitaria a vida. Que todos os dias, ela aproveitaria e se divertiria — num banho de espuma longo e luxuoso e lindas loções, homens sexy e orgasmos deliciosos.

Mesmo no meio desse apocalipse feio, ela conseguiu manter essa promessa.

Seu olhar foi atraído de volta para o General ... Adam. Algo lhe disse que ele era tudo menos relaxado e uma pessoa de aproveitar a vida. Ele era tudo sobre a responsabilidade e dever. Ela tinha visto as linhas que se encaixavam na boca, a tensão que ele tinha sobre ele.

Sem pensar, ela dirigiu— se em sua direção.

Enquanto caminhava em direção a outro grupo, ela pisou na frente dele.

Ele se endireitou. — Como você está, Liberty?

— Me mantendo. Você?

Um aceno simples e decisivo. — Bem.

— Você realmente precisa de um corte de cabelo.

Sua mão automaticamente foi para o cabelo dele. — Pode esperar.

Ela olhou para ele. Os músculos do pescoço estavam tensos, e ele parecia estar pronto para se curvar. — Não, acho que não pode. Vamos. — Ela balançou a mão para ele seguir.

— Srta. Lawler ...

Ooh, aquela borda fria e autocrática em sua voz tinha que ser uma segunda natureza para ele quando alguém se recusava a seguir suas ordens.

— Venha, Adam, no meio de um apocalipse alienígena, você não pode me chamar de Srta. Lawler.

Um músculo marcou sua mandíbula.

Ela abriu um sorriso. — Você está entrando em seu caminhão e fazendo um corte de cabelo.

Ele ficou ali parado, parecendo conflituoso.

— Por uma vez, por que você não deixa alguém tomar uma decisão? — Disse ela. — Só por um tempo.

— Você é muito teimosa.

— Uma das minhas melhores qualidades.

— Eu duvido disso. — Depois de outro segundo, ele assentiu. — Bem. Um corte de cabelo seria bom.

Ela caminhou ao lado dele em direção ao caminhão. Ele tinha seu SUV modificado. A área nas costas havia sido criada e convertida em um espaço vivo com um lugar para dormir. Ele abriu a porta e ela olhou para dentro.

Não era grande. Um único beliche, bem— feito, algumas prateleiras e armários embutidos, que incluíam um computador e um pequeno tamborete aparafusado ao chão.

Ela entrou, virou— se e sentou— se na cama. — Você se senta no banquinho. Eu tenho espaço suficiente para trabalhar.

Ele puxou a porta para trás e as luzes acenderam automaticamente.

Sentou— se no banquinho, de costas para ela e se mexeu um pouco.

Liberty puxou suas tesouras do bolso e colocou— as numa pequena prateleira. Ela estava acostumada a carregá— las com ela em todos os lugares que ela ia.

Ele olhou para elas. — Foi com isso que você salvou a minha vida?

— Sim. — Ela tocou seu cabelo. Ela era a cabeleireira não oficial da base. Não tinha sido sua profissão antes, apenas algo com que ela se debruçava, mas ela tinha tido bastante prática ultimamente para ficar muito bom nisso.

Além disso, ninguém era muito exigente com seu penteado no meio de uma invasão alienígena.

— Não se preocupe. Limpei— as muito bem. — Ela passou as mãos pelos fios escuros de seus cabelos. Era muito mais suave e sedoso do que imaginava. Ele tinha um pinga de cinza em cada têmpora que parecia inteligente e distinto. Isso lhe serviu com escandalosidade.

Liberty balançou a cabeça. Inteligente e distinto nunca tinha sido sua coisa. Sempre foram os músculos, pontas firmes e braços musculosos. Mesmo seu ex— marido bastardo — que sua alma apodrecesse no inferno — tinha sido um treinador pessoal e, mesmo que o odiasse, o homem ainda era delicioso.

Adam Holmes não era nada como nenhum homem com quem já estivesse antes.

Ela começou a trabalhar cortando seus cabelos. Ela não iria cortá— lo de volta ao curto militar. Na verdade, ele se adequava a ele um pouco mais. Ela acabou por arrumá— lo um pouco.

Sua cabeça inclinou— se um pouco para a frente. Estudando o comprimento de suas costas escuras, ela apoiou as mãos nos seus ombros.

Ela sentiu os nódulos duros e a tensão irradiando. Como ele poderia funcionar assim? Ele tinha que estar em agonia.

Ela terminou o corte e colocou suas tesouras para baixo. Então ela apertou as mãos nos ombros.

Ele gemeu antes que ele se pegasse. — O que você está fazendo?

— Como diabos você passa o dia com esses músculos tensos como cordas?

— Eu faço o que eu tenho que fazer. — Mas sua cabeça caiu para frente novamente, colocando seu pescoço à sua disposição.

Ela puxou os dedos para dentro, trabalhando nos nódulos.

— Deus ... isso é tão bom.

Ela sorriu e continuou a evitar a tensão. Ela se afastou um pouco, seu tecido de camisa escorregando sob seus dedos e entrando no caminho. Ela podia sentir que seus ombros também estavam tensos.

— Tira a camisa. Isso tornará mais fácil.

Ele fez uma pausa. — Não tenho certeza ...

Ela empurrou os dedos com força. — Preocupado que vou tirar proveito de você, General?

Ele fez um sorriso zombador. — Eu não sou seu tipo ... e eu sou muito velho para você.

Ela riu. — Tenho trinta e cinco anos, Adam, e você não é velho. Agora aja como um adulto e tire sua camisa.

Ele olhou por cima do ombro, estudou— a e ficou de pé. Sua cabeça escovou o topo do caminhão. Ele rapidamente trabalhou os botões rapidamente. Então ele encolheu os ombros e a camisa caiu no chão.

Liberty se acalmou, sua respiração pegando no peito.

Ele era ... construído.

Não esperava os músculos duros, firmes e lustrosos. Ele não era volumoso como alguns dos soldados, mas definitivamente havia força e uma dureza deliciosa, nenhuma mulher poderia ignorar.

— Você está se segurando, General.

CAPITULO TRES

Adam sentou— se imóvel, ouvindo a respiração silenciosa de Liberty atrás dele. Ele sentiu que sua presença enchia todo o espaço.

Ele ouviu o interesse em sua voz, e a tentação girou ao redor dele como o aroma de seu café favorito. Ele não tinha tomado uma xícara de mocha de chocolate branco desde a invasão, e era improvável que voltasse a ter.

Ele apertou as mãos na borda do tamborete debaixo dele. — Eu não sei o que você quer dizer.

Uma mão lisa deslizou sobre seu ombro, alcançando para acariciar um lado do peito.

— Oh, eu acho que você sabe. — Suas unhas arranhavam seus lados. — Quem sabia que você estava escondendo tudo isso sob seus uniformes engomados?

Seu toque se sentiu tão bem e ele fechou os olhos. — Como eu disse, não sou seu tipo.

— Oh? — Sua mão acalmou. — E qual é o meu tipo? — Sua voz era baixa, sedosa e apenas um pouco perigosa.

Adam engoliu em seco para molhar sua garganta seca.
— Qualquer um que você queira. Você é jovem, confiante, atraente.

Ela pisou na frente dele e contra seu melhor julgamento, seu olhar se moveu para seus seios. Ela deixou alguns botões de sua camisa azul desfeita e ele conseguiu uma boa sugestão do que estava por baixo. O cheiro dela chegou até ele — mulher calorosa, algo exuberante e feminina.

Fazia tanto tempo que ele tocou em uma mulher. Muito tempo desde que ele foi tocado.

E ele sabia que era uma inclinação escorregadia e viciante.

Um toque roubado nunca seria suficiente. Ele soltou um longo suspiro e tentou juntar o seu controle voraz.

Ela estendeu a mão e tocou novamente o peito dele. — Você não é velho ou pouco atraente. — Seus dedos se derramaram para baixo. — Muito pelo contrário.

Ele agarrou seu pulso. — Eu não estou brincando com você, Liberty.

— Eu não estou brincando. — Havia um profundo poço de paciência em seu olhar ... mas também outra coisa que fez seu estômago apertar.

Calor. Desejo. Por ele.

Seu controle disparou.

Ele agarrou seus quadris e a puxou para perto, puxando— a para ficar entre suas pernas.

Seus lábios vermelhos se separaram e o pau de Adam ficou dolorosamente duro. Era muito fácil imaginar o que ele poderia fazer com esses lábios bonitos.

— Eu não tenho relacionamentos. — Sua voz era um grunhido.

— Eu nunca lhe pedi um. — Suas mãos descansaram em seus ombros, amassando novamente. — Mas todos nós precisamos de alguém. Mesmo por pouco tempo. Especialmente agora.

Seu perfume o inundava, deixando— o sentindo— se como um garanhão com o cheiro de uma égua no calor.

Suas unhas suavemente marcaram a pele do pescoço. — É difícil estar sozinho. — ela murmurou. — Sem uma casa, sem ninguém em quem se apoiar.

Adam piscou, podia ouvir a experiência em sua voz, mergulhada em algo doloroso. Ele não podia imaginar uma mulher como Liberty estando sozinha.

— Eu não tenho amigos. — Enquanto suas mãos vagavam sobre sua pele, cada última porção de seu sangue foi para o sul. — Eu ... não posso ter amigos.

— Besteira. — Ela se inclinou e beliscou sua orelha. — Você tem amigos, mesmo que não os reconheça.

Ele puxou— a mais perto até ela montar em seu colo. Assim que ela pressionou contra seu pau duro, ambos gemeram.

— Liberty ... não posso fazer isso.

Ela balançou os quadris, esfregando— se contra ele e Adam apertou os dentes.

— Parece que você pode fazer isso muito bem.

— Bem. Eu não deveria fazer isso. — Porra, seu controle quase estava destruído a pó.

— Adam ... Não estou pedindo mais do que você pode dar. Eu tento viver minha vida por algumas regras simples. Ser gentil com os

outros e fazer o que quiser. Desfrutar do inferno da vida. — Ela se moveu contra ele, começando um movimento de balanço que quase fez sua cabeça explodir. — Isso é bom e acho que você também gosta, e eu serei honesta com você. Eu gosto de sexo. E costumo tentar encontrar homens que não se importam com o fato de que eu gosto disso.

— Deus, Liberty, você está me expulsando da minha mente. — Ele apertou suas mãos sobre as curvas de seu traseiro.

Ela sorriu, e era um sorriso largo e feminino que foi projetado para fazer um homem pensar em sexo. — E você simplesmente nunca deixa de pensar?

— Eu não posso ... nunca. Estamos em uma posição precária com o comboio, eu tenho que estar pronto ...

Ela se inclinou para frente e pressionou a boca contra a dele.

Deus, ela o queria. Ela queria o General Adam Holmes.

Ela moveu seus lábios sobre os dele. Ele tinha um sabor bom e por um segundo, sentou-se lá, deixando-a assumir a liderança.

Então alguma coisa nele ... disparou.

Ele segurou sua cabeça, sua língua deslizando em sua boca. Ele a beijou como um homem afogado à procura de ar. Logo, Liberty ficou chocada ao ouvir pequenos gemidos sufocados vindo ... dela. Ele era como um homem possuído ... e ela era sua obsessão.

Suas mãos estavam apertadas com força em sua pele, mas Liberty tinha muita experiência para julgar o contato áspero de um homem. Isso não era raiva, maldade ou vingança.

Era uma necessidade primária e primordial. Desejo quente e derretido.

Com um gemido, ela se libertou, ofegante. Seu cabelo recém-cortado estava confuso, e cor corria ao longo de suas maçãs do rosto. Seu peito nu também estava tremendo.

Ela deslizou do colo e ficou de pé. Ela observou o seu rosto, passando do homem excitado para o General controlado.

Oh não, você não vai recuar. Ela desfez os botões de sua camisa e deixou cair no chão. Levou alguns segundos para sair do jeans e calcinha. Ela estava parada diante dele, nua.

Seu olhar quente percorreu ela. O olhar em seu rosto ... ele fez seu interior quente. Reverente. Ela nunca, nunca teve um homem olhando para ela assim de modo algum antes. Ela nunca se sentiu mais bonita.

Ele puxou-a mais perto e, com um rosnado, sua boca se fechou sobre seu mamilo.

— Sim. — Ela afundou as mãos nos cabelos, exortando-o.

Ele sugou, lambeu e mordeu. Ele mudou para o outro lado, puxando duramente, a sensação se dirigiu para baixo pelo meio entre as pernas, onde já estava úmida.

Sentiu sua mão deslizar sobre seu quadril, então entre seus corpos, mesmo enquanto ele continuava adorando seu peito. Seus dedos fortes roçaram sua barriga e depois mergulharam entre suas coxas.

Ele gemeu contra sua pele e sentiu que ele a acariciava.

Ele levantou a boca dela. — Deus, você é tão suave aqui, tão quente.

Seus dedos cruzaram suas dobras. Ele a explorou e ela se moveu contra sua mão. Então ele afundou um dedo dentro dela.

— Sim. — A palavra terminou em um assobio. Liberty se entregou ao sentimento glorioso de Adam explorando-a, curtindo-a. Ele estava focado em descobrir todas as pequenas partes dela.

Ele puxou para fora, depois afundou dois dedos de volta dentro dela. — Apertada.

Ela estava se remexendo em sua mão agora, desesperada por mais. Ela sentiu o pincel de seu polegar, e ele encontrou seu clitóris. Ela empurrou.

— Lá está. — ele murmurou.

Ela olhou para baixo cegamente e viu seu olhar colado em seu rosto com uma intensidade quase assustadora.

Ela sabia que ele era um homem dedicado com uma forte ética de trabalho. Felizmente para ela, ele pareceu aplicar ambos os traços ao sexo também.

Ele pressionou seu clitóris, esfregando-a em círculos curtos e escorregadios. Ela estava subindo e descendo em sua mão, deixando as sensações construir dentro dela.

— Sim. Por favor. Adam. — Ela não conseguiu fazer uma frase coerente.

— Venha, Liberty. Venha em minha mão e deixe-me sentir isso.

Ela se inclinou e mordeu o ombro dele. Isso abafou o grito quando ela veio. Duro.

Eles ficaram lá por um minuto enquanto ela respirava. Seus dedos ainda estavam alojados dentro dela e seu corpo se sentia elétrico, mas relaxado ao mesmo tempo. O pau dele estava duro por baixo dela, sua respiração dura.

E Liberty sabia uma coisa.

Ela queria mais.

Ela deslizou para fora dele, gemendo enquanto seus dedos escorregavam de seu corpo. Seu rosto estava em linhas rígidas, o desejo o elevando com sua força. Seu olhar moveu seu corpo, lentamente, deliberadamente, bebendo-a.

Então, Adam Holmes, um homem que ela colocou como conservador e controlado, levantou a mão e lambeu os dedos. Chupando o gosto dela na boca dele.

A barriga dela contraiu.

Sem perder tempo, ela caiu de joelhos na frente dele. Ela desabotoou o cinto e lutou com o zíper de suas calças. Ele a ajudou a deslizar suas calças e boxers.

Ela se recostou, os olhos arregalados. Ele estava escondendo muito mais do que um corpo musculoso sob seu uniforme.

Ela segurou seu longo e grande pau. Seus dedos não podiam fechar ao redor dele. — Bem, bem, General Holmes ...

Ele deslizou uma mão em seu cabelo, puxando a cabeça para trás um pouco, fazendo-a sentir uma pequena picada no couro cabeludo. — Você me chama Adam aqui. Compreendido?

Ela assentiu com a cabeça e incapaz de parar-se, bombeou seu belo e grande pau na mão. Um pouco de prazer se escapou.

Ele gemeu, inclinando-se para a frente. — Você mantém isso, e eu vou derramar em sua mão.

— Então eu não posso coloca-lo na minha boca e engolir você?

Ele gemeu novamente. — Tenha um bom tempo.

— Bom. — Ela se inclinou para frente e sugou seu pau entre seus lábios.

Adam sentiu como se tivesse sido atingido por um raio. Ele não podia acreditar no que estava acontecendo.

Ele tinha Liberty — bela, confiante e livre de espírito — sugando seu pau.

Sensações explodiram através de seu corpo. Ele estava tão desacostumado em estar perto de qualquer pessoa, de tocar alguém, para que alguém o tocasse assim.

Quando as unhas de Liberty penetraram em suas coxas e seus gemidos gêmeos vibraram em torno de seu pau, ele sentiu seu lançamento iminente crescer na base da coluna vertebral.

Fazia muito tempo que ele tocará uma mulher, mas não havia como no inferno que ele estava vindo antes que ela voltasse a fazer.

Quando ela se moveu, seus seios cheios balançando, e seu rosto deslumbrante corado, ele não tinha certeza de ter visto algo mais bonito.

Ele deslizou a mão e segurou seu peito. Enquanto seus dedos puxavam seu mamilo, ela respirou fundo. Aqueles olhos azuis atingiram os deles, ficaram trancados lá. Seus lábios se separaram ao redor dele e, enquanto ele empurrava os quadris para a frente, ela o sugou com mais força.

Seu pau latejava e ele tensionava todos os músculos, tentando parar de se espalhar dentro de sua boca como um adolescente sangrento.

Ele ainda não terminou com Liberty Lawler.

Adam subiu a cabeça, puxando-a para dentro de seus braços. Seu pau escorregou de suas mãos e ela fez um pequeno sinal de protesto, seu olhar azul sobre ele.

Ele girou e a colocou em seu pequeno beliche. — Eu quero ver você gozar novamente. — Ele encontrou seu clitóris e esfregou. Ainda se sentia inchado e esguio de suas últimas carícias.

Desta vez, ele queria que ela chamasse seu nome.

Ele sabia como ela gostava de ser tocada agora. Ele usou esse conhecimento implacavelmente, tocando seu pequeno botão e empurrando os dedos dentro dela. Ela estava balançando os quadris até o toque dele.

Os sons que ela criou ... ele se perguntou se ela sabia que um homem ouviria aqueles roncões, pequenos gritos em seus sonhos e, instantaneamente, se espalharia.

— Estou gozando. — Suas palavras eram apenas mais do que uma onda de ar. — Oh, Deus, eu vou gozar.

— Goze — Ele acrescentou pressão.

— Sim!

Ele sentiu o corpo ereto, as pernas apertadas nos quadris. Ela se ergueu, seus braços escorregando ao redor dele, suas unhas cavando forte na pele de seus ombros. — Diga meu nome, Liberty.

Suas pálpebras vibraram, suas bochechas encheram-se de calor.

— Diga meu nome. — ele resmungou.

— Adam ... — Ela arqueou suas costas e seu orgasmo caiu sobre ela.

Ele a segurou, apertando os dentes enquanto seu corpo se apertava sobre ele, tentando conter seu próprio lançamento.

Mas ele não podia.

Como um homem selvagem, seus quadris avançaram. Apenas observando-a, seu gosto em seus lábios, teve seu orgasmo se aproximando dele como uma força imparável.

Ela puxou as mãos livres e apertou-as na bunda. — Venha. Está tudo bem. — Um sussurro quente.

Seu pau escovou sua pele lisa. Com um grunhido, seu lançamento bateu. Ele sentiu o palpitar dos músculos em seu pescoço e ele se esvaziou sobre sua barriga macia. Ele sentiu a picada doce de suas unhas marcando suas costas.

Ele desabou para a frente, deslocando-se para deitar na cama e puxá-la perto dele. Ela fez um barulho pequeno e exausto e enterrou-se nele.

Ele puxou seu corpo quente e exuberante mais perto. Por enquanto, não havia peso de responsabilidade, nem estresse, nem culpa. Pela primeira vez em mais de um ano e meio, sentiu-se ... bem.

— General ... você sabe como usar uma garota. — Ela pareceu um pouco desconcertada e muito satisfeita. — Dois orgasmos ... — Ela fez um zumbido satisfeito.

Ele alcançou e agarrou seu queixo. — Adam. Você me chame de Adam.

Ela lambeu os lábios, sorrindo.

— Sim, senhor. — Seu rosto se suavizou. — Adam.

Deus, o que ele fez? Ele fechou os olhos. Ele simplesmente ignorou todas as suas regras pessoais sobre confraternizar com as pessoas que ele liderava.

Então, eles não tiveram relações sexuais, mas certamente tiveram alguma coisa.

Com um gemido quase silencioso, ele enterrou o rosto na nuvem de cabelo loiro. Ele realmente gostou de vê-lo espalhar-se no seu simples travesseiro branco. O mesmo que ele se deitou noite após noite, olhando para o telhado, preocupado com o comboio.

Agora, ele teria outra lembrança.

Ela acariciou seu braço. — Eu lhe devo um orgasmo.

Seu pau se sacudiu, enchendo. Ele implacavelmente tentou controlá-lo. — Não é um concurso.

Ela levantou a cabeça, o sorriso largo. — Oh, eu sei disso. Mas eu gostaria muito de lhe dar outro de qualquer maneira.

— Não ... não. — Ele saiu da cama e pegou uma toalha. Ele lhe deu as costas dele enquanto ele limpava e depois puxava suas calças.

— Adam?

Quando ele se virou, ela estava sentada, seu lençol apertado em seu peito.

Porra. Ele nunca deveria, a ter tocado. — Isso não deveria ter acontecido, Liberty. Eu ... Eu simplesmente não posso ter relações pessoais com ninguém. Isso vai nublar meu julgamento ... tornar as coisas mais difíceis.

— Você realmente acredita nisso, não é?

Ele passou uma mão por seus cabelos, então abriu seu pequeno armário e puxou uma camisa limpa. — Olhe, obrigado pelo corte de

cabelo, e ... — Ele precisava ser honesto, ele devia isso a ela. — E obrigado por confiar em mim mesmo. Eu sei que talvez não tenha sido exatamente o que você queria, mas foram os melhores momentos que tive em muito tempo.

Ela o observou constantemente. Ele teve dificuldade em ler o rosto dela. Ela não parecia zangada nem chateada, apenas curiosa.

Mesmo que ele curvasse suas regras, ele nunca conseguiria manter uma mulher como Liberty. Ele sabia que ele seria um desvio temporário para ela. Antes que ele soubesse, ela voltaria para quem mais capturasse seu interesse. Alguém que pudesse dedicar todo seu tempo e atenção a ela.

Ele terminou de abotoar a camisa. — Vou sair e ... fazer algum trabalho. Fique o tempo que quiser.

Ele pulou do caminhão e fechou a porta. Então ele soltou um suspiro tremulo.

Amanhã, tudo voltaria ao normal.

CAPITULO QUATRO

Liberty se dirigiu para a área onde Adam estava dirigindo os esquadrões ao nascer do sol da manhã.

Ela estava segurando duas xícaras descartáveis de café e, apesar do fato de que estavam fugindo, sentiu-se gloriosa. Seu corpo estava relaxado e saciado, uma lembrança de coisas que ela não estava planejando esquecer em breve.

E ela não estava planejando deixar Adam Holmes se esquecer, também.

Ao redor de Adam, soldados duros e musculosos se debruçavam contra os veículos, bebendo café e murmurando entre si. As mulheres soldadas, misturadas entre eles, pareciam tão duras.

Ela teve uma sessão ou duas de diversão com um ou dois dos homens que estavam ali, sem qualquer tipo de compromisso.

Mas nenhuma dessas experiências atingiu a intensidade do que fez com o General Adam Holmes na noite anterior.

Ele ficou na frente do grupo, com as mãos cruzadas atrás de suas costas. Ele não estava vestindo seu uniforme, mas sua camisa azul escura estava mergulhada em suas calças, e ele ainda parecia um General.

Ele não parecia um General ontem à noite, quando seus dedos estavam entre suas pernas. Ela sempre admirava a concentração, o foco e a dedicação do homem. Ela nunca tinha imaginado ter tudo o que se voltasse para seu prazer.

Suas mãos apertaram nas xícaras. Ela sentiu sua calcinha ficar úmida.

Sim, queria Adam. Ela queria saber tudo sobre ele. Depois que ele a deixou na noite passada, ela levou muito tempo a limpar e se vestir. Ela percorria seu pequeno espaço de vida, absorvendo tudo o que podia.

— Esta é a rota mais direta para o Enclave. — Adam apontou para uma linha no mapa holográfico projetado no ar. — Mas não podemos correr o risco de tomar isso. Ele usa as estradas principais, e há apenas muitas patrulhas de *Raptor* focadas lá. — Ele viu Liberty e fez uma pausa.

Ele percebeu ela também, e ficou de onde ela estava curvada sobre um computador. — Convidei Liberty para a reunião. — Elle acenou para ela mais perto. — Estou preocupada com a moral do comboio, e acho que ela é a pessoa que pode nos ajudar.

Liberty se aproximou.

— Bom dia. — Ao passar por Adam, ela apertou o segundo copo de café na sua mão.

Ele ficou confuso por um segundo, antes de abrir a garganta e continuar a conversar. — Lia e a equipe de drones pegaram muitas dessas bolas alienígenas, que presumimos, estarem cheias de criaturas aranha. Nós definitivamente não queremos nos emaranhar com mais deles.

Liberty encontrou um lugar para se sentar e se perguntou se alguém notou o quanto ele parecia cansado. Ela não se arrependeu de um segundo da noite passada, e desejou ter feito muito mais, mas lamentava que ele não parecesse ter dormido muito.

— General. — Noah Kim, chefe da equipe de tecnologia, deu um passo à frente. — Meu time vem analisando a carcaça de aranha que mantivemos para análise.

— Por que os geeks estão fazendo isso? — Isso veio de Roth Masters. — Eles são alienígena, certo? A equipe médica não deveria fazer a autópsia e a análise?

— Porque as coisas não são completamente orgânicas. — disse Noah com uma paciência exagerada e uma carranca. — Eles têm componentes orgânicos, mas eles não estão vivos. São máquinas.

Resmungos entraram em erupção dos soldados.

— Mas ainda podemos mata-los. — disse Marcus.

Noah assentiu com a cabeça. — Sim. Mas a diferença é que essas coisas são programáveis. Eles não estão criando criaturas. Eles não se afastarão da programação deles, mesmo que estejam com a merda que poder nos explodir ao esquecimento.

Liberty enrugou o nariz. Isso não pareceu bom.

— E qual é exatamente a programação deles? — Perguntou Adam.

— Nos matar. — disse Noah. — Isolei um código *Raptor* e, com a ajuda de Elle, deciframos o que podemos. — O rosto do gênio tecnológico ficou triste. — Eles não estão procurando nos capturar mais. Eles nos querem mortos.

Os resmungos estavam mais alto agora. Tane Rahia - chefe dos *Berserkers* - deu um passo à frente. — Eles podem tentar.

Liberty estremeceu. Ele era um soldado com quem nunca havia se enredado. O homem era atraente como o inferno, mas também assustador.

— Independentemente das aranhas, das patrulhas de *Raptors* e dos *Pteros* que realizam bombardeios aleatórios, conduzimos o comboio ao Enclave. Esta é a melhor rota. — Uma linha verde torcida brilhava no mapa. — É mais longo e adiciona outro dia, mas deve ser

mais seguro. Nós identificamos um lugar para passar esta noite. — Ele apontou.

Liberty não conseguiu achar nem pé nem cabeça no mapa. Ela era uma pessoa popular e muito melhor na leitura de rostos e linguagem corporal do que nos mapas.

— É uma mina antiga. — disse Elle, girando na cadeira. — Como todos sabem, o Enclave foi construído em uma mina antiga, e esta área está cheia de minas de carvão subterrâneas.

Adam passou um pouco. — Não será confortável. É velho, escuro e possivelmente perigoso ...

— Mas melhor do que acampar para onde os *Raptors* podem nos encontrar. — Marcus resmungou.

Liberty olhou para Marcus. Ela tinha tido um olho no soldado áspero e com cicatriz no início - por toda a sua aparência dura, ele inspirou uma sensação de segurança. Mas o cara era completamente louco por Elle. Os dois eram perfeitos um para o outro. Ele suavizou a aspereza de Marcus e Marcus sacudiu Elle fora de sua zona de conforto. Liberty estava feliz por eles dois.

Na verdade, de forma estranha, Adam e Marcus eram um pouco iguais. Não com aparência ou temperamento, mas foram cortados do mesmo pano. Líderes, as pessoas os ouviam, homens com quem você se sentia segura. Ambos eram leais e dedicados a proteger os outros com a exclusão de tudo.

Ela viu Adam pausar e tomar um gole de seu café. Ele se acalmou, algo cruzando o seu rosto. Algo que a lembrou de forma aguda quando a abraçou nua nos braços.

— Então, será nosso único objetivo hoje chegar à mina. — disse Adam. — Com segurança. Não quero perder mais pessoas.

Houve um silêncio tenso no grupo. A maioria deles pensaram profundamente sobre todas as pessoas, amigos e colegas sobreviventes, que eles já haviam perdido.

Adam mudou, rompendo o momento. — Eu gostaria de uma atualização sobre os planos de desvio. Masters?

Roth assentiu com a cabeça. — Steele tirou a palha curta, então o *Hell Squad* e o Esquadrão Um fornecerão segurança para o comboio. — Roth sorriu para Marcus. — Então, sem explodir alienígenas para você hoje.

Marcus encolheu os ombros. — Eu acho que posso lidar com isso.

— Mac pode te contar o resto. Ela está assumindo a liderança no trabalho de preparação.

A segundo em comando de Roth, Mackenna Carides, deu um passo à frente. Nos primeiros dias da Base *Blue Mountains*, muitas pessoas haviam diminuído a pequena mulher com seus cabelos longos e escuros. Mas a soldado era todo um músculo bem apertado, sabia como usar sua arma e era bem conhecida por jogar homens muito maiores nas esteiras durante o treino.

— Meu Esquadrão levará o *Darkswifts* para cima. — disse Mac. — Planejamos fazer algumas breves coordenadas em patrulhas alienígenas. Nós planejamos um padrão disperso, para expulsar os alienígenas do cheiro do comboio e do nosso caminho pretendido.

Adam assentiu. — Boa.

— Falando em perfume. — acrescentou Roth. — Devemos nos preocupar com os *Rexes*?

Liberty estremeceu. Os alienígenas tinham grandes bestas de Tiranossauros, e os usavam como cachorros de busca. Eles tinham pacotes deles, selados com cavaleiros, nas montanhas.

— Por algum motivo, não vimos nenhum em varredura. — Adam tomou mais de seu café. — Por enquanto, teremos apenas pequenas distrações e nos manteremos atentos.

Roth assentiu com a cabeça. — Tane e seus *Berserkers* farão algum fogo de guerrilha.

Tane não se endireitou nem olhou para cima. — Nós temos algumas coisas nas nossas mangas.

Liberty levantou uma sobrancelha. A maioria dos *Berserkers* nem sequer usava armadura superior, e muito menos mangas. Seu bíceps musculoso e tatuado estava frequentemente exibidos.

Um olhar resignado cruzou o rosto de Adam. — Eu acho que não quero saber os detalhes dessas coisas?

Tane ergueu a cabeça, seus olhos escuros em seu rosto magro. — Provavelmente não.

Adam suspirou. — Tudo bem, o que mais?

— Estou emprestando MacKinnon para o Esquadrão Sete. — disse Marcus. — Ele é o nosso melhor homem em explosivo. Ele pode ajuda-los a estabelecer algumas distrações que farão com que os *Raptors* pensem duas vezes depois de nos perseguir.

Reed MacKinnon deu uma saudação. Liberty tinha ouvido rumores de que o antigo *Navy SEAL* era um maestro com explosivos.

Uma ruiva com pele cremosa deu um passo à frente. — Nós temos todos os nossos drones para cima. Estamos nos concentrando na área circundante e à frente do comboio. Se houver algum alienígena para detectar, ou suas bolas de aranhas no alcance, nós as encontraremos.

— Boa. Obrigado, Lia. — Adam tomou outro gole longo do café dele. — Elle? Liberty? Você queria falar sobre o comboio.

Elle assentiu. — Convidei Liberty porque ela tem o dedo no pulso do comboio.

O olhar azul intenso de Adam seguiu seu caminho.

— Eu assisto e eu escuto. — Liberty sorriu para os soldados à sua volta. — Eu gosto de falar com as pessoas, ao contrário de algumas pessoas por aí que só conseguem gerenciar xingamentos e grunhidos.

Houve alguns retumbos gentis.

Então, Liberty não conseguiu manter o sorriso no rosto por mais tempo. — As pessoas estão cansadas, assustadas e frenéticas. — A conversa em torno dela parou. — Na verdade, eles estão em um ponto de ruptura.

Adam empurrou uma mão pelos cabelos, lembrando que não era mais uma bagunça tremenda. Os pensamentos de seu corte de cabelo — e o resto daquela noite — tentaram penetrar em seus detalhes de planejamento e rotas, mas ele empurrou impiedosamente.

Concentre-se no comboio. Ele sabia que os sobreviventes estavam à beira de seus limites, inferno, todos eles, mas esperava que sua resistência os levaria até a última etapa da jornada.

Eles estavam tão perto agora.

Quando os soldados ao seu redor entraram em erupção com comentários e perguntas, ele tomou outro gole de seu café. Ele quase gemeu em voz alta. Era exatamente como ele gostava. Forte, com muito leite espumante. Ele não sabia como ela adivinhou o que ele gostava, mas parte dele se perguntou se Liberty era psíquica.

Não. Não psíquica. Apenas muito, muito boa em ler pessoas, e ele estava curioso para saber onde ela pegou essa habilidade.

— Como mantemos a moral? — Perguntou ele.

— Lembre-lhes por que estamos fazendo isso. — Respondeu Liberty. Ela tomou um gole de seu próprio café.

Adam encontrou seu olhar colado em seus lábios vermelhos quando eles se enrolaram na borda de sua xícara. Ela estava usando algum tipo de brilho, e seus lábios brilhavam. Assim como eles pareciam brilhar quando ele terminou de beijá-los.

— Eles precisam de uma lembrança do que é importante. — acrescentou Liberty, seu olhar agarrando-se ao dele.

Adam mudou, sentindo uma vaga sensação de desconforto. — O que você sugere?

— Algo para deixar algum stress sair. — Seu olhar direto nunca vacilou entre os dele.

Ele viu um reflexo de sua noite juntos no azul profundo. Ela estava pensando em como se sentia quando seus dedos estavam dentro dela, sua boca na dela. Isso foi direto ao pau dele.

— Uma reunião. — disse Liberty, esmagando os pensamentos acalorados de Adam. — Uma festa. Algo que comemora sobrevivência, vida ... amor.

Adam teve que lembrar a si mesmo que, por mais quente que fosse seu encontro com Liberty, acabou. Tinha terminado. Um erro de julgamento em seu nome.

Ele se forçou a se concentrar no assunto em questão. — Não temos tempo para uma festa. Nós estamos fugindo. Mais dois dias de viagem e estaremos lá.

Liberty sacudiu o cabelo para trás, os gloriosos fios de ouro brilhando no sol. — Alguns não têm tanto tempo. Eles não conseguem.

Adam sentiu-se em conflito. Ele olhou os rostos duros de seus soldados. Nenhum deles desistiu. Eles pegaram suas armas e lutaram, arriscaram suas vidas, todos os dias.

As pessoas do comboio também teriam que fazer o seu jeito e continuar em movimento.

— Não. Eu sinto muito. Não podemos.

Liberty parecia querer discutir, mas ela deu um aceno lento.

A mão de Adam apertou seu café refrescante. Ele sentiu como se ele a desapontasse. — Tudo bem, todos, vamos trabalhar e entrar na estrada.

Os esquadrões espalharam-se, dirigindo-se para ajudar o comboio a arrumar, ou para começar as distrações que tinham planejado para os alienígenas.

Ele se virou para encontrar Marcus ao lado dele, seu rosto era uma máscara difícil.

— Considere o que ela disse. — disse o homem.

— Dois dias, Marcus. Estaremos lá.

— Se não lembramos o que é importante ... a vida não vale a pena viver.

As memórias atingiram Adam. Os gritos rudes de Liberty, sua boca inteligente, seu corpo curvilíneo.

Marcus mudou-se. — É muito mais fácil lutar sabendo que tenho alguém que vale a pena lutar. Alguém pelo que vale a pena viver. — O soldado assentiu e se afastou.

Alguns deles não tinham tanta sorte. Empurrando tudo de lado, Adam atravessou seu campo improvisado, exortando as pessoas a arrumarem e se preparando para sair. Ele vislumbrou Liberty se movendo aqui e ali, mas obrigou-se a não se aproximar dela.

Ele precisava de algum espaço dela ... caso contrário, ele seria obrigado a agarrá-la e arrastá-la de volta para o caminhão.

— Tudo bem, todos, vamos mudar. Estamos tão perto de alcançar ao Enclave.

— Hoje? — Uma jovem mulher perguntou ansiosamente.

— Amanhã. — ele respondeu.

Seus ombros caíram um pouco. — Parece que sempre é amanhã. — A mulher virou-se para o veículo.

Com um suspiro, ele se virou para o caminhão, quase correndo para alguém. — Desculpa.

— Está tudo bem, General. — Grandes olhos verdes olharam para ele.

Selena era sua carta louca. Um alienígena que haviam resgatado dos *Gizzida*, sua espécie também era um inimigo dos alienígenas. Ela não parecia muito diferente dos humanos, com seu corpo magro e forma humanóide, mas sua pele incrivelmente pálida, grandes olhos verdes e sangue verde a denunciavam.

— Nós nos iremos em breve. — disse ele.

Ela assentiu. — Eu estarei pronta.

Ele limpou a garganta. — Como você está?

Um sorriso triste atravessou seu rosto. — Agradecida, que você me pegou. — Com um aceno de cabeça, ela se apressou.

Adam entrou no caminhão e viu que o soldado designado para dirigi-lo hoje parecia que ele estava mal fora de sua adolescência. — Cadete.

O jovem acenou com a cabeça. — Senhor. Um prazer em dirigir você hoje.

Adam assentiu. — Qual o seu nome?

— Cadete Matthew Daniel Terrance Mitchell, senhor.

Os lábios de Adam se contraíram. — Eu acho que vou chamar você de Cadete.

O homem olhou para ele. — Está bem, senhor. Embora ninguém se preocupe tanto com o Ranking mais, não é?

Bem, todos o chamavam de General. Apenas uma pessoa o chamou de Adam, no escuro da noite, lhe sussurrando calorosamente na orelha.

Ele se moveu para dissipar a ereção levantando-se nas calças. — Vamos começar, Cadete.

O Cadete Mitchell assentiu de novo e pousou as engrenagens, colocando o veículo em movimento.

— Você tem família no comboio? — Perguntou Adam.

Um olhar desolado atravessou o rosto do jovem. — Não, senhor ... eles viviam na costa oeste. Em Perth. Nunca consegui confirmar se eles sobreviveram ou não.

Adam fechou os olhos por um momento. Perth tinha sido bombardeada fortemente, e a distância entre a costa leste e oeste era vasta. Não é fácil para os sobreviventes se dirigirem nessa direção.

— Eu sinto muito.

Cadete Mitchell encolheu os ombros e um pequeno sorriso surgiu. — No entanto, tenho uma namorada. Eu a conheci na Base *Blue Mountains*.

Adam ergueu uma sobrancelha, observando a cor preencher as bochechas do homem.

— Ela é bonita e inteligente, e por algum motivo ela realmente gosta de mim.

— Essa é uma ótima notícia, Cadete. — A excitação e o amor que exsuda do jovem fizeram com que Adam se sentisse insuportavelmente velho. — Bem, parece que você tem uma excelente razão para nos levar com segurança ao Enclave.

O jovem se esticou. — Sim, senhor, eu tenho.

CAPITULO CINCO

A primeira hora da viagem lenta foi sem intercorrências.

Adam manteve o olhar em frente, alerta para qualquer movimento. Ele sabia que os Operadores de Drones e Oficiais de Comunicação o avisariam bem antes de detectar qualquer coisa, mas ele não queria correr o risco.

Ainda assim, ele foi quem viu o objeto primeiro.

Ele entrecerrou os olhos e inclinou-se um pouco para a frente. Era uma sombra escura contra o sol da manhã. — Reduza a velocidade, Cadete.

O veículo desacelerou. — O que diabos é isso? — Mitchell murmurou.

Adam tocou os controles de comunicação no traço. — Elle, você está aí?

— Sim, General.

— Qualquer assinatura estrangeira?

— Não, senhor, nada.

— Obrigado. *Hell Squad*?

— Sim. — A voz grave de Marcus. — Nós vemos isso.

Adam sabia que o Esquadrão Seis estava no veículo blindado *Z6Hunter* logo à frente dele. — Aproxime-se com cautela.

À medida que avançavam lentamente, a silhueta alta e escura ganhou detalhes.

Adam respirou fundo. Ele tocou a comunicação novamente. — *Hunters*, siga em frente. Todos os outros veículos do comboio parem e aguentem.

— Oh, meu Deus. — Inspirou Mitchell.

Uma enorme estrutura, construída de uma substância semelhante a um bonel que definitivamente fazia parte da tecnologia orgânica dos alienígenas, subiu cerca de dois metros no ar. Balançando, cerca de seis metros do chão, era uma grande gaiola.

Cheia de humanos.

— Pare aqui, Cadete.

O jovem parou o veículo e Adam verificou a pistola laser antes de abrir a porta.

As pessoas estavam chorando, os braços alcançavam as barras da gaiola. Quando Adam se aproximou, viu que todos estavam famintos — esquisitos, magros, suas roupas nada mais do que trapos esfarrapados.

Ele ficou ali, observando-os, com o estômago num nó duro e doente. Ele sentiu uma presença e Marcus, e seu segundo comandante, Cruz, o flanqueou.

— É uma armadilha. — disse Marcus.

Adam já tinha deduzido isso. Mas ele não poderia deixá-los lá. Não assim, não como animais.

— Vamos olhar mais de perto. — ordenou Adam. — Veja o que eles podem nos dizer.

Marcus acenou com a cabeça e acenou para o seu time para avaliar a gaiola.

Com seu intestino ardente, Adam se aproximou. — Sou o General Adam Holmes. — Ele ergueu as mãos, sem ameaça. — Vamos tentar tirar vocês daqui.

O povo soluçava e gemia, braços magros alcançando. Eles pareciam delirantes, nenhum deles ciente do que ele estava dizendo.

Então Adam percebeu que um homem na parte de trás tinha olhos vermelhos de *Raptor*. Uma mulher na frente tinha manchas de escamas de *Raptor* em seu pescoço e rosto. O queixo de Adam caiu no peito dele. Eles foram experimentados.

Marcus, Cruz e Gabe caminharam pelo perímetro, murmurando um para o outro. Claudia e Shaw ficaram nas proximidades, armados.

— Você pode me dizer seus nomes? — Adam olhou para cima, tentando chamar a atenção de algum dos prisioneiros. — De onde você é?

Nenhuma resposta.

Marcus e os outros pararam. Marcus balançou a cabeça. — Está manipulado para explodir. Parece um tipo de sensor de pressão. Você tira o peso da gaiola, vai desencadear o explosivo.

— Explosivo *Raptor*. — acrescentou Gabe. — Não sei o suficiente sobre isso para determinar o raio da explosão.

Adam empurrou as mãos nos quadris. O que significava que eles não tinham ideia o quão longe eles teriam que mover o comboio. Opções. Ele precisava de opções.

— Poderíamos tentar abri-lo e substituir seu peso por algo. — sugeriu Adam.

— Levará tempo. — disse Cruz.

— Tempo que não temos. — Marcus tocou sua orelha, a cabeça inclinada enquanto ele ouvia. — Porra. Ele disse que temos

*Raptore*s vindo. A poucos quilômetros de distância, mais dirigindo para aqui.

Adam engoliu uma maldição. — Fica pior. Eles foram experimentados.

Havia maldições suaves. Todos sabiam que era irreversível.

— Por favor ... meu bebê.

A voz suave e gaguejante de cima o fez olhar para cima. Uma mulher, com a pele esticada e os cabelos salientes que talvez já tivessem sido loiros, mas agora era apenas uma bagunça emaranhada em torno do rosto dela estava agachada, sua mão — agora mais como uma garra de raptor — alcançando.

Ao lado dela estava um menino novo.

Ele tinha talvez cinco, mas ele estava tão abaixo do peso, era difícil dizer. Seus olhos escuros eram enormes em seu rosto pálido. Ele não mostrou nenhum sinal da experimentação alienígena.

— Meu bebê. — A mulher empurrou a criança para a frente.

Um gosto amargo encheu a boca de Adam. Naqueles olhos escuros, viu muita dor. E uma esperança raivosa. — Precisamos tirar o menino.

— Marcus, me dê um pé para cima. — Gabe disse em voz baixa. — Também precisa de algo sobre o mesmo peso que o menino.

Cruz balançou a cabeça e correu em direção ao comboio. Marcus agachou-se e agarrou suas mãos.

Gabe colocou sua bota nas palmas de Marcus e estendeu a mão. Quando suas luvas tocavam as barras, elas chiaram e Adam viu os músculos do pescoço de Gabe ficarem apertados.

— O lado de baixo das barras é revestido com veneno. — gritou Gabe. — E algum tipo de carga elétrica também.

Malditos alienígenas. Adam observou, seu coração batendo. Os bastardos realmente estavam jogando tudo neles agora.

Enquanto observava, Gabe fez uma careta com a dor óbvia e começou a dobrar as barras. Era claramente um trabalho árduo, a substância alienígena não se afastava.

— Aqui. — Cruz estava de volta com um saco. Era aproximadamente o mesmo tamanho do menino.

Gabe resmungou. Acima dele, as pessoas delirantes se abaixaram, agarrando-o.

De repente, o corpo de Gabe se sacudiu e ele soltou um grito dolorido. Ele caiu para trás, peso morto. Os seus companheiros de Esquadrão Nove juraram.

Adam estava mais perto e pegou o grande homem sob os braços. Droga, Gabe era pesado. Adam deixou o ímpeto leva-los para baixo, e ele parou antes de que Gabe batesse sua cabeça no chão. Ao afastar o soldado, ele ouviu passos correndo atrás dele.

— Gabe. — Doc Emerson agachou-se ao lado deles, um de seus paramédicos com ela. Seu rosto foi atingido por um segundo, enquanto tocava suavemente os traços ainda imóveis de seu homem. Então, ela se transformou na calma e focada médica que Adam conhecia tão bem. — Veneno *Raptor*. Deve ter corroído as luvas e paralisou-o. Danny, ele precisará de um tiro de estimulante. — Ela acariciou o rosto de Gabe uma última vez. — Vou arrumar o meu grande e corajoso homem.

Com o amor cru no rosto da mulher, a garganta de Adam apertou. — Vá. Leve-o de volta ao ônibus médico. Ele salvou aquele garoto lá em cima.

Adam levantou-se e, quando o *Hell Squad*, ajudou Gabe no ônibus, Adam pegou o saco ponderando. Ele o empurrou através da pequena lacuna nas barras. — Venha. — Ele gesticulou para o menino.

O menino olhou para a mãe, hesitou. Ela quase não segurava uma aparência de consciência, mas o amor de mãe, obviamente, tinha sido forte o suficiente para aproveitar a chance de resgatar seu filho.

Ela tocou seu rosto, depois o empurrou para dentro da lacuna.

Quando ele caiu, Adam soltou o saco e pegou o menino. Ele era toda pele e osso, e aqueles olhos escuros assombrados.

— Eu tenho você. — A roupa do miúdo não era mais do que alguns farrapos, deixando-o exposto. Adam se ajoelhou e colocou o menino no chão. Demorou a Adam um segundo para trabalhar os botões de sua própria camisa soltos e retirá-la. Ele o enrolou ao redor do menino.

O menino se aconchegou nele, circulando em uma bola e tremendo.

— Aqui, eu vou cuidar dele.

Adam olhou para cima e viu Liberty aparecer. Ela estava carregando um cobertor e envolvia-o ao redor do menino.

— Obrigado. — disse Adam.

— Vou leva-lo para o ônibus do meio. — Ela olhou para a gaiola, com simpatia e horror lavando seu rosto. — Eu vou organizar comida e água para eles.

Adam respirou profundamente e conseguiu um aceno de cabeça.

Mas seu olhar se concentrou em seu rosto e depois suas bochechas ficaram brancas. — Você não pode tirá-los.

Seus dedos se curvaram em suas palmas. — Não. A gaiola é manipulada para explodir, o exterior é coberto de veneno raptor e algum tipo de carga elétrica. E os alienígenas estão a caminho. Nos levará horas para cortá-la e nós só temos alguns minutos, precisamos estar longe daqui.

— Oh, não. — sussurrou Liberty.

— E eles foram experimentados. Parece que todos estão se tornando *Raptor*.

Ele virou-se e olhou de volta para o comboio. As pessoas estavam amontoadas em grupos nos seus veículos, ou pressionadas contra as janelas. Eles pareciam horrorizados, atingidos.

Todos estavam esperando que ele salvasse essas pessoas. As pessoas que todos e cada um deles sabiam poderiam ter sido eles.

Ele olhou de volta para a gaiola. Porra, tudo para o inferno.

— Adam ... — Liberty agarrou seu braço. Espremendo. Entre eles, o menino começou a soluçar.

— Pegue-o no ônibus do meio. Cuide dele.

Ela pareceu rasgada por um segundo, mas então ela assentiu e juntou o menino em seus braços.

Adam ficou de pé, e apesar do sol em sua pele nua, tudo o que ele sentia era uma frieza solitária movê-lo.

Marcus e sua equipe voltaram e pararam, observando, esperando.

— Ele diz que os alienígenas estão se aproximando. — disse Marcus.

O tempo acabou. Adam olhou para o comboio, para as centenas de pessoas que ele tinha para proteger. — Marcus, você tem alguma granada *KMA-3*? — Perguntou.

— Arma biológica? — Shaw disse, incrédulo.

Adam assentiu.

— Sim. — Marcus disse com uma voz calma.

KMA-3s libertariam um gás que deixaria suas vítimas inconscientes. Isso diminuiu o coração até que ele parasse.

— É indolor. — acrescentou Marcus.

Adam conseguiu um aceno de cabeça. Mas ninguém realmente sabia se isso era verdade, pois não?

— É a única opção. — disse Marcus.

— Eu sei. — Mas Adam sabia que era outra coisa para persegui-lo. Uma decisão que o atormentaria no meio da noite.

— Claudia, precisamos das granadas *KMA-3*.

A mulher soldado respirou fundo. — Pode deixar.

Adam voltou-se para o comboio. — Tudo bem. Todos voltem aos seus veículos. Os alienígenas estão a caminho. Precisamos sair daqui com a maior rapidez e segurança possível. Lembrem-se, permaneça em formação, fique sob a ilusão.

Muitas pessoas correram, o pânico cruzando seus rostos. Eles se mexeram para seus veículos. Outras pessoas simplesmente pareciam cansadas e resignadas. Embora tenham experimentado tantas vezes, ele podia ver o desgaste. Liberty estava certa, eles não podiam lidar com muito mais disso.

Uma mulher agarrando um bebê nos braços deu um passo à frente. — Nós ... não podemos deixar essas pessoas pobres para os alienígenas. — Ela agarrou seu filho mais apertado. — Eles claramente sofreram o suficiente.

— Não permitiremos que os alienígena os toquem. — prometeu Adam com um coração pesado. — Agora vá.

Ele observou os motores começarem e o comboio sair.

Quando voltou para a gaiola, Claudia tinha voltado, segurando duas pequenas granadas metálicas na mão.

Adam avançou e tirou-as dela. — Eu vou fazer isso.

Adam bateu em seu caminhão, seus pensamentos uma bagunça agitada. — Conduza. — ele criticou.

O motor atirou e eles puxaram para fora. Ele nem olhou para o Cadete, apenas olhou para as mãos dele.

— Você quer falar sobre isso?

Ele voltou a cabeça e olhou para Liberty. Sentando-se calmamente no banco do motorista, o olhar concentrado em frente.

— O que diabos você está fazendo aqui?

— Troquei com Matt. — Ela olhou para ele. — Eu sou uma boa motorista. — Ela fez uma pausa. — Você fez a coisa certa.

Adam bateu a cabeça para trás contra o assento. — Poupe-me a psicanálise.

— Você precisa falar sobre isso. Se você não fizer isso, irá comê-lo.

— Já está. — As palavras correram para fora dele. — Porra.

— Amaldiçoar ajuda. — acrescentou. — Isso me ajudou.

— E com o que você precisou de ajuda? Com as roupas bonitas, que perfume pulverizar? — Ele sabia que era meio mesquinho, mas o maldito ácido estava mastigando seu intestino e ele estava se sentindo desagradável. Liberty subiu aqui e se tornou um alvo.

— Não. Meu ex-marido abusivo. Aquele que mentalmente repreendeu-me, fisicamente me bateu, me estuprou e controlou todos os meus movimentos por dois anos.

Adam respirou fundo e virou-se para olhar para ela. Ela parecia calma no seu habitual, o eu bonito. Ele achou difícil imaginar ela presa em um relacionamento abusivo.

— Eu escapei ... eventualmente.

Ele viu as mãos flexionadas no volante e percebeu que não era tão fácil quanto estava fazendo parecer. — Isso é corajoso.

— Oh, não tive coragem até o final. Ele me transformou de uma jovem feliz e confiante em algo muito menos. Ele corroeu meu senso de mim mesma, minha confiança, minha coragem. Foi puro desespero que finalmente me deixou escapar. — Olhos azuis encontraram o dele. — Eu sabia que se eu ficasse outro dia, ele me mataria.

— Liberty ...

— É meu passado, Adam. Isso me fez quem eu sou hoje. Uma mulher que prometeu curtir o dia inteiro. — Um pequeno sorriso flertou em seu rosto. — Invasão alienígena ou não, fiz uma promessa a mim mesma de que eu não permitiria que o que ele fez para mim arruinasse a vida para mim. Eu prometi desfrutar do sexo, curtir roupas e ficar bem, curtir apenas ser eu. Todas as coisas que ele me negou. Mas não consegui começar a fazer isso até eu me curar. Terapia me ajudou com isso. Falar, amaldiçoar, ficando furiosa, ajudou.

— Eu não posso descarregar isso em você ... em qualquer um.

Ela ergueu uma sobrancelha. — O que? Você precisa ser o super-herói? Nunca se apoiar em ninguém, nem ser visto como menos do que forte?

— Eu sou o líder.

— Deus, Adam, você também é humano. — Sua voz baixou. — Você foi humano comigo na noite passada no seu beliche.

Seus músculos ficaram tensos, as memórias aumentaram. — Isso não deveria ter acontecido. Nunca mais pode acontecer. Isso foi um erro.

Ela sorriu. — Então foi o melhor erro que já cometi.

CAPITULO SEIS

Estava quieto no caminhão. Liberty sentiu a terrível tensão palpar de Adam. Quando ela olhou para ele, ela viu os músculos em seus antebraços serem esticados e o tormento encher seu rosto bonito.

Ela sabia que ele estava pensando naquele pobre povo — presos, abusados, maltratados. Isso virou o seu estômago, fez com que ela se sentisse incrivelmente triste e tão brava com os alienígenas.

Mas, olhando para Adam, sabendo a dura decisão que ele tomou para acabar com o sofrimento dessas pessoas, isso fez com que ela percebesse mais do que nunca o quanto ele carregava com todas essas escolhas difíceis.

Em vez disso, ele suportou toda a angústia sozinho.

— Você fez a coisa certa. — disse ela calmamente.

Ele fez um barulho irritado. — Eu os matei.

— Você terminou seu sofrimento. Mesmo se você os tivesse conseguido salvar, eles não teriam sobrevivido. Os alienígenas os mataram.

Silêncio.

— E você conseguiu esse menino. — acrescentou.

Adam deslocou-se em seu assento, flexionando os músculos do peito. Ele parecia inconsciente, ele ainda não estava com camisa. — Doc Emerson disse alguma coisa sobre o menino?

— O nome dele é Elijah. Ele está desidratado. Desnutrido. Assustado. Nenhum sinal que os *Raptores* experimentaram nele. Ele precisará de tempo.

— E agora ele não tem mãe.

Liberty agarrou o volante. — Não. Mas ele tem um grupo de pessoas que querem o melhor para ele. Pessoas que entendem e vão protegê-lo. E ele não é mais um prisioneiro.

O silêncio engrossou novamente. Ela sabia o que era ficar com os horrores em silêncio. Ela tinha feito tudo depois de ter escapado de seu casamento abusivo. Ela passou muito tempo com seus pensamentos tóxicos, culpando-se por não sair mais cedo, questionando cada coisa que ela tinha feito ou não fez.

Ela brincou com o computador até encontrar a lista de música que ela tinha carregado nos sistemas do comboio. Não havia mais estações de rádio, mas passou os últimos dezoito meses coletando música de todos os sobreviventes e incomodando a equipe de tecnologia para qualquer coisa que pudesse recuperar. Ela olhou para Adam novamente e pegou uma música.

Quando a melodiosa voz feminina de uma cantora de soul popular há mais de cem anos encheu o veículo, sentiu que Adam olhava para ela.

— Como diabos você poderia conhecer meu artista favorito? — Havia suspeita em sua voz.

Liberty olhou fixamente para frente e sorriu. — Ela é sua favorita? Deve ser uma coincidência.

— Tenho a sensação de que não há coincidências com você.

Liberty continuava sorrindo. Quem sabia que confundir Adam Holmes seria muito divertido?

Ela negociou a estrada estreita, seguindo o veículo em frente a eles. Eles estavam perto da frente do comboio, e a unidade era incrivelmente lenta.

Eles tinham que esperar por constantes ordens dos esquadrões criando os desvios e os operadores de drones. Ainda assim, era melhor do que tropeçar em uma patrulha alienígena.

Não havia nada mais frustrante do que saber que a segurança do Enclave não estava longe, mas eles tinham que rastejar praticamente para chegar lá.

— General, você está aí? — A voz de Elle Milton veio através da comunicação.

— Vá em frente, Elle. — disse ele.

— *Hell Squad* informa que há um fluxo à frente. Os níveis de água do comboio estão se tornando perigosamente baixos. Solicitando que paremos para tomar água e limpar.

Liberty viu Adam olhar suas mãos. Elas ainda estavam manchadas de sujeira e sangue da armadilha. Ele também olhou para o peito e os seus olhos arregalaram.

— Isso é um sim, Elle. Passe a palavra ao redor. Mas não podemos ficar por muito tempo.

— Você manda, General. — confirmou Elle.

Não muito à frente, Liberty viu os veículos principais parando. Ela abrandou o caminhão e puxou-os para a sujeira ao lado da estrada. Apenas descendo uma encosta rasa, um fluxo largo brilhava sob a luz do sol.

— Não se esqueça de uma camisa limpa. — disse ela.

Adam abriu a porta. — Eu não vou.

Ela baixou a voz. — Eu realmente não quero que todas as senhoras solteiras descubram o que você tem aí.

Ele a olhou rapidamente, olhos azuis atingindo os dela. Ah, lá estava. Essa centelha de desejo continuava enterrada.

Ele olhou para ela por um momento, o ar engrossando na cabine do caminhão. Então ele saiu.

Liberty suspirou. Seu General ia ser um pouco mais difícil de convencer para relaxar e passar mais tempo com ela.

Ele pegou uma camisa azul da parte de trás do caminhão e, com ela pendurada sobre um ombro, eles se dirigiram para o córrego. O *Hell Squad* estava supervisionando alguns dos membros do comboio, que estavam enchendo grandes recipientes de água. Os recipientes pairavam sobre íon-elevadores acima do solo. Os elevadores planos de carga foram usados para transportar itens pesados e utilizaram eletrodinâmica para produzir o impulso para permanecer no ar. A partir daí, seriam carregados nos caminhões e passariam por filtros de purificação.

Claudia e Shaw estavam abaixados de joelho na água, arrastando os recipientes, passando-os de volta.

Enquanto Liberty observava, Shaw deu uma olhada ao redor, depois deu uma bofetada na água, enviando um enorme spray para Claudia.

A soldado se moveu e espetou-o com um olhar. — Idiota.

O General ignorou-os. — Marcus, como está Gabe?

Diversão piscou brevemente sobre o rosto do soldado. — Acordado. Mal-humorado. Doc está mantendo-o em um beliche no ônibus médico, e ele não está feliz com isso.

Alguma tensão nos ombros de Adam diminuiu. — Boa. Fico feliz que ele esteja bem.

Adam se moveu para o limite da água e começou a lavar as mãos e o rosto.

Shaw assobiou. — General, você lutou com um leão, ou você está nos enganando?

Liberty franziu a testa e viu Adam se endireitar. Ela teve uma visão perfeita de suas costas e sua boca caiu.

— O quê? — Adam disse com uma careta.

Liberty viu Cruz sorrindo, Claudia sorriu e até Marcus estava sorrindo.

Cruz esfregou o lado do nariz. — Alguma gata deixou um monte de arranhões pelas suas costas. Parece que ela tirou sangue.

Deus, ela tinha feito isso? Liberty olhou para os arranhões, não podia desviar o olhar. Nunca tinha deixado marcas em um homem assim antes.

Adam virou-se para esconder suas costas, suas bochechas encheram-se de cor. Ele rapidamente puxou sua camisa limpa e começou a trabalhar com os botões.

Shaw balançou a cabeça. — General, você é um cachorrão. Aqui estou, imaginando você sentado em seu computador durante a noite ou olhando pelos mapas, sozinho. Nosso líder sem medo que não faz nada além de trabalhar incansavelmente ...

Claudia dominou o atirador. — Cale-se, Baird.

Adam olhou para todos eles. — Precisamos nos mover.

Os soldados assentiram com a cabeça. Claudia salpicou a água, mas fez uma pausa ao lado de Adam. — Não sei quem é ela ... — Sorriu a soldado feminino. — ... mas ela é uma mulher sortuda. Parece que ela se divertiu ... muito.

Um riso explodiu de Liberty e todos olharam para ela. Ela apertou uma mão sobre a boca.

Adam limpou a garganta, um som quase como um rosnado. — Todo mundo esteja pronto para sair. Agora.

Adam caminhou pela linha de veículos do comboio. Quando ele falou, consolou e ofereceu atitudes motivadoras, ele se perguntou se algum deles ouviu o cansaço em sua voz. Ele se perguntou quanto tempo ele poderia continuar a dizer às pessoas que estavam quase lá, e que tudo ficaria bem.

Ele voltou para o caminhão, perguntando-se onde estava Liberty. Ele não podia acreditar que ele tinha desfilado sem sua camisa e que todos viram as marcas que ela deixara nele.

Ele não se importava com isso mesmo. Inferno, ele era sincero o suficiente para admitir que gostava de saber que ela deixara sua marca nele. Ele estava mais preocupado que ficaria envergonhada.

Não que ela tivesse parecido. Em vez disso, ela parecia ... intrigada.

Ele sentiu uma onda de desejo.

Droga, ele deveria ficar longe de enredos pessoais com ela. Era ruim o fato de estar preso no mesmo veículo, cheirando seu perfume ao redor dele, observando-a pelo canto do olho.

Ele alcançou o caminhão e a ouviu rir. Curioso, ele arredondou a esquina e a viu sentada no para-choque de seu caminhão. Ela estava cercada por um grupo de crianças de diferentes idades.

Enquanto ele observava, ela puxou um dedo para o queixo de uma adolescente. — Como você está se aguentando, Ava? Uma viagem de estrada bastante selvagem, hein?

A menina assentiu. — Eu sempre pensei que uma viagem por estrada seria divertida, especialmente depois de estar presa na base. — Ela puxou um rosto. — Mas esta não é.

— Ei. — Liberty entregou a garota alguma coisa.

Era uma vara de goma de mascar. Ava pegou como se fosse ouro.

— Eu sei que as coisas estão loucas. — disse Liberty. — Mas mesmo no meio disso, você tem que encontrar as coisas que fazem você se sentir bem. Aproveite as pequenas coisas.

— Como o que? — Gritou um rapaz, mas seu olhar estava na mão de Liberty.

— Bem ... como um muffin delicioso para o café da manhã. Um lindo nascer do sol. Um sorriso. — Ela entregou um pouco de goma ao garoto e ele pegou com um sorriso. — Alguns bons doces. — Seu olhar levantou-se e pegou o de Adam. — Ou passar tempo com alguém que faz você se sentir bem.

— Libby, Libby. — Pequenas mãos acariciaram os bolsos de Liberty.

Ela deu um sorriso radiante no trio de pequenas crianças que a arruinavam. — Espera, macaquinhos, não me esqueci. — Ela tirou um derrame de gelatina multicolorida. As crianças se precipitaram como filhotes de tigre esfomeados.

Duas das crianças empurraram punhados das guloseimas em suas bocas. Mas um pequeno menino contemplava o dele, um olhar sério em seu rosto. Ele levantou enormes olhos castanhos. — Libby? Os alienígenas vão nos pegar?

Foi um golpe para o interior de Adam. Aqui estava uma criança, talvez com quatro anos, preocupada se ele seria caçado como um animal. As mãos de Adam cruzaram os lados. Este garoto deveria estar

preocupado imaginando quando seria seu próximo jogo, ou ir para o parque, ou sobre o seu primeiro dia na escola. Isso não.

Liberty se agachou até o nível do menino. — Ian, querido, temos algumas pessoas especiais que cuidam de nós. — Seu olhar voltou a aparecer. — O General aqui funciona dia e noite para manter os alienígenas longe. E nós temos os esquadrões.

Uma menina colocou-se no colo de Liberty e os adolescentes se aproximaram, como se precisassem de estar mais perto de Liberty, absorvendo sua calma fácil.

Liberty endireitou o colar torto do menino. — Você deixa os alienígenas para o General e seus soldados. Mas eu tenho um trabalho importante que eu também preciso de todos vocês.

— O que é isso?

— O que?

O coro de vozes ansiosas fez alguma tensão dentro de Adam diminuir. Ele não podia desviar os olhos de Liberty. Ela irradiou algo que parecia cativar – fazendo as crianças quererem se sentar em seu colo e os homens quererem chorar.

— Sorriam. — disse Liberty. — Eu preciso de vocês brincando, sorrindo e rindo. Não importa o que.

O garoto que perguntou sobre os alienígenas agora estava preso em seus pensamentos. — Eu gosto de jogar futebol.

— Eu gosto de procurar trilhas. — disse uma das garotas. — Eu quero descobrir tesouros enterrados.

Os outros disseram seus jogos favoritos.

— Ok. — Liberty colocou a menina sobre seus pés e se levantou. — Parece que vocês podem me ajudar. Agora, vocês vão embora. Nós vamos sair em breve.

Quando ela se virou para enfrentar Adam, ele não conseguiu administrar nenhuma palavra. Ele apenas olhou para ela, tentando dar sentido a essa mulher. No começo, você via beleza, uma mulher com charme fácil que apreciava as coisas prazerosas da vida.

E não havia nada de errado com isso. Mas se você parasse por um segundo, você tinha um olhar mais profundo sobre o que estava por baixo.

E era fascinante.

Ele limpou a garganta. — Estamos saindo em breve.

Ela assentiu. — Estou pronta. — Ela pôs um pedaço de chiclete na boca. Olhando para ele, tirou outra coisa do bolso e segurou-a.

Adam olhou para o pedaço de doce preto. — Como você pode saber que gosto de alcaçuz?

Um sorriso de Mona Lisa tocou sua boca. — Uma mulher nunca deixa seus segredos sair. — Ela ergueu a mão e apertou o alcaçuz em seus lábios.

O sabor forte do anis explodiu em sua boca. Sem pensar, ele agarrou seu pulso, mantendo seus dedos em seus lábios. Ele sugou um de seus dedos na boca dele.

Ela ofegou, suas pupilas se dilatando.

Ele arrastou a língua ao longo do dedo esguio, sugando uma vez, e solto-a.

— Há tanto que você continua escondendo. — ela murmurou.

— Mesmo para você, Srta. Lawler.

— Adam ...

— General! — Interrompeu uma voz feminina.

Adam deu um passo apressado para trás de Liberty e colocou seu rosto mais estoico. Ele virou-se e viu Doc Emerson apressando-se em direção a eles. — Emerson.

A médica assentiu com a cabeça loura. — Nós temos um problema.

CAPITULO SETE

Liberty podia ver a tensão no rosto da médica.

Emerson sorriu. — Temos uma senhora se recusando a voltar aos veículos.

Adam franziu a testa. — Ela não quer sair?

— Não. Tentei falar com ela. — Um suspiro frustrado. — Ela é idosa e teimosa e ... acho que ela desistiu.

Liberty engoliu em seco. Ela sabia que muitas pessoas no comboio estavam começando a se sentir assim. Por que continuar correndo, lutando, vivendo quando você pode se enrolar e deixar toda a dor desaparecer?

Ela entendia. Ela se sentiu assim uma vez, enrolada nos azulejos do banheiro, sangrando e doendo.

Mas sempre havia um raio de luz em algum lugar. Você só tinha que olhar.

— Eu vou falar com ela. — A voz de Adam era firme. — Vá, deixe o ônibus médico pronto para sair.

Quando Adam caminhou na direção que Emerson apontou, Liberty entrou com ele.

— Você pode me esperar no caminhão. — disse ele.

— Não. Está tudo bem. Eu vou junto.

Ele ficou surpreso por um segundo, antes de assentir.

Adam Holmes estava apenas acostumado a ficar sozinho, e ficava surpreso quando alguém oferecia algo tão simples quanto

companhia? Liberty afundou as mãos nos bolsos, seus pensamentos agitando.

A velha estava sentada na grama debaixo de uma árvore. Ela tinha a pele enrugada esticada sobre os ossos fortes de seu rosto. Não era uma flor murchando, esta. Seu cabelo era branco e puxado para trás em um coque e ela usava um simples vestido preto que pendia sobre ela.

— Olá. — Adam se agachou ao lado da mulher. — Eu sou ..

— Sei quem você é. — disse a mulher, sua voz cheia de aço.

— E seu nome, Sra. ...?

A mulher olhou para cima, seus olhos verdes desbotados se encheram de lágrimas. — Missus. Sra. Marinos. — Sua voz tremia. — Perdi meu marido à quarenta quilômetros em *Yeranderie*.

O coração de Liberty apertou e viu Adam se encolher. Eles perderam muitas pessoas na batalha final nas montanhas.

— Sinto muito pela sua perda.

As palavras de Adam saíram calma, mas Liberty podia vê-lo lutando com um monte de emoções e a culpa estava ganhando.

Liberty se ajoelhou ao lado da mulher. — Eu realmente não consigo entender como você se sente. Mas nós sentimos muito.

— A culpa é dos Alienígena, ninguém mais. — disse a mulher, com naturalidade. — Perdi minha casa, meus filhos e netos, e agora George. Eu sou velha. Não posso lutar contra os alienígenas. Eu sou inútil.

Agora Adam se moveu, sua voz afiada, mas ele agarrou suavemente o ombro da mulher. — Isso não é verdade ...

— Não é verdade? — A cor flamejava no rosto da velha. — Jovem, eu posso ver a escrita na parede. Este novo mundo é para os jovens, os fortes, os lutadores. Estou cansada de fugir.

— Não. — Adam balançou a cabeça. A veemência em sua voz fez Liberty olhar para ele.

— Fiquei focado nos esquadrões, os militares ajudam pessoas que ajudam a lutar e a nos proteger todos os dias. — O azul de seus olhos brilhava com ferocidade. — Mas eu só estou começando a perceber que precisamos das pessoas com o toque mais suave, também. Os soldados lutam e ... — Um sorriso pesaroso. — ... os generais dão ordens, mas as crianças precisam de abraços e histórias, as pessoas também precisam de calor e ternura. Eles precisam de alguém que lhes administre doces roubados tanto quanto alguém disposto a segurar uma carabina.

Liberty sentiu um calor passar por ela. Havia elogios em suas palavras, e embora ela tivesse prometido há muito tempo nunca precisar da aprovação de um homem, isso a fez sentir bem. Muito bem.

Isso fez ela querer Adam Holmes ainda mais do que antes.

Ele olhou para a mulher. — Precisamos de memórias, precisamos de histórias, precisamos da cola que segura tudo isso. — Ele acenou para o comboio.

A mulher olhou para Adam por um minuto. — Somos afortunados de ter um homem como você nos conduzindo.

Adam deu uma meia risada. — Você quer a verdade? Às vezes, não tenho a certeza de que posso seguir em frente. — Ele esfregou uma mão na parte de trás do pescoço, parecendo surpreso com as palavras que saíram. — Estou aterrorizado, tomarei uma decisão errada, e mais pessoas inocentes vão morrer. — Ele suspirou. — Às vezes, minhas únicas opções são duas escolhas ruins.

Liberty sentiu um nó em sua garganta. Pela primeira vez, ele estava mostrando alguma dor.

— Não é fácil estar no comando, não é? — Desta vez, a Sra. Marinos acariciou o braço de Adam. — E eu só estou fazendo isso mais difícil.

— Você só vai dificultar se você me disser que ainda quer sentar aqui e desistir.

A mulher sorriu. — Não hoje. — Ela agarrou seu braço e acenou pela outra mão para Liberty. — Me ajude. Preciso voltar para o meu veículo.

Eles a ajudaram a se levantar e ela esfregou o vestido. Então colocou Adam com um olhar fixo.

— Alcance alguém, jovem. Você não precisa estar tão sozinho.

Depois que a mulher se afastou, Liberty viu a máscara de Adam cair. Ela vislumbrou os feios sentimentos escuros que brotavam dele.

— Adam ...

Com um movimento de cabeça, ele se afastou. Ele arredou seu caminhão, fora de vista do comboio.

Liberty seguiu. Ela era boa em ler pessoas, e Adam estava no mesmo estágio que a Sra. Marinos tinha estado.

Ela arredondou o caminhão e viu-o em pé, alto e rígido, olhando para o horizonte.

— Isso me mata. — Suas palavras eram como balas. — Me mata que ela só queria morrer.

— Você a trouxe de volta, Adam.

Ele girou. O calmo, o paciente General não era visto em nenhum lado. — Mais vão começar a desistir.

— E nós também os ajudaremos.

Ele fez um barulho estrangulado, as mãos enroladas com tanta força que os dedos eram brancos.

— Adam ... estou mesmo aqui. — Ela estendeu a mão. — Espere, apenas por um tempo. Deixe-me ajuda-lo.

— Você não sabe o que está pedindo.

— Sim eu sei.

Ele pulou para ela tão rápido, que ela ofegou. Braços fortes envolviam-na e levantaram-na de seus pés. Ele a empurrou contra o lado do caminhão, o metal aquecido pelo sol contra suas costas e o homem quente e duro pressionado na frente de seu corpo.

Sua boca bateu na dela e ela gemeu em seu beijo. Era escuro, nervoso. Suas mãos agarraram as dela, batendo os pulsos sobre a cabeça dela. Liberty enrolou uma perna em volta de sua cintura magra.

O toque de suas línguas era como uma bomba que disparava. Ele a beijou com uma borda urgente e imprudente que fez os pulmões queimarem e faíscas elétricas se espalhassem pela pele. Ele acariciou sua língua, aprofundou o beijo e a excitação cantou através dela.

Quando ele finalmente puxou para trás, ambos estavam ofegantes. Liberty tocou seus ombros e percebeu que algumas dessas tensões viciosas nele tinham diminuído, substituídas pelo desejo de sangue vermelho.

— Sente-se melhor? — Perguntou ela.

— Na verdade não. — Ele a cutucou com sua ereção dura. — Mas se você está perguntando se eu ainda estou no limite ... não.

Ele deslizou uma mão pela perna, depois tirou a coxa dela. Ela o observou dar um passo para trás, apontando seu controle, puxando sua personalidade — dura ao redor dele como armadura.

— Desculpe. — disse ele. — Isso não pode continuar acontecendo.

Ela tocou uma mão em sua bochecha, e ele se acalmou. — Você gostou?

Ele fez um som grunhindo. — Essa não é a questão ...

Ela acariciou sua bochecha, sobre os lábios que lhe davam muito prazer. — Sim. Essa é.

Ele suspirou. — Você está me deixando um pouco louco.

Ela sorriu agora. — Boa. Eu acho que é isso que você precisa.

— Você estava certa.

— Sobre o que?

— Precisamos fazer algo para lembrar a todos que a vida vale a pena viver. — Seu olhar rastreou seu rosto. — Eu não sei que tipo de magia você exerce ... mas não consigo parar de querer você. Certamente, eu sinto a minha mente fora de outras coisas.

O prazer a encheu. Ela tocou os botões de sua camisa. — Eu também quero você. — Uma porção de medo passou por ela. Ela não queria um homem - não assim - em muito tempo. Uma coisa fácil e divertida era uma coisa. Isso...

Bem, isso era completamente diferente.

— Eu não deveria querer você. — disse ele. — Não deveria sonhar em tocá-la, provar você ...

— Adam. — Ela se arqueou nele, seus peitos se sentindo cheios, sua pele corada.

— Mas por enquanto, eu tenho que pensar sobre o comboio. — Havia uma frustração em seu rosto. — Precisamos sair daqui e pensar em algo para ajuda-los a todos a lembrar que a luta pela nossa liberdade vale a pena.

— O que você sugere? — Perguntou ela. — Eu não acho que uma festa agora vai funcionar.

— Eu tenho algo em mente, mas primeiro preciso falar com Marcus.

Liberty não conseguiu imaginar o que o Marcus resistente e endurecido pela batalha poderia ajudar, mas confiava em Adam. — OK.

— E eu vou precisar de sua ajuda uma vez que chegamos à mina. — Esse sulco entre as sobrancelhas apareceu, e ela queria beijá-lo.

— Você a tem. — Mas ela ouviu suas palavras não ditas. Se eles chegassem à mina.

Tudo estava quieto.

Adam olhou para o para-brisas. Muito quieto.

Eles estavam se aproximando da mina onde passariam a noite e não tinham visto um único alienígena. Sim, Roth e Tane e seus esquadrões estavam fazendo um trabalho excelente com seus desvios ... mas essa completa ausência de problemas estava deixando Adam nervoso.

Ele sabia que não era só ele. Ele quase podia sentir a tensão pulsando de todas as vozes cortadas no comboio, os veículos que tentavam dirigir muito rápido, e mesmo de Liberty que estava segurando o volante.

Adam tentou relaxar. Ele pressionou a cabeça para trás contra o assento, tentando encontrar alguma calma no movimento de balanço do veículo.

Mas, mesmo que ele conseguisse esquecer os alienígenas por um momento, os pensamentos da mulher ao lado dele o tornaram tenso. Olhando para ela, cheirando-a, lembrando aquele maldito beijo. Ele se moveu, desejando que seu pau se acalma-se. Agora não era hora para uma ereção.

— Estamos quase lá. — disse Liberty.

Sua voz rouca fez Adam fechar os olhos e engolir um gemido. Inferno, como ele manteria suas mãos fora dela, se apenas a voz dela o fazia querer arrastá-la para o seu colo?

— Você ainda não vai me dar detalhes sobre o que você planejou para estimular a moral? — Perguntou ela.

Não, ele estava mantendo seus planos para o comboio em segredo. Ele queria que todos estivessem surpresos e satisfeitos, sem pensar na sua posição precária. — Não, você apenas organiza as coisas que eu lhe pedi para organizar ... você verá em breve.

Ela arqueou uma sobrancelha, um sorriso fraco nos lábios. — Eu também posso ter algumas surpresas para você, General.

Antes que ele pudesse processar esse pensamento, a voz de Elle se deparou com a comunicação. — General, eu estou pegando uma leve assinatura de calor do lado do comboio. Está bem perto do seu veículo!

Havia um borrão de algo correndo na frente de seu caminhão. — Cuidado!

Liberty amaldiçoou e bateu nos freios. O caminhão derrapou, as rodas gritando na estrada. Liberty girou a roda e Adam pressionou a mão para a frente.

— Segure-se! — gritou Liberty.

CAPITULO OITO

O caminhão parou, balançando um pouco sobre as rodas.

Adam soltou a respiração que ele estava segurando. — Bom trabalho.

Liberty balançou a cabeça, parecendo arrepiada.

Adam olhou através do para-brisas.

Era uma mulher. Ela era magra, amontoada no centro da estrada. Suas roupas estavam esfarrapadas e sujas, e salpicadas de sangue. Seu cabelo era uma nuvem emaranhada de marrom, e ele não podia ver seu rosto. Ela tropeçou em suas mãos e joelhos.

Adam abriu a porta e aproximou-se e tocou a comunicação. — Esquadrão Seis, eu preciso de você. Possível sobrevivente acabou de correr para a estrada.

— No caminho. — Marcus respondeu.

— Fique no carro. — ele disse a Liberty e saiu.

Ele caminhou lentamente em direção à mulher. De perto, ele conseguiu ver que o sangue na roupa não era fresco. Não pareceu ter ferimentos. Ela estava olhando para o chão.

— Ajude-me. — Sua voz era apenas mais do que um sussurro.

— Adam, aguarde ... — A voz de Liberty.

— Eu disse para ficar no veículo. — Ele examinou, procurando por qualquer movimento.

— O *Hell Squad* está chegando. — disse Liberty. — Por favor, aguarde. Isso poderia ser uma armadilha.

Tudo o que ele viu foi uma mulher aterrorizada e traumatizada ... mas os *Gizzida* os havia enganado antes. — Ela precisa de ajuda.

A mulher levantou a cabeça um pouco e, mesmo com os olhos olhando para a estrada, viu o rosto dela. — Adam ... ajude-me, por favor.

Ele congelou, seus músculos fechados. Era Diane. Sua ex-esposa. — Diane?

Ela estendeu a mão fina e tremendo.

Ela não olhava para ele, mas era ela. Uma versão mais frágil da sua ex-esposa.

— Eu estava no Enclave. — ela sussurrou.

O coração de Adam parou e deu um passo à frente. — O que aconteceu?

— Tudo está ... desaparecido. — Sua voz quebrou, e ela apertou seu rosto em suas mãos e começou a soluçar. — Tudo se foi. Os alienígenas chegaram.

Não. Adam falou com Nikolai, um dos líderes do Enclave, naquela manhã. Eles estavam bem. Não poderia ... Isso não poderia acontecer.

Os soluços de Diane ficaram mais altos e ela apertou uma mão em sua boca. — Eu estou sozinha.

As palavras se aproximaram dele. Ele conhecia a solidão. — Não, você não está. Nós a ajudaremos.

— Adam. — O tom de Liberty estava ao lado do desespero.

Ele se forçou a ignorar sua preocupação e ajoelhou-se ao lado de Diane. Ele já não a amava - inferno, ele se perguntou se ele alguma vez a amou - mas ela tinha sido uma parte importante de sua vida uma vez, e ele não podia deixá-la sentada aqui, quebrada e sozinha. Percebendo, ele estava ciente de que o Hunter do *Hell Squad* parou perto.

— Deixe-me ajudar. — Ele estendeu a mão.

Ele chegou perto da cabeça de Diane. E em uma fração de segundo, ele pegou os olhos vermelhos *Raptor* e o fato de seu rosto não estar bem — o nariz muito afiado, as maçãs do rosto também pronunciadas.

— Isto é para você, General Holmes. — A mulher ‘a coisa’ disse com um assobio.

Ela empurrou a mão para a frente, e agora ele viu as garras se estendendo de seus dedos. Ele se esquivou para o lado. Ela estava segurando algo na palma da mão.

Era uma espécie de besouro gigante, e tinha quatro tentáculos finos e escuros, acenando loucamente, alcançando-o.

Merda. Adam se moveu de novo, empurrando para trás. Ela apontou para o pescoço dele, tentando colocar o animal contra sua pele. Ele agarrou seus braços, empurrando a cabeça para o lado para evitar a criatura. Seus dedos se afundaram em sua pele, como se fosse feita de nada mais que espuma grossa.

Que diabos? Ele lutou com a criatura *Raptor* ‘Diane’ forçando-a para trás.

De repente, algo apareceu e bateu em seu assaltante. Ela rosnou, mas redobrou seus esforços para empurrar o estranho besouro em Adam.

Liberty voltou a balançar. Adam percebeu que estava segurando uma barra de metal. Seu poderoso balanço não teria parecido fora das ligas de beisebol. Ela bateu contra a cabeça da criatura alienígena.

O alienígena sibilou novamente e puxou para trás. Ele desistiu de alcançar seu pescoço e mergulhou nele.

Adam sentiu uma forte picada em seu braço, ouviu Liberty jurar, então Liberty atacou a criatura, empurrando-a para fora dele.

Havia o trovão de botas no pavimento, e Adam ouviu os soldados do *Hell Squad* jurarem. Ele viu Liberty lutando com a criatura, lançando bons golpes no rosto do alienígena.

Então ele sentiu a dor correr por seu braço. Ele olhou para baixo.

O besouro estava apertado em torno de seu antebraço.

Ignorando a dor ardente, ele surgiu. Ele tinha que ajudar Liberty.

Cruz e Marcus apareceram ao lado dele. Eles tinham suas carabinas levantadas.

— Não posso arriscar um tiro sem bater em Liberty. — Marcus mordeu.

Adam tirou a pistola laser.

Marcus olhou-o por meio segundo antes de assentir. Adam sempre teve um tiro digno, e usava o campo de tiro da Base *Blue Mountains* quando podia.

Avançou, apontando a pistola. Ele teve que se aproximar o suficiente para que ele pudesse garantir que ele também não machucasse Liberty.

A mulher e a alienígena rolaram, e ele teve uma visão perfeita da criatura vestindo o rosto roubado de sua ex-esposa. Ele disparou.

Liberty voltou para atrás. A criatura *Raptor* também se empurrou. Ele puxou o gatilho novamente, descarregando o fogo do laser em seu peito. Parou de se mover. Então, a pele encolheu-se para longe, como sorvete que derrete no sol. Deixou atrás de uma figura óssea e esquelética feita de uma substância semelhante a uma escama.

Liberty caiu para trás, olhando horrorizada para o alienígena.

— Algum tipo de nova tecnologia *Raptor*. — disse Cruz. *Hell Squad* cercou o alienígena, todos encarando. — Pode imitar as formas humanas.

Adam ignorou-os e sentou-se ao lado de Liberty. Ele puxou-a para dentro de seus braços. — Você está bem?

Ela assentiu com rapidez, mas seu rosto estava pálido e seu cabelo geralmente elegante estava desordenado.

— Você tem certeza?

Ela assentiu de novo.

Adam apenas a segurou, sem lhe dizer que ele precisava do contato para resolver seus nervos. Ele olhou para o *Hell Squad*. — Tinha o rosto da minha ex-esposa.

Os soldados amaldiçoaram.

— Isso não é bom. — Marcus franziu o cenho para a coisa no chão. — É um tipo de duplicador.

— Sim. Mas ainda tinha olhos *Raptor* e a cópia não era perfeita. — Adam tentou acalmar seu pulso correndo. — Ele disse que veio do Enclave. Que foi destruído.

O silêncio caiu.

Adam sacudiu a cabeça. — É mentira. A Elle fez contato com o Enclave. Verificando se tudo está bem.

Com um aceno de cabeça, Cruz virou-se, tocou o fone de ouvido e murmurou com a Oficial de Comunicação.

— E a coisa no seu braço? — Perguntou o líder do *Hell Squad*.

Deus, no frenesi, Adam tinha esquecido. Agora, a força total da dor bateu, e ele fez uma careta.

— Oh, meu Deus. — Liberty virou, as mãos agarrando seu antebraço. — Ele queria obter isso em Adam. Marcus, precisamos de Emerson.

Marcus tocou sua orelha. — Elle, precisamos de Doc.

Adam mudou ligeiramente. A dor já estava saindo de seu braço para dentro de seu peito. Ele sentiu que sua frequência cardíaca estava acelerando, e sua respiração estava se tornando rápida e difícil. Mas então ele percebeu algo pior.

Ele olhou nos olhos de Liberty. — Não posso sentir minhas pernas.

Ela pressionou seu lado. — Vai ficar tudo bem. Doc Emerson resolverá isso.

Logo Emerson apareceu. Sua enfermeira, Norah, estava com ela, carregando uma grande caixa médica. A médica ajoelhou-se, o jaleco branco se espalhava no pavimento.

— Hmm, tenho algo novo para mim, eu vejo.

Adam apertou os dentes. Transpiração explodiu em sua testa. — Bem, pensei que não estivesse ocupada o suficiente.

Emerson bufou. — Obrigado por pensar em mim. — Ela cutucou a coisa alienígena com um bisturi, e então ergueu seu pequeno scanner de mão.

— Tinha pequenos tentáculos, Doc. — disse Liberty. — Quatro deles. E agora ele não pode mover as pernas.

Lentamente, Emerson assentiu. — Eu posso ver os tentáculos. — Ela ergueu a cabeça. — Eles estão embutidos em sua pele, viajando pelas veias.

Adam fez uma careta.

— Eu posso tirar, mas vai doer. — O tom da médica era uma questão de fato. — Quanto mais tempo permanecer, mais difícil será. Para não mencionar, tentará fazer o que quer que seja projetado para fazer.

— O que é isso? — Adam conseguiu dizer. A dor estava atingindo níveis insuportáveis, e seu intestino estava agitado.

— Não tenho ideia. — respondeu Emerson. — Mas tenho certeza que não é bom.

Ele apertou os olhos. — Faça. — Quando ele abriu os olhos, ele viu Emerson compartilhar um olhar com Liberty.

As mãos de Liberty apertaram-se sobre ele. Ele se virou para olhar para ela.

E foi quando Emerson cortou o inseto.

Era como um ácido fluindo em suas veias. Ele apertou os dentes e sentiu Emerson cortando e puxando a criatura.

A coisa se contorceu freneticamente, tentando mergulhar mais forte em seu braço.

— Maldito! — Ele rosnou.

As mãos de Liberty apertaram o rosto. — Você está indo bem. Olhe para mim.

Ele não podia se concentrar em nada além da dor.

— Olhe para mim.

Havia uma pressão na voz dela e ele empurrou o olhar para o dela. E ficou preso nos olhos azuis.

— É isso. — Ela acariciou suas bochechas. — Apenas se concentre em mim.

Na verdade, isso era muito fácil de fazer. — Não ... tenho dificuldade em ficar olhando para você.

Ela sorriu. — Encantador. Não sabia que você tinha isso em você, General.

— Adam.

— Adam.

Ele sentiu a médica realmente puxando, e as coisas deslizando dentro de seu braço. O suor rolou pelo lado de sua têmpora.

— Pense em algo mais. — Liberty sussurrou calmamente, apenas para ele. — Algo que se sente bem.

— Isso é muito fácil de fazer. — Ele manteve os olhos trancados nos dela. Ele estava com medo de que não conseguiria passar através da dor. — Eu vou imaginar o que fiz na noite passada.

Liberty mordeu no lábio. — Eu também vou imaginar. — Calor brilhou em seus olhos.

Ele não se preocupava com o fato de que outros estivessem perto, ou que ele não deveria dar continuidade a essa atração. Neste momento, era só ele e Liberty, ninguém mais.

A ponta da língua saiu e tocou o lábio superior, e Adam quase gemeu.

— Quase lá. — disse a médica, sua voz entrando em seus pensamentos. — Você está indo bem.

A dor voltou a entrar em Adam, endurecendo seus músculos.

— Não. — Liberty tocou sua bochecha e forçou-o a procurar o caminho novamente. — Apenas eu. Aqui mesmo. — Ela pressionou sua bochecha na dele, sua boca no ouvido. — Lembre-se do que fizemos, eu descendo em você, sugando o seu grande pau na minha boca. — Um sussurro quente e sujo.

Maldito. Adam puxou.

— Desculpe. — disse a Doc. Novamente, completamente inconsciente de que não era culpada.

Liberty manteve um forte controle sobre ele, mantendo o controle. Sua língua lambeu a casca de sua orelha. — Você gostou quando derramou em toda a minha barriga, não é?

Jesus, ele ficaria maluco, enquanto uma mão estava tirando uma arma alienígena em seu braço. Sua vida era oficialmente louca.

Tudo por causa de uma tentadora decadente.

— Sim. — ele rosnou.

A outra mão acariciou em movimento calmante no peito. — Eu também gostei. Tanto quanto quando você tinha aqueles dedos inteligentes entre as minhas pernas. Eu gostaria de saber o que sua boca fará em mim, sugando meu clitóris.

— Liberty, seja lá o que você está fazendo, continue assim. — disse Emerson. — Eu não sei como ele está suportando isso, tem que doer como o inferno.

Adam deu uma risada sufocada.

Ele sentiu os lábios exuberantes de Liberty formar um sorriso contra sua orelha. — Eu quero seu pau dentro de mim, Adam. Em breve. E não quero gentil. Eu quero isso duro e rápido. Quero tudo o que você precisa me dar.

O inseto alienígena tirou-se livre com uma explosão de dor, e Adam gemeu. Mas não tinha nada a ver com a ferida no braço.

— Olá, sua pequena coisa feia. — Emerson colocou a criatura frenética e agitada em um recipiente de plástico rígido e selou a tampa. — Eu acho que conheço alguns *geeks* tecnológicos que vão querer dar uma olhada em você.

Norah se aproximou de Emerson e começou a limpar a ferida de Adam. Havia quatro feridas redondas e esfarrapadas dos tentáculos, e no centro era o que parecia uma marca de queimadura. — Nós vamos ajuda-lo a ficar bom como novo, General. Você pode sentir suas pernas novamente?

Ele assentiu, balançando os dedos dos pés. Então ele se virou para o anjo dele.

Quando olhou para o rosto de Liberty, ele franziu a testa. Ela estava pálida. — Liberty? Você está bem?

Ela franziu a testa. — Eu me sinto um pouco zozza.

Norah assentiu. — Muitas pessoas ficam doentes à vista do sangue. E essa pequena coisa alienígena é suficiente feia para fazer alguém enjoado.

Liberty balançou a cabeça, o movimento lento. — Eu realmente não me sinto bem.

Então, ela virou para o lado. Adam a pegou, abaixando-a no chão ao lado dele. Quando ele ergueu a mão, viu que estava coberta com sangue vermelho brilhante. — Doc!

— Maldição. — Emerson se inclinou, rasgando as escuras calças cargo de Liberty.

Adam respirou fundo. As calças da Liberty estavam molhadas de sangue. A cor escura do tecido o tinha mascarado.

— Garras. Cortou a artéria femoral. — Emerson balançou a cabeça, as mãos trabalhando febrilmente. — Ela está sangrando.

Não. Adam se inclinou sobre ela. — Liberty, lute, droga. — Ele tocou seu rosto, odiava vê-la tão pálida, tão imóvel. Toda essa faísca nela tinha escorrido.

— Precisamos leva-la para o ônibus. Ela precisa de nano medicamentos.

Adam pegou-a e levantou-se. — Marcus, pegue meu caminhão. Conduza-nos à mina. Eu estarei no ônibus do meio.

— Sim, senhor. — Respondeu Marcus.

Os passos de Adam mastigaram a distância até o ônibus, Emerson pairando nas proximidades, pressionando a ferida de Liberty.

Liberty tinha que sobreviver.

Ela tinha.

CAPITULO NOVE

Liberty acordou, desorientada.

Onde diabos ela estava?

Ela estava em uma cama, alguma máquina estava tocando ao lado dela com um chilrear constante e irritante. Suas mãos apertaram em cima de uma manta branca, tentando descobrir o que aconteceu.

Sua mão escovou algo sedoso. Ela olhou para baixo e viu uma cabeça escura apoiada no cobertor em seu quadril.

Adam. Ele estava sentado em um banquinho pequeno, a cabeça na cama, uma mão na perna. O pedaço minúsculo que ela viu do rosto dele mostrou que estava profundamente adormecido.

Seu peito apertou e ela acariciou suavemente os seus cabelos.

Ela conheceu grandes pessoas na Base *Blue Mountains*. Sobreviventes corajosos, meninas divertidas, caras sexy e engraçados. Ela tinha feito amigos e aproveitou de sexo saudável e livre com alguns homens solteiros. Ela havia encontrado pequenos momentos reluzentes de humor e normalidade nas sombrias realidades de seu novo mundo.

Mas ela não tinha ninguém para apoiá-la quando ela estivesse doente. Ela engoliu o grosso nó na garganta. Ninguém que realmente se importaria se ela morresse.

Ela acariciou a seda marrom dos cabelos de Adam novamente.

Ele agitou e levantou a cabeça. Ele piscou, seu cabelo caindo sobre sua testa, um fio do cobertor na bochecha. Por um segundo, ele parecia mais jovem, talvez o que ele parecia antes de assumir a responsabilidade por tantas vidas.

Ele passou a mão pelo rosto e seu General apareceu, as linhas de tensão que encurvavam sua boca, aquele pequeno sulco entre as sobrancelhas que ela conhecia tão bem.

— Você está bem. — Ele deu um tapinha na sua perna, subindo seu corpo.

— Eu estou. — Ela agarrou sua mão. Ela realmente se sentia melhor do que em muito tempo. Ela suspeitava que a Doc tinha dado a ela nano medicamentos. As minúsculas máquinas corriam pela corrente sanguínea, corrigindo tudo o que podiam encontrar. Ela estava cheia de energia. — Eu me sinto muito bem.

Ele soltou uma respiração. — Bom. — Ele virou a mão, seus dedos emaranhados com os dela.

Então ela viu a fita branca no braço dele. — E Doc examinou isso? — Ela acariciou a atadura. — Onde essa coisa foi?

— Não é nada. — disse ele.

Ela se moveu para uma posição sentada. Adam olhava por todos os outros, mas eliminou qualquer preocupação por si mesmo. Ele não parecia perceber o quão importante ele era para o comboio.

— Não é *nada*. Era uma armadilha, e foi projetado para você, Adam.

Seu rosto se endureceu. — Estamos analisando o dispositivo do besouro alienígena e a ... criatura duplicada que o entregou.

Seus dedos apertaram nos dele. — É um sinal ruim, no entanto, que eles pesquisaram seu passado. Eles sabem que você toma as decisões, que você nos conduz. Eles estão ficando mais inteligentes. Eles sabem se eles te levaram para fora, eles atacam o coração do comboio.

Adam fez barulho. — Com dificuldade. Outros levariam meu lugar.

— Você criou sozinho a Base *Blue Mountains*. Você reprimiu o caos absoluto daqueles primeiros dias, criou tudo o que precisávamos. Você tem bons líderes de Esquadrão, Adam, pessoas que podem lutar e são inteligentes. Mas eles não são você.

— Vamos falar sobre você. — Ele se inclinou mais perto, seu rosto caindo no dela. — Você não pula entre mim e uma ameaça, entende?

Ela levantou o queixo. — Eu faço o que quiser.

Sua mão se moveu rapidamente, seus dedos agarrando seu queixo. — Você ficará segura, droga.

— Tive um homem tentando me controlar uma vez ...

Adam amaldiçoou e liberou-a. — Isso não é o que eu estou fazendo e você sabe disso.

Ela assentiu. Era uma comparação injusta. Adam Holmes era tão longe quanto você conseguia ir do bastardo com quem ela se casara. — O que foi que eles tentaram colocar em você?

Adam respirou fundo. — Noah e seu time estão dissecando-o com alguma ajuda de Laura.

Se alguém pudesse resolver isso, era Noah Kim, o chefe sexy da Equipe de Tecnologia. Se ele pudesse se concentrar em trabalhar ao lado da Capitã Laura Bladon, isso é. Eles tinham um caso sério de tensão sexual, e desde que eles se ligaram, eles mal conseguiram manter suas mãos fora um do outro. Outro casal que achou o amor neste inferno pós-apocalíptico.

— Eles pensam que é algum tipo de dispositivo de controle mental. — acrescentou Adam.

Liberty ofegou. — Eles poderiam ter controlado você?

— Sim. — Seu rosto era sombrio. — E eu mandaria o comboio diretamente para eles.

As possibilidades desse cenário eram assustadoras.

— Mas não vai acontecer. — Ele agarrou sua mão novamente, seu olhar em seus dedos ligados. — Chegamos à mina de carvão, então estamos seguros por enquanto. E amanhã, estaremos no Enclave.

Um sentimento doentio encheu Liberty. — Ela ... essa coisa estranha disse que o Enclave tinha desaparecido.

Adam sacudiu a cabeça. — Entrei em contato com eles. Tivemos uma conexão ruim, os alienígenas estão tentando atolar todas as frequências na área, mas o Enclave está bem. Eles estão bem.

Liberty soltou uma respiração. — Bem, então. — Ela se inclinou para a frente. — É melhor eu trabalhar no seu plano secreto para fortalecer a moral.

— Não. — Sua voz severa ‘General’ voltou. — Precisa de descansar.

Ela bufou. — Eu tive uma dose de nano medicamento. Eu me sinto melhor do que antes que essa cadela alienígena me cortou, e eu estou zumbindo de energia. — Ela tocou seu rosto, suavizando essa linha entre suas sobrancelhas. — Além disso, aquelas pessoas lá fora precisam. — Ela tocou seu polegar em seus lábios, viu um brilho escuro e cru nos olhos dele. — Nós precisamos disto.

Ele pareceu rasgado. Ela percebeu que deve ser uma situação comum para ele - estar preso entre as decisões.

— Bem. Mas se você sentir a sensação de zumbido ou de qualquer outra maneira, você se sentará.

— Combinado. — Porque ela não conseguiu parar a si mesma, ela se inclinou para frente e pressionou um beijo rápido em seus lábios.

Suas mãos ergueram-se e agarrou seus ombros. Com um gemido, aprofundou o beijo, bebendo em seus lábios.

Ele se afastou e Liberty sentiu que seus lábios estavam inchados. Ele estava um pouco ofegante. — Liberty, você não pode continuar me provocando assim.

— Por que não?

Seus dedos flexionaram sua pele. — Eu só tenho um máximo de controle.

Ela se moveu, girando e balançando os pés sobre a borda da cama. — Bom. — Ela deixou seu olhar se mover sobre seu rosto. — Porque eu não quero seu controle. Agora vá. Preciso me preparar para esse encontro que você planejou.

Ele passou uma mão pelo cabelo, mas a observou com um olho de águia enquanto ela estava parada. — Vejo você em uma hora.

Adam terminou de se lavar na pequena pia no caminhão. Ele tinha ido ver o menino que eles haviam resgatado da gaiola — Elijah. O garoto estava tão assustado e perdido. Felizmente, uma das enfermeiras de Emerson pegou o menino sob a sua asa. Adam salpicou mais água no rosto, escorreu escorrendo pelo peito sem camisa. Deus, ele podia sentir seus ossos doendo.

Uma parte dele, uma que ele continuou mantendo profundamente enterrada, entendeu o que a Sra. Marinos sentiu hoje. Aquela parte dele se sentia exatamente como ela tinha se sentido. Que este mundo era apenas para os jovens, os mais aptos, os que poderiam lutar e sobreviver.

Ele olhou para si mesmo no pequeno espelho acima da pia.

Ele apenas podia ver as inquietas e furiosas almas dos humanos que ele tinha sido forçado a matar hoje no reflexo. Ele pressionou as mãos na pia, com a cabeça caindo. As pessoas que morreram na Base *Blue Mountains* e durante a viagem do comboio. Todas aquelas pessoas ... mortas.

Houve uma batida rápida antes que a porta de seu caminhão fosse aberta e Liberty apareceu.

Ao vê-la instantaneamente sacudiu-o de seus pensamentos. A maneira como o olhar dela vagava sobre seu peito, algo aquecendo em seus olhos, afugentou o último desses pensamentos. O desejo era um fogo em seu sangue, deixando-o muito vivo.

— Estamos prontos. — disse ela com voz rouca.

Relutantemente, Adam puxou sua camisa branca e apertou os botões. Mas seu olhar nunca deixou a mulher na frente dele.

Ela também se trocou. Ela usava jeans escuros que cobriam suas curvas generosas, e um top vermelho, colado ao seu peito fazendo qualquer homem de sangue vermelho chorar.

Jesus, se controle, Adam.

— Como você pode ficar tão bem no meio de uma invasão alienígena?

Ela esfregou os cabelos. — Prática.

— Você faz parecer sem esforço.

— Não é. Mas é importante. — Ela se moveu um pouco. — Eu era uma representante de vendas para uma grande empresa de bens de consumo ... antes da invasão. Nós vendemos tudo — maquiagem, shampoo, pasta de dente. Eu aprendi a deixar de ouvir o que as

peessoas me diziam, e a ler os outros sinais que eles deram para o que eles *realmente* queriam.

— É por isso que você é tão boa em ler pessoas.

Ela encolheu os ombros. — Talvez. Enfim, parecer e me sentir bem me dá um pouco de normalidade no caos. Eu também quero dar isso a outras pessoas. Eu costumava sempre fazer o meu cabelo e vestir-me bem ... antes ... quando eu estava presa no meu casamento. Isso me ajudou a me sentir como uma pessoa real, como se eu não era invisível. Isso me ajudou a fingir alguma confiança quando eu não tinha nenhuma. — Ela sorriu. — Fingir até conseguir. Não é um lema ruim.

Adam ergueu a camisa, o olhar nunca a abandonou e saiu do caminhão. — Você conseguiu.

Ela respirou fundo. — Alguns dias eu me pergunto. — Seu sorriso reapareceu. — Mas agora, sim, eu sinto como se eu fizesse. — Ela agarrou sua mão. — Vamos. Tudo está pronto.

— Você trabalha rápido.

Seu sorriso era puro sexo. — Querido, eu poderia dizer algo aqui, mas eu não quero fazer você corar. E você cora, General Holmes. É meio fofo.

— Eu não coro.

— Não é o seu rosto, mas seu pescoço fica escuro, os tendões esticando ... é sexy.

Adam sentiu calor no pescoço dele. *Droga.*

Eles abriram caminho entre alguns caminhões, e Adam pegou seu último buraco.

Não era bonito. Era uma caverna escura, alguma área central da mina velha, com túneis largos que a levavam. Eles conduziram os

veículos do comboio por uma rampa para entrar aqui, mas ele sabia que eles não estavam muito abaixo da superfície.

Havia algum equipamento de mineração velho e dilapidado em uma esquina. E as paredes eram feias. Elas eram de cor cinza texturizada, e a equipe de tecnologia informou-o de que havia algum tipo de concreto projetado de alta tecnologia que havia sido pulverizado nas paredes aqui. Foi uma das razões pelas quais essa área havia sido escolhida para que se abrigassem. O revestimento de concreto especial aumentou a estabilidade e manteve os gases perigosos provenientes do carvão residual afastado. Felizmente, essa mina fora abandonada não muito antes da invasão, então não havia muito carvão aqui.

Todo mundo tinha sido avisado para não se afastar. A mina continha muitas cavernas grandes e abertas, cheias de perigos potenciais.

Como resultado, eles estavam todos abarrotados neste espaço, com seus veículos estacionados ao longo do perímetro. Todos sentaram-se perto de seus veículos, parecendo cansados e abatidos. Isso atingiu o coração dele.

Ele arrastou a respiração profunda. Deus, ele esperava que o que ele planejou ajudasse.

Ele notou algumas bandeiras festivas amarradas e viu algumas das pessoas que trabalhavam no caminhão da cozinha se mexendo na comida em uma grande mesa dobrável. Ele queria que as coisas parecessem bonitas, mas, na realidade, neste escuro buraco no chão, as decorações de festa apenas pareciam tristes.

— Pronto? — Perguntou Liberty.

— Eu preciso de Marcus antes que possamos começar.

— Ele está vindo. — ela confirmou. — Eu não sei o que você planejou, mas nunca vi o Marcus Steele grande e ruim tão nervoso. Não

antes de uma missão, não quando está de frente para um alienígena, nunca ... mas ele parece nervoso hoje a noite.

Surgiram passos pesados e o homem em discussão apareceu.

Liberty estava certa. Marcus parecia desconfortável. Seus cabelos estavam úmidos e, enquanto ele usava o seu habitual jeans bem-vestido, ele trocou sua camiseta normal com uma blusa fina e com um colarinho.

— Você está bem-vestido. — Liberty endireitou o colar de Marcus.

— Sim. — Marcus olhou em volta. — Achei que você tinha dito que você passaria no lugar antes que eu ... fizesse isso. Fazer isso parecer uma festa.

— Liberty fez o que pode. — Adam queria que ele pudesse oferecer a todos mais. — Nós não temos muito ...

— Agora, espere um segundo. — interrompeu Liberty. Ela ergueu uma mão e assentiu para alguém perto da mesa de comida.

As luzes acenderam.

Milhares de pequenas luzes de fadas brancas cobriram o telhado e as paredes. Ao seu redor, as pessoas engasgaram, levantando. De um lado, havia uma área iluminada por lanternas redondas, de papel branco, cada uma brilhando com uma luz dourada quente. Agora ele podia ver um grupo de pessoas reunidas, lideradas por Cruz Ramos, que estava segurando sua guitarra. O homem acenou com a cabeça, e a pequena banda começou, as encantadoras tendências de algo vagamente latino que encheu o espaço.

A caverna foi transformada.

Tinha passado de áspero e feio, para bonito.

Tudo por causa de uma mulher. Enquanto observava os sobreviventes todos olhando ao redor, sorrindo, outros rindo, algo em seu peito aliviou.

CAPITULO DEZ

Liberty desfrutou os sorrisos dos sobreviventes, a maravilha em seus rostos. Mas ela gostou do choque sobre os rostos de Adam e Marcus.

Adam agarrou seus ombros e puxou-a para o olhar. — Você é uma milagreira.

Porra, ela gostou de ouvir isso. — Nós roubamos algumas luzes.

— Não, é mais do que isso.

Elle Milton apareceu e se aconchegou no lado de Marcus. — Uau. Isso parece incrível. Como se estivéssemos numa gruta de fadas. — Ela bateu o quadril contra Marcus. — Quando você me disse que estávamos fazendo uma festa e nos vestíssemos, não esperava isso.

Elle estava vestindo uma saia, algo que Liberty raramente via a mulher fazer. Ela costumava estar com roupas práticas, pronta para apoiar seu Esquadrão ao som da sirene de evacuação. Mas agora, ela usava uma saia bonita e um top simples. Tinha que estar muito longe do que a antiga socialite costumava usar.

No entanto, enquanto se inclinava para o grande homem a seu lado, a mulher parecia feliz. Amada.

O peito de Liberty ficou apertado. Elle achou isso, essa coisa evasiva, e ela achou isso na pior das circunstâncias possíveis. Liberty sabia que ela não estava construída para o amor, mas não impediu que ela tivesse inveja de pessoas que o encontraram.

— A festa ainda não começou. — A voz de Marcus era a maior voz que Liberty já havia ouvido. O soldado respirou profundamente, depois puxou Elle para o centro da sala, onde as lanternas acordaram a pista de dança improvisada.

Completamente alheia ao que estava acontecendo, Liberty observava, consciente de que Adam ainda estava ali, focado ao lado dela.

Marcus limpou a garganta. As pessoas se viraram para olhar e Elle parecia confusa. — Eu tenho algo a dizer ...

Quando o grande homem ficou em silêncio, uma antecipação silenciosa encheu o ar. Marcus olhou para o chão e Liberty se perguntou se ele realmente ia terminar o que fosse.

Então ela viu o *Hell Squad*, parando perto dele e Elle. Gabe, Reed, Cruz, Shaw e Claudia. Eles ficaram em uma linha sólida, seus olhos no homem que confiavam para leva-los à batalha todos os dias.

— Vamos, *amigo*. — gritou Cruz. — Isso é muito mais fácil do que tomar *Raptors*.

Marcus murmurou algo em seu melhor amigo, depois respirou fundo.

— Marcus, o que há de errado? — Elle subiu nos dedos dos pés e tocou seu rosto. — Fale comigo.

Marcus balançou a cabeça, como um cão sacudindo a água, depois limpou a garganta.

— Elle, todos os dias que vou para fora, lutar. Eu percorro a sujeira, vejo o pior do que aconteceu com o nosso mundo ...

As pessoas ao redor murmuravam.

Hmm. Liberty não tinha certeza do que Adam tinha planejado isso.

Marcus agarrou a mão de Elle. — Mas é tão fácil para mim colocar minha armadura e pegar minha carabina sabendo que estou lutando por você.

O rosto de Elle se suavizou.

— Mesmo antes de nos reunir, eu estava lutando por você. Você é minha luz na escuridão. Eu não sei o que fiz para merecer o seu amor, mas é o que eu procuro todas as noites e o que eu procuro todas as manhãs quando acordo.

Havia silenciosos oohs e suspiros da multidão.

Liberty sentiu seu próprio coração inchando. Marcus não era um homem propenso a falar muito ou espalhar os seus sentimentos no mundo.

Os lábios de Elle tremiam. — Marcus ...

Ele sacudiu a cabeça, quebrando o murmúrio. — Não, deixe-me terminar ... ou talvez não saia as palavras. — Ele enfiou a mão no bolso. — Eu sei que o mundo foi para o inferno, e eu não tenho nada para oferecer além de mim ... — Ele caiu em um joelho.

A mão livre de Elle voou para a boca e a multidão ofegou. Liberty viu caras vivas com curiosidade, maravilha e excitação. Uma antecipação silenciosa preenchia o espaço.

— Você compartilha minha cama todas as noites. Você cuida das minhas feridas. Todo dia, você está no fim da linha de comunicação, levando-me para fora de problemas. O que quer que aconteça neste mundo, eu simplesmente não me importo, desde que você esteja do meu lado. — Ele ergueu uma pequena caixa. Liberty não estava perto o suficiente para ver o anel, mas a luz brilhava em algo com que ela tinha certeza que era bonito. — Elle Milton, você se casará comigo e será minha para sempre?

Ele agarrou seu rosto. — Eu já sou sua, Marcus. Eu sempre fui. Mas sim, eu adoraria ser sua esposa.

Marcus ergueu a respiração e, em um movimento rápido, voltou a andar. Ele passou a mão em seus braços. Liberty os observava beijar, um abraço profundo que os afastava de todos. Não era um beijo doce

vindo de Marcus Steele. Mas era tão fácil ver que era alimentado pelo amor e um desejo intenso que fazia seu coração tocar em seu esterno.

Em todo o lado, os sobreviventes do comboio aplaudiram. Algumas pessoas estavam se abraçando e se beijando. Mas, o mais importante, em cada face, ela via felicidade e esperança. Ela até viu a Sra. Marinos sentada com outras pessoas, o rosto enrolado em sorrisos. Marcus e Elle eram o *Hell Squad*, e o *Hell Squad* era outra parte da cola que segurava este grupo.

Depois que Marcus deixou Elle para o ar, ele deslizou o anel em seu dedo. Os outros membros do *Hell Squad* avançaram, batendo Marcus nas costas e puxando Elle para beijos. Shaw aproveitou seu tempo dando um beijo a Elle, ganhando um grunhido de Marcus e uma bofetada na parte de trás da cabeça de Claudia. Então o atirador encantador girou, puxou Claudia em seus braços e deu um beijo muito longo e profundo sobre ela.

Foi fascinante ver uma mulher tão dura e capaz derreter sob o impacto.

— Bem feito, Adam. — Liberty olhou de frente para o homem que orquestrou tudo isso. — Você fez isso.

Seu olhar atingiu o dela. — Foi sua ideia.

— Sim, foi. Na verdade, acho que você me deve uma dança por isso.

Ele franziu a testa. — Eu não danço.

Ela pressionou uma mão em seu braço, apertou. — Você vai esta noite. — Com isso, ela girou e ergueu a voz. — Todos, há comida para comemorar. Os cozinheiros do caminhão da cozinha se superaram esta noite. — Ela acenou para as mesas de comida. — Vão. Apreciem!

Naquele momento, a banda começou novamente.

As pessoas se dirigiam para a mesa de comida, outras para a pista de dança. Alguns ficaram sentados juntos, rindo e falando, sorrindo para as festividades.

Era perfeito.

Não importava que as paredes fossem de rocha, ou que o chão parecesse a sujeira, ou que estivessem cansados e fugindo.

Muitos deles ainda estavam assistindo Elle e Marcus. Elle tinha persuadido seu soldado na pista de dança. Ele mal se movia, mas ele tinha seus braços ao redor dela enquanto dançava, seu olhar colado em seu rosto.

— Uma parte de mim ainda não acredita que estamos fazendo isso. — murmurou Adam.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Mesmo correndo, com *Raptors* em nossa cauda, e estamos tendo uma festa de noivado. — Ele balançou a cabeça. — Um pouco louco.

Ela cutucou-o com o quadril. — Isso nos torna humanos. Você acha que o *Gizzida* está lá fora se divertindo, rindo, querendo? Não. E será sua queda. — Ela agarrou sua mão. — Vamos, General Holmes, estou reivindicando minha dança.

Com grande relutância, ele saiu com ela na pista de dança.

Algumas pessoas explodiram e gritaram.

Eles se juntaram, e Liberty conseguiu uma sugestão desse corpo que a deixara selvagem. Ela queria esse foco profundo nela novamente. Ela se sentia um pouco viciada com esse desejo. Era tão diferente, em comparação com todos os seus encontros anteriores com homens.

Adam balançou ao ritmo, seus braços se fecharam ao redor dela. Liberty pressionou-o. Era uma música alegre e divertida, feita para dançar. — Vê. Não faz mal.

— Eu não disse que não podia dançar. — ele resmungou. — Só que eu não sei. Não é certo para um General, um líder, estar confraternizando.

Ela revirou os olhos. — Eu vou quebrar esse hábito de manter você separado de todos, mesmo que isso me mate.

Suas mãos apertaram sobre ela, seu aperto quase doloroso. — Não fale sobre morrer.

A intensidade em seus olhos fez sua respiração capturar. — Você está certo. Esta noite é tudo sobre viver.

Enquanto Liberty se deixava cair na música e no leve almíscar de Adam, ela percebeu que ele ainda estava tenso. Como se ele simplesmente não sabia como se soltar e relaxar.

Seu General pode não estar ciente disso, mas Liberty acabou de declarar a guerra secretamente sobre ele.

Esta noite, ele se soltaria, relaxaria e sentiria prazer ... e estava planejando ganhar essa guerra privada.

Em torno de Adam, as pessoas golpearam e brincaram. Shaw e Claudia estavam dançando com Selena. A mulher alienígena estava concentrada em aprender os passos de dança, mas ela estava sorrindo. Mas Marcus não estava dançando ... e também não Gabe Jackson. Doc Emerson tinha arrastado o homem para a pista de dança. Ele mal estava se movendo, mas a Doc estava batendo e

triturando ao lado dele. O rosto do grande homem disse que ele não estava chateado com a situação.

Adam também não estava. Enquanto se movia com Liberty, deixando a música latina mergulhar em seu sistema, sentiu seus músculos relaxarem, um a um.

De vez em quando, Liberty olhava e ria, pura alegria no rosto. Ele resistiu ao desejo de aproximá-la.

Liberty Lawler não era para ele. Ela era cheia de vida, muito divertida. Ela ficaria entediada com ele antes de muito tempo. Inferno, Diane — que tinha sido quieta, sensata e conservadora — ficou entediada com ele.

Mas ele ia aproveitar esse momento, essa dança. Ele absorvia todos os bons pedaços e os puxaria quando ele precisasse deles. Naquelas noites escuras, sozinho, quando os sussurros dos mortos o assombrassem.

Adam engoliu em seco. Ele sentiu os pensamentos obscuros pressionando contra ele mesmo agora.

Ele olhou para o seu povo. Rindo, comendo, dançando.

Valeu a pena. Ele suportaria a escuridão, então eles não precisavam suporta-la. Então eles não tinham mais manchas em suas almas e dificuldades extras para lidar.

— Ei. — Uma mão em sua bochecha. — Onde você foi? — Os olhos azuis de Liberty estavam sobre ele.

— Desculpe. — Ele balançou a cabeça, pegando a música novamente.

— General. — Roth Masters e sua parceira, Avery, atravessaram, e Roth empurrou um copo para a mão de Adam.

Um copo de cristal — uma raridade nestes dias de plástico do caminhão da cozinha. O copo segurava um líquido âmbar. — O que é isso?

— Liberty pediu isso para você. — Com uma piscadela, Roth agarrou Avery e girou-a na multidão dançante.

Liberty sorriu. — Tente.

Adam sorriu e gemeu. — *Whisky Scotch Malte*. Onde diabos você conseguiu isso, e como você sabia que era meu favorito?

Ela se aproximou, suas mãos no peito. — Eu lhe disse, eu tenho meus caminhos. Aprecie.

Ele aproveitou. Ele apreciou a lisa e forte queima do *whisky* enquanto ele tomava um gole e o prazer de suas curvas pressionava contra ele. Quando ela balançou ao ritmo, seus seios roçaram seu peito, suas coxas esfregando contra as dele.

Adam tomou um último gole precipitado de sua bebida. Não fez nada para aliviar o desejo cru que arruinava seu intestino.

Liberty soltou o copo vazio, entregando-o a alguém. A música mudou, tornou-se mais sensual, mais sexy. Uma batida que fez você pensar em corpos quentes e suados e sexo bruto e primitivo.

Cruz já não estava no violão. Em vez disso, ele tinha um bom aperto em sua parceira, Santha, e eles estavam se movendo suavemente ao ritmo, dançando a salsa. Cruz estava liderando, claramente o dançarino mais experiente, mas Santha estava seguindo sua liderança. Eles se fundiram, depois voltaram, seus corpos se juntaram como duas peças de um quebra-cabeça. Moldando-se um contra o outro, Cruz inclinando-se para trás, varrendo sua parte superior do corpo em meio círculo.

— Porra, eles parecem sexy. — disse Liberty.

— Você gosta da salsa? — Perguntou Adam.

Ela riu. — Eu gosto da aparência, mas não sei como fazê-lo.

Ele não se deixou pensar. Ele a agarrou e a puxou para perto, sua coxa deslizando entre ela.

Seus olhos se arregalaram. O mesmo aspecto que ela tinha tido em seu rosto naquela noite em seu caminhão quando ela tirou a roupa. — Você sabe como dançar salsa?

— Eu tomei aulas de dança quando era criança. Minha mãe estava esperando que eu aprendesse a valsa. Eles lançaram algumas outras danças que eu nunca disse a ela.

Ele a empurrou para fora, movendo seus quadris ao ritmo. Ela riu novamente, olhando seus pés.

Adam puxou-a novamente. — Não. Veja meu rosto. E siga a minha liderança.

— Eu segui ... por um ano e meio. Você nunca me dirigiu errado.

Suas palavras se infiltraram sob sua pele, junto com a música sexy e a sensação desta mulher.

Ele a puxou para dentro da dança, a coxa lavando contra a coxa, com os braços apertados em torno dela. Ele a empurrou para trás, afastando a mão de seu magro pescoço pelo delicioso centro dela. Difícilmente, ele estava ciente das pessoas torcendo e gritando.

O desejo em seu intestino queimou quente, torcendo mais apertado. Essa necessidade, essa queimadura por ela, o afastou de sua mente.

Quando a música terminou, ele a puxou forte contra seu peito. Ambos respiravam com força, um bom brilho de transpiração na pele.

— Uau. — Ela lambeu os lábios. — Isso é tudo o que posso conseguir. — Ela baixou a voz. — Melhor fazer um arco.

Ela se afastou e fez um grande arco. A multidão aplaudiu de novo. Adam conseguiu um aceno de cabeça, esperando que ninguém visse a protuberância apertada em suas calças.

A próxima música começou. Isso era algo mais lento, mas ainda sexy, sensual.

Instantaneamente, Liberty recostou-se nele, pressionando o rosto no seu peito. Ela respirou profundamente, como se ela não pudesse obter o suficiente de seu cheiro. Seu pau se contraiu. Desamparado contra a atração dela, ele voltou a abraça-la.

Uma última dança. Ele se deixaria fazer isso antes de escapar para o caminho.

Enquanto eles balançavam suavemente, ela fez um zumbido na garganta.

Ao redor deles, as pessoas voltaram para seus pequenos grupos, conversando e comendo. Outros encontraram parceiros e, de repente, a pista de dança estava lotada.

Adam pressionou o rosto para o cabelo de Liberty.

Cheirava a morangos.

Ele respirou. Memorando.

A música terminou, e Adam arrumou seu controle. — Eu tenho que ir.

— O quê? — Ela levantou a cabeça.

— Eu passei um ótimo momento. Você estava certa, eu precisava disso tanto quanto todos os outros ... mas eu tenho trabalho para fazer ...

Ela franziu a testa. — Morrer na culpa, você quer dizer.

Adam apertou os dentes e gentilmente, mas firmemente, afastou-a. — Não posso fazer isso, Liberty.

Ela empurrou as mãos nos quadris. — Adam, você também precisa ter algo para viver. Você tem que equilibrar o mau com algum bem.

— Eu estou bem ...

— Besteira. Todo mundo que conhece você sabe que você está equilibrado em uma vantagem muito fina. Apenas se deixe sentir!

— Eu faço. — As palavras saíram dele. Ele baixou o tom. — Eu sinto a culpa, a pressão, o remorso, o sofrimento. Eu me afogo todos os dias.

As emoções cintilavam sobre o rosto. — Isso só prova meu ponto. — O calor da raiva tinha desaparecido. — Essas emoções acabarão com você em um tempo. Você precisa de esperança e felicidade, bem como de prazer.

O ar saiu apressado dentro e fora do peito de Adam. Ele não conseguiu formar as palavras certas para dizer a ela que ele não merecia nada disso.

Ela olhou para ele, seus olhos azuis levando-o para dentro. Então ela estendeu a mão e agarrou sua mão.

— Venha comigo. — disse ela calmamente.

Ele estava tão rasgado ... entre o que ele deveria fazer, e o que ele queria tão desesperadamente, ele mal podia respirar.

Quando o puxou para fora da pista de dança, ele seguiu.

CAPITULO ONZE

Adam não se deixou pensar.

Ele apenas seguiu Liberty enquanto ela o conduzia por um túnel lateral.

— Ninguém pode entrar nos túneis ...

Ela lançou um olhar sobre o ombro dela. — Bem, parece que você terá a chance de ser um pouco impertinente, General. — Ela sorriu. — Nós não estamos indo longe.

Ela virou-se e Adam viu o brilho da luz à frente. Ela virou novamente e puxou-o para uma pequena alcova localizada do lado do túnel.

Ele respirou fundo. Obviamente, tinha sido usado para armazenar itens quando a mina estava ativa. Ainda havia uma pilha de tubos de metal contra a parede traseira, apoiada em um palete de madeira.

Mas foi o que Liberty tinha feito, que demorou seu suspiro.

Havia velas em todos os lugares. Elas alinharam a base das paredes da rocha e sentaram-se na parte superior dos tubos. As chamas cintilaram como loucas, dando ao espaço pequeno um brilho quente. No centro da alcova havia um ninho de cobertores e travesseiros. Ao lado havia uma garrafa de Scotch meio cheia, o líquido âmbar brilhando na luz e dois copos de cristal ao lado.

— Quando ... como ...? — Seu coração estava bombeando.

Liberty puxou sua camisa sobre sua cabeça. Sua pele estava dourada à luz das velas.

— Apenas pare de lutar, Adam.

Suas mãos estavam enroladas em punhos. O tormento era enorme. Ele deveria estar de volta ao caminhão, fazendo ... algo importante. Algo para beneficiar o comboio. Não se entregando a uma mulher que era todo seu desejo e seu pecado personificado.

Ela tirou o jeans e ficou ali em dois pequenos pedaços de renda esmeralda. — Eu quero você.

Essas palavras silenciosas e honestas o quebraram.

Adam caiu de joelhos, envolvendo seus braços ao redor dela. Ele pressionou o rosto para a barriga dela, passando as mãos pelas costas suaves.

Suas mãos emaranhadas em seus cabelos.

— Pare de pensar. — ela murmurou. — Apenas sinta.

Ele mostraria a ela o quanto ele a queria. Quanto ele admirava cada parte dela. Não apenas seu corpo curvilíneo, lindo, mas seu amor pela vida, seu implacável e silencioso cuidado com os outros e sua confiança para desfrutar de todas as coisas que ela amava.

Ele alcançou atrás dela para o aperto de seu sutiã e desfez-se, a roupa caindo no chão.

Adam ergueu os seios, curtindo o som de respiração que ela fazia. Ele amassou as curvas cheias, observando seu rosto pelo que ela mais gostava.

Ele apertou um beijo na barriga suave dela. Deus, sua pele, a sensação dela ... perfeita.

Ele arrastou as mãos para baixo, acariciando. Ela ficou imóvel, tremendo um pouco, um rubor no rosto.

Então ele agarrou a borda de sua calcinha de renda e empurrou-a para o lado. Ele já podia sentir o cheiro de excitação, sentir um tremor atravessando ela.

Isso o emocionou. Ele sabia que ela era uma mulher confortável com seu próprio prazer, experiente com sexo, mas, ainda assim, ela respondeu a ele de uma maneira que deixou claro que ela estava tão perdida no momento como ele estava.

— Abra para mim, Liberty. — Ele exerceu uma pequena pressão sobre a coxa dela.

Ela se abriu.

— É isso. — ele murmurou. — Eu quero te ver.

Ele deslizou um dedo através de suas dobras úmidas, fazendo um zumbido. Deus, ela era deslumbrante.

— Adam ...

— Você deve ver como você está molhada. — Ele a acariciou, sentindo a evidência escorregadia de seu desejo. — Tudo isso, apenas para mim.

Adam puxou a mão para trás e olhou para ela. Ela era o sonho de todos os homens, curvas deliciosas e força oculta. Ele lambeu os dedos.

Ela apertou um pouco, seu olhar agitado enquanto ele lambeu o mel de seus dedos.

— Você tem um sabor maravilhoso.

— E você é muito sexy.

Ninguém nunca o chamou de sexy antes. Ele deslizou as mãos para trás entre as coxas, deslizando um dedo profundamente dentro dela.

Ela gemeu, levantando os dedos dos pés.

— Você gosta disso? — Ele murmurou.

Suas mãos agarraram seus ombros, suas unhas cavando dentro. Ele sabia antes que a noite acabasse, ele teria mais arranhões para juntar as marcas que já havia deixado.

— Você sabe que sim. Mas eu quero ... — sua respiração engatada. — ... mais.

Adam puxou e deslizou dois dedos de volta. — Isso está melhor?

Seus olhos azuis estavam se afogando no desejo. — Você sabe o que eu quero.

Sim, e ele desfez-se sabendo que queria que seu pau se hospedasse profundamente dentro dela. Mas ele não ia apressar isso. Ele sabia que esta noite teria que durar um longo, longo tempo. Ele queria saborear cada momento, apreciar cada bela polegada dela.

Ele puxou os dedos para fora e deslizou os polegares nos lados de sua cueca. Ele os afastou e ela saiu.

Ele a puxou para baixo e a empurrou para trás na cama de cobertores.

Ela ergueu os braços acima da cabeça, esticada como uma oferta privada e nua.

Ela sabia exatamente como ela parecia. O sorriso em seus lábios era sensual e seu olhar nunca vacilou dele.

— Tire a camisa. — disse ela. — Por favor.

Adam rapidamente desabotoou a camisa, surpreso por ele não ter apenas rasgado ela. Ele tirou-a das calças e encolheu os ombros.

Agora ela estava ocupada olhando para o seu peito, mergulhando-o.

Naquele momento, Adam não se sentia como um General do Exército Moderno. Ele sentia-se como um antigo líder da guerra, com seus despojos de guerra colocados diante dele.

— Você é tão preciosa, Liberty.

Ela sorriu. — Obrigado.

Ela já tinha ouvido isso antes, ele percebeu. As pessoas louvavam sua beleza e isso não significava nada para ela. Ele envolveu seus dedos em torno de um de seus tornozelos, puxando-a um pouco mais perto dele. Ele deslizou as mãos pela perna, bebendo a sensação de sua pele.

— Eu não quero apenas dizer o corpo exuberante, os seios lindos e o rosto perfeito. — Ele passou os dedos pela barriga, curtindo quando respirou fundo. — Eu também quero dizer as coisas que as pessoas nem sempre percebem sobre você. A maneira como você se importa com os outros, antecipa suas necessidades, da maneira que você não quer apenas seu próprio prazer, mas também o dos outros.

Seus lábios se separaram e ela apenas olhou para ele.

Ele se inclinou e apertou um beijo no esterno, bem entre seus seios. Ele apertou seus beijos para cima, sugando suavemente a clavícula.

Seus dedos deslizaram em seu cabelo, puxando ligeiramente, seu corpo deslocando-se inquieto debaixo dele.

Agora ele se moveu para um peito glorioso, sugando o bico escuro em sua boca.

— Oh ... — Os dedos dela puxaram o cabelo novamente.

Ele soltou seu mamilo com um pop suave. Ele se moveu para o outro, circulando o bico apertado com a língua. — Eu poderia fazer isso a noite toda. Beijar, lamber e sugar você.

— Está me provocando.

Ele viu o olhar deslumbrado em seus olhos e ele franziu a testa, perguntando-se de onde veio. — Por que você parece tão surpresa? Que eu pudesse enxergar você, lamber cada centímetro de sua pele, acariciar meu pau até eu derramar por todos estes magníficos seios?

— Adam ... — Ela balançou a cabeça, tremendo de novo. — Ninguém ... o sexo geralmente é rápido, divertido ... não é isso.

Ninguém tomou seu tempo com ela. Ela não demorava seu tempo. Em uma súbita explosão de pensamento, ele percebeu por toda sua diversão de sexo, ela não deixou um homem explorá-la assim. Descobrir todos os seus lugares suaves e segredos escondidos.

Bem, Adam era um homem paciente, um excelente estrategista. Ele gostava de conhecer cada centímetro do campo de batalha antes de fazer sua jogada final.

Ele pressionou a boca para a barriga dela. — Eu prometo, isso não será rápido, Liberty. Na verdade, será muito, muito lento.

— Sim, Adam, sim.

As mãos de Liberty enrolaram-se nos cobertores debaixo dela. A língua de Adam se moveu ao longo do sulco sensível entre sua coxa e seu corpo. Então ele recuou um pouco e soprou na fuga úmida que ele havia deixado.

— Oh. — Arrepios surgiram sobre sua pele. Ele estava deixando-a fora de sua mente com a sobrecarga de sensações. Um brilho de beijos claros em sua barriga, um chupar duro no osso do quadril, a firme pressão de seus dedos na coxa.

Ninguém a tocou assim. Tão lento, deliberado e absorvido.

Quando ela o arrastou para fora da pista de dança, ela imaginou montá-lo com força, em um passeio rápido e suado que ambos adorariam.

Mas isso ... deixou que ela percebesse o quão faminta ela tinha estado por alguém realmente vê-la, tocá-la, saboreá-la.

Pelo olhar intenso em seu rosto, o pincel ocasional de seu pau duro contra sua perna, ela sabia que ele estava gostando tanto quanto ela.

Ele estava beliscando a coxa e depois parou. Ele ficou tão quieto e, quando olhou para baixo, percebeu o que estava olhando.

Ela empurrou, mas suas mãos a abraçaram rapidamente.

— O que aconteceu?

As pequenas cicatrizes prateadas estavam tão desbotadas que ela quase não percebia mais. Ela respirou fundo.

— Liberty ... — Ele gentilmente beijou cada marca, seguindo a trilha. Quando viu mais na barriga, o rosto se endureceu. — Conte-me.

Ela engoliu em seco. — O meu ex. Ele me bateu com um cinto. O final da fivela.

Algo assustador apareceu sobre o rosto de Adam. — Espero que ele tenha tido o que ele merecia.

— Eu estava mais interessada em fugir e encontrar o que eu merecia.

Ele abaixou os lábios sobre a barriga dela. — O que é que era isso?

Ela se arqueou debaixo dele, sua voz sem fôlego. — Prazer. Diversão. Uma vida.

— Prazer. — Ele sugou sua pele e ela ofegou. — Vamos ver o que podemos fazer sobre isso.

Então ele puxou para trás e empurrou os joelhos para longe, colocando-a completamente em sua visão febril. Ela lambeu os lábios, sabia o que estava por vir, mas sentiu o desejo mais estranho de se contorcer.

— Eu estou tão duro de apenas olhar para você, Liberty. — Ele deslizou ambas as mãos acima de suas coxas, então eles deslizaram debaixo dela, agarrando a bunda dela. — Agora, olhe para mim.

Ela fez e viu enquanto a levava. O olhar em seu rosto a manteve fascinada. Isso. Foi nisso que se tornou viciada — esse foco intenso dele.

Seus dedos apertaram-se sobre ela. — Olhe para mim.

Ela não conseguiu desviar o olhar, o desejo dela em uma tempestade de fogo.

Sem afastar-se dela, ele apertou a boca para ela e sugou seu clitóris em sua boca.

A visão impertinente, as sensações, estavam quebrando. Liberty mordeu o lábio, nunca desviando o olhar de seus olhos azuis focados.

Enquanto ele lambeu e sugava, a pele dela ficou mais quente, seus músculos tremiam. Não havia nenhum sinal do General atormentado que conheceu no ano e meio passado. Este homem era completamente outro.

Ele continuou trabalhando, implacável. Ela sentiu o raspar de sua barba de cinco horas em suas coxas internas. Todos os gemidos e gritos que ela fazia pareceram inflamá-lo. Tudo em seu corpo estava apertando, sua excitação rugindo. Ela não achava que ela pudesse tomar mais.

— É isso. — ele murmurou contra o clitóris. — Me dê isto.

Deus.

Com isso, um orgasmo como nunca tinha experimentado antes correu sobre ela. Sua cabeça caiu para trás, sua espinha arqueada, e ela gritou seu nome, o som ecoando em torno de seu abrigo privado.

Adam manteve-a através de tudo. Ela sentiu as mãos sobre ela, impedindo-a de simplesmente se afastar.

— Eu tenho você. — Um beijo na barriga dela. — Estou aqui.

Uma vez que ela recobrou a respiração, seu corpo uma grande e lânguida massa de preguiça, ela olhou para cima. Enquanto ela estava aninhada nos cobertores, ele ainda estava ajoelhado acima dela. As veias no pescoço estavam de pé, seus músculos se esticavam. Seus lábios ainda brilharam com seus sucos.

— Você está de volta? — Ele perguntou.

Ela assentiu. — Eu acho que sim.

— Bom. — Ele a deixou ir e se levantou.

Um nó formou na garganta de Liberty. Quando ele apareceu acima dela, desabotoou o cinto e a calça com movimentos lentos e deliberados. Ele os expulsou e logo ficou ali, nu, excitado e muito masculino.

Sua barriga apertou.

Em um movimento, ele se abaixou e cobriu-a. Ele se moveu e a cabeça grossa e em forma de cogumelo de seu pau esfregou entre suas pernas. Liberty ergueu os quadris, precisando dele.

Ele entrou nela, uma polegada, duas polegadas. Havia uma sensação de pressão total enquanto a esticava.

Então ele fez um som áspero, agarrou seus quadris e bateu dentro dela.

— Oh. — Ela arqueou suas costas, cheia dele.

Ele amaldiçoou. — Eu sinto muito. Eu sou grande. Eu deveria ter sido mais cuidadoso. — Ele voltou um pouco e sentiu seu corpo tremendo. — Você se sente tão bem ...

— Adam. — Ela ergueu os quadris, mas ele puxou para fora, até que apenas a cabeça de seu pau estava alojada dentro dela.

— Sim. — Seu grande corpo tremia acima dela.

— Cale-se.

Então, em um impulso perfeito, ele a encheu de seu pau.

Ela gemeu e rodeou as pernas em volta da cintura. Ela já estava inchada de gozar e ele era tão grosso, por tanto tempo.

Ele puxou, empurrou, e então repetiu os movimentos uma e outra vez. Ele se abaixou sobre ela, aninhado entre suas coxas. Sua boca encontrou a dela, e ela se entregou ao seu beijo.

Liberty olhou para o rosto dele. Os olhos dele brilhavam com calor, olhando para dentro dela. Ela se perguntou se ele a viu, todas as pequenas coisas, quer quisesse compartilhar ou não. Mas o que ela gostava era que sentia que ele estava lhe dando uma parte de si mesmo.

— Assim. Droga. Bom. — Ele expulsou as palavras.

Ela deslizou uma mão entre seus corpos lisos. Ela tocou músculos tensos e pele úmida, e então sentiu-se onde ele estava dirigindo para dentro dela. Ela gostava de se juntar com ele, apenas os dois. Ela gostou muito. A sensação de seu corpo enrolado em torno de seu pau duro, aquela parte grossa dele esticando-a, era demais. Ela moveu o dedo novamente, escovou seu clitóris ao excesso de sensibilização e outro orgasmo a atingiu sem aviso prévio.

Ele gemeu, seus impulsos ganhando velocidade. Enquanto o corpo de Liberty se arqueava e tremia debaixo dele, ele continuava empurrando-se para dentro dela.

Então, sua boca deslizou para a sua têmpora e ele empurrou o pau para dentro. Ele se sacudiu, gemendo o nome dela quando ele gozou dentro dela.

Liberty estava ofegante, o corpo pesado de Adam relaxando sobre o dela. Naquele momento, ela não se importava com o passado ou o presente. Ou as outras pessoas de volta à caverna principal, não muito longe deles, nem mesmo os malditos alienígenas.

Havia apenas ela e Adam.

CAPITULO DOZE

Liberty acordou, um pouco incerta onde estava e não sabia o que a acordara. Ela piscou o sono de seus olhos e seu olhar focalizou as velas esvaziadas e queimadas nas proximidades. Algumas ainda cintilavam, dando uma luz fraca.

Um corpo masculino duro estava pressionado ao lado dela.

Ela sabia em um instante que era Adam. A sensação dele, o cheiro dele estava impresso em seus sentidos.

Ele estava se movendo, empurrando um pouco. Tendo um pesadelo.

Ela se sentou, alcançando seu ombro. — Adam?

Ele acordou. Com uma maldição murmurada, ele se sentou, dando-lhe as costas.

Ela viu a luz das velas tornar sua pele brilhante, mas seus músculos estavam tensos. Ele pressionou a cabeça em suas mãos.

— Adam ...

— Essas pessoas, presas naquela gaiola ... estão mortas. Às minhas ordens ...

Ela ouviu a dor, o sofrimento. Isso era o que ninguém via do homem que os liderava. Este era o homem que carregava tantos encargos para que todos pudessem dormir à noite.

— Os alienígena os mataram, não você.

Ele respirou longamente. — Volta a dormir. Desculpe, eu acordei você.

Ela se colocou nas costas dele. Ela sentiu que ele endureceu e ele estendeu a mão e agarrou seus braços, pronto para afastá-la. Ela se apertou nele. Ele era o rei em afastar as pessoas, ou melhor, nunca deixando-as chegar perto demais em primeiro lugar.

Isso fez com que ela percebesse que ela era muito boa em deixar as pessoas longe ... mas apenas até agora, e só por um momento. Ela era amiga de todos, mas não era chegada a ninguém.

Deus, eles eram duas ervilhas em uma vagem.

Mas agora, ela não estava deixando ele afastá-la.

— Eu não vou embora. Eu não estou tomando a opção fácil para que eu possa dormir. Deixe-me ajuda-lo a assumir isso. — Ela o segurou mais apertado. — Estou aqui, Adam. Para você.

Ele estremeceu sob seu toque. — Não são apenas essas pessoas. Em *Yeranderie*, perdemos pessoas. Deixei Claudia se sacrificar para nos salvar a todos. E as pessoas ainda morreram.

— Claudia está bem. E o resto de nós fugiu por causa de você e dos esquadrões. Não há nada mais que você poderia ter feito. Para qualquer uma das pessoas que morreram.

Suas mãos apertaram as dela. — Todas aquelas pessoas estão mortas, e aqui estou eu me divertindo. Sentindo prazer que eu não mereço.

Aqui estava o verdadeiro cerne do problema, e doía seu coração.

— Homem estúpido. — Ela pressionou seu rosto contra o dele. — Você o merece. Você trabalha tanto e sacrifica tanto ... mas você sabe o que? Nada disso importa. Quando eu estava no meu lugar mais sombrio, quando meu ex me levou ao meu lugar mais baixo, eu

pensei que eu não merecia viver, muito menos sentir-me bem ou sentir prazer.

Com um rosnado, Adam a puxou para o seu colo. Ele segurou seu rosto. — Isso é besteira.

— Eu sei disso agora. — Ela rastreou seu rosto bonito com o olhar dela, depois tocou um dedo em seus lábios firmes. — Eu percebi que merecemos amor e prazer, não importa quem somos ou o que fizemos. Todos nós merecemos.

Ele pareceu rasgado.

Seu pobre e torturado General. De repente, Liberty percebeu que, às vezes, as ações falavam mais alto do que as palavras.

Ela se inclinou para frente e afundou os dentes no ombro dele.

Ele rosnou e disparou o desejo cintilando em sua barriga. Ela sentiu seu corpo ficar tenso embaixo dela.

Mas desta vez não era a tensão de carga e tormento. Era a tensão do desejo e da necessidade.

Ela o mordeu de novo, um pouco mais difícil, e sentiu que seu pau inchava debaixo dela. Hmm. Talvez seu General gostava de sexo um pouco áspero. Talvez ele precisasse de um pouco áspero. Para desencadear toda aquela emoção escura, que ele estava se afogando.

Ela mordeu o lado do pescoço, sugando forte, pressionando as unhas nas costas.

Ele fez um som na garganta e um segundo depois, ele se moveu, jogando-a de volta na cama improvisada em suas mãos e joelhos.

Liberty ofegou.

Antes que ela pudesse realmente se concentrar no que estava acontecendo, Adam agarrou seus quadris com força. Ela sabia que teria marcas amanhã.

O desejo era um choque feroz para o sistema dela.

Ela olhou por cima do ombro e estudou a expressão crua e dura em seu rosto. Este era Adam completamente desencadeado. A barriga dela contraiu.

— Eu vou te levar muito, Liberty. Vai ser difícil. — Uma de suas mãos se moveu, acariciando a pele no quadril. — Diga-me que você não tem medo.

Ele estava acariciando suas cicatrizes. Sua barriga apertou. — Eu nunca teria medo de você, Adam.

Com um gemido, ele puxou os quadris para trás. Com uma mão, ele acariciou-se entre as nádegas, movendo-se para esfregar o calor quente e úmido dela.

Sim. Ela empurrou para trás. Pronta, ansiosa por mais. Um pequeno grito explodiu fora dela.

Ele estendeu a mão e baixou sua cabeça. Liberty dobrou os cotovelos, descansando a bochecha em seus braços. A antecipação nervosa era um frenesi quente em seu sangue.

Seu corpo cobriu o dela, sentiu a escova do cabelo em suas coxas contra a parte de trás dela, o aço rígido de seu estômago em suas costas e seu braço esquerdo curvava o dela.

Estava tremendo agora. Nenhum homem a deixara assim, tropeçando à beira do desejo, desesperada pelo que fosse acontecer.

Ele não lhe deu nenhum aviso. Um segundo depois, ele usou sua mão livre para correr a cabeça de seu pau contra ela. Então ele empurrou dentro dela com um grande impulso.

— Oh. — Ela avançou sob o peso dele. Ela estava tão cheia, tão esticada.

— Então, muito bom. — Um murmúrio quente e urgente.

Seus dedos enrolaram em seu braço, cavando no antebraço.

Então ele puxou e empurrou novamente. Ela balançou para frente e para trás, ajustando-se ao tamanho dele e ao seu ritmo imparável.

Ela nunca se sentiu tão deliciosamente controlada, então com a misericórdia sexual de um homem, com todo seu implacável foco em seu prazer e o dele. O prazer construído, nervoso, paralisante, um tormento, ela não tinha certeza de que poderia suportar muito mais. Ela precisava gozar, queria gozar.

Mas Adam manteve seu ritmo duro e áspero, seu corpo batendo contra o dela.

— Adam ... por favor ... eu não posso aguentar mais.

Ele bateu nela novamente. — Você irá. Você pode.

Ela estava fazendo sons pequenos agora, montando o atordoamento da excitação, mas ainda não encontrando sua liberação. Seu corpo grande se moveu dentro dela, e seu coração trovejava em seu peito.

Então ela sentiu sua mão direita deslizar abaixo dela. Um segundo depois, ela sentiu a firme pressão de seu polegar contra o clitóris.

Com um grito de garganta, ela gozou. Duro. A força selvagem de seu orgasmo era como uma tempestade violenta. Ao sentir seu corpo reprimir o dele, ela se virou e afundou os dentes nos músculos tensos do antebraço.

Ele fez um som correspondente, seus quadris flexionando enquanto a enchia de novo. Sua boca quente tocou seu ombro, então sentiu a ferida brutal de seus dentes enquanto ele a mordia.

Com uma bombada final e violenta, ele convulsionou, esvaziando-se dentro dela.

Adam nunca se sentiu tão destruído.

Ele caiu nos cobertores, puxando o corpo de Liberty em seus braços.

Ele se sentiu vazio, claro ... por um segundo. Então a culpa inundou.

Ele a pegou tão grosseiramente. Ele deixou todo aquele sentimento feio dentro dele subir, e em vez de lutar como ele sempre fazia, deixou o inundar.

Ele acariciou seus cabelos de seu rosto, preocupado que ela estava tão quieta. Ele limpou a garganta. — Você está bem?

Ela fez um pequeno som. — *Ok*, não posso descrever o que estou sentindo agora ...

Sua voz era rouca e ela não parecia zangada. Ainda ... — Eu fui muito áspero, eu poderia ter machucado você ...

Ela rolou, erguendo-se acima dele, o corpo corroído para o lado dele. — Adam, deixe de tentar salvar todos por apenas um segundo. Eu sinto-me melhor do que já me senti há muito tempo. Um general super sexy, que tem se escondido por muito tempo por baixo de seus uniformes engomados, acabou de me deixar fora de mim. Não há nada melhor do que isso.

Ele piscou, tentando aguentar tudo.

Ela sorriu e sentou-se, pegando a garrafa de Scotch ao lado da cama improvisada. Quando ela jogou alguns dedos em cada copo, ele apenas olhou para ela. Parecia tão incrivelmente linda, sentada ali, nua à luz das velas. Ela estava muito além de qualquer mulher que ele havia fantasiado em sua mente.

E agora, ela era dele.

Ele queria mantê-la.

Adam respirou profundamente, chocado com o pensamento. Encontrar uma mulher, uma parceira, uma amante, alguém para se apaixonar, não estava em sua agenda. Antes da invasão, ele riscou isso completamente.

Antes da invasão, ele falhou em seu casamento e ele estava casado com o trabalho dele. Desde a invasão, ele não tinha tempo.

Mas desde que Liberty Lawler explodiu através de suas defesas, agora ele estava querendo coisas que ele nunca, nunca pensou que ele queria.

Vendo abaixo de sua beleza e seu sorriso, ele viu uma mulher que era certa para ele. Uma mulher que ele admirava, que podia ficar ao lado dele no escuro e trazer a luz.

— Aqui está você. — Ela lhe deu um copo. Então ela bateu o dela contra o dele. — Aqui por um General sexy e dedicado, e sem mais pesadelos.

Ele bebeu o licor fino, curtindo o sabor. Embora não tenha se comparado o gosto da Liberty. — Aqui por uma mulher inteligente, engenhosa, linda e prazerosa.

Ela sorriu para ele sobre a borda de seu copo. — Agora, isso vale algo para beber.

— Me desculpe, eu fui muito duro ...

Ela enrugou o nariz. — Eu gostei. Não quero ouvir mais nada sobre isso. — Seu sorriso virou de malicioso para sensual. — A menos que seja para me dizer que você quer fazer isso de novo.

Deus, ele esperava que ela não perdesse seu interesse tão cedo. Ele sabia que ele nunca iria segurá-la por muito tempo, mas ele se debruçaria nela enquanto isso. — Em breve.

— Mmm. — Ela tomou um gole de sua bebida novamente, e algo queimou em seus olhos. — Você está certo, meu general sexy. Eu acho que é hora de algo um pouco diferente.

Ela empurrou contra seu peito, exortando-o de volta aos cobertores. Ele a deixou, observando enquanto tirava o copo e colocou de lado.

Quando ela subiu a cavalo, Adam sentiu seu pau engrossar.

— Desta vez é minha vez de leva-lo. — Ela inclinou o copo, derramando o líquido âmbar na barriga dele.

Adam ofegou, apertando os músculos. Ela se inclinou e lambeu o líquido.

— Você vai tirar todo o prazer que eu tenho que lhe dar. — Ela olhou para o corpo. Seu rosto uma máscara enfeitiçada. — Porque você merece isso. Diga! Porque eu mereço isso.

— Porque nós dois merecemos. — ele conseguiu.

Ela sorriu e lambeu a pele novamente, gemendo um pouco. — Isso vai dar. Agora, General Holmes. Você simplesmente fique aí e aproveite o que eu faço para você.

— E o que é isso? — Sua voz era baixa, profunda e quase incompreensível.

— Meu plano é lamber tudo isso da sua pele fina, então subir aqui em seu pau e leva-lo lentamente para o esquecimento. — Ela

levantou uma sobrancelha, suas unhas coçando seus abdominais. — O que você acha das minhas habilidades de planejamento?

— Impressionantes. — Então Adam desistiu de pensar e apenas se deixou apreciar.

Liberty mergulhou na cabine do caminhão de Adam, limpando algumas embalagens de comida perdida e garrafas de água vazias. Era manhã, ou então, ela achava que era. No fundo de uma mina subterrânea, era difícil dizer.

Enquanto não dormiu muito, sentia-se descansada. Ela sorriu para si mesma. E para a segunda metade da noite, Adam dormiu como uma pedra. Sem bater em nenhum pesadelo.

Ele a acordou muito cedo, mas desde que ele a acordou, deslizando o pau dentro dela enquanto eles encolhiam em seus cobertores, e gentilmente os levava para o céu, ela não estava reclamando. Depois disso, ele se levantou para fazer coisas gerais, enquanto ela agarrava mais 40 minutos de sono.

Agora ela estava vestida e pronta para chegar ao Enclave. Seu estômago endureceu como uma pedra. Deus, ela só queria que eles já estivessem lá. Não estava longe, a poucos quilômetros de distância, mas parecia que tinham que atravessar todo o país para chegar lá.

Ela se forçou a se concentrar no destino, não na jornada. Ela pensaria no Enclave, e finalmente ter Adam Holmes nu em uma cama. *Hmm*. E talvez um banho. Avery e Roth estiveram lá, e Avery tinha ficado lírica sobre as banheiras. Liberty sentia falta dos banhos de bolha.

— Bom dia. — Braços fortes enrolaram em torno dela. — O que você tanto pensa?

Ela se pressionou em Adam. — Banhos de bolhas. E quanto eu sinto falta deles. — Ela se virou para olhar para ele.

O calor flamejou nos olhos dele. — Eu posso imaginar você em nada além de bolhas.

— Eu ouvi que no Enclave eles tem banheiras.

— Então eles têm. — Seus olhos ficaram um pouco sérios. — Nós estaremos lá no final do dia.

Ela assentiu, realmente querendo acreditar. — Absolutamente.

Ele parecia tão bom. Seu cabelo estava úmido. Ele sem dúvida usou um dos chuveiros temporários que haviam manipulado. Sua camisa polo azul-marinho fazia com que ele parecesse ter saído da revista de cavalheiros que anunciava roupas de verão e casual.

Então seu olhar se estreitou e ele puxou o colarinho de sua camisa branca. — Esta camisa é minha?

Ela a pegou no caminhão. — Talvez.

O calor flamejou nos olhos azuis. — Eu vou querer isso de volta.

Ela mordeu o lábio inferior. — Mais tarde.

Ele a colocou contra o lado do caminhão. — Você sabe que eu tenho um chupão.

O olhar dela aproximou-se de seu pescoço e seus olhos se arregalaram no hematoma redondo. Ela pressionou a língua em seus dentes. — Ah.

— E isso. — Ele ergueu o braço e claramente visível em seu antebraço era uma impressão vermelha perfeita de seus dentes.

— Eu tenho algumas marcas minhas, General. — Ela acariciou todas as mordidas, impressões digitais e contusões quando ela se vestiu esta manhã.

Ele olhou para a camisa dela, como ele desejava poder ver através dela. — Sim, seguramente escondidas debaixo de suas roupas.

— Mas agora você sabe que eles estão lá.

— Bruxa. — Ele a puxou mais perto pelo pescoço de *sua* camisa. — E *todos* saberão onde estão os meus.

— Eu diria que sinto muito ... — Ela tentou não rir.

— Você não parece que sente muito.

— Porque eu não sinto. As pessoas não ficarão chocadas se você tiver relações sexuais, Adam.

Ele inclinou a cabeça. — Isso é tudo o que fizemos?

A barriga de Liberty apertou. — Estamos nos divertindo. Aproveitando a nós mesmos. — Ela não podia deixar-se ficar tão apegada a ele. Mesmo que os sonhos bobos de algo mais cuspissem as bordas de sua mente.

Não. Ela era uma realista. O desastre de um casamento lhe ensinou isso. Seu ex-marido lhe ensinou com cada bofetada de seu cinto.

Se você vende mentiras, você só se machuca. Às vezes mal.

Ela forçou um sorriso e espiroou os ombros de Adam. — Você já é muito sério por si mesmo.

— E você esconde seus verdadeiros sentimentos ao cuidar de todos os outros.

Ela piscou, sua respiração pegando por um segundo. Então ela fez um sorriso zombador. — Olá? Pote, chaleira, preto.

Fez um rosnado frustrado e a beijou.

Toda célula em seu corpo acendeu a vida. Ela envolveu seus braços ao redor de seus ombros, abrindo a boca e acariciando sua língua contra a dele.

Ah, sim, ele era viciante. Toda vez que ele a beijava, queria mais.

Quando eles se afastaram, ambos estavam sem fôlego.

— Isso é *algo*. — ele murmurou.

— Perda, Adam. Desejo. — Ela forçou as palavras.

Ele agarrou seu queixo. — Sim. Mas é alimentado por outra coisa ...

— Vê! Eu te disse.

A voz feminina nas proximidades fez com que ambos recuassem.

Quando Adam se afastou, Liberty pressionou as palmas das mãos para o caminhão, esperando que seus joelhos congelados a abraçassem.

A alguns metros de distância, Elle, Emerson e Santha ficaram observando-os, as três senhoras sorriam de orelha a orelha.

CAPITULO TREZE

Adam tentou voltar ao cérebro dele. Ele não soltou Liberty, embora ... ele precisava dela como um escudo para sua ereção dura.

Ele limpou a garganta. — Senhoras, posso ajuda-las?

Os olhos de Elle estavam arregaladas, um sorriso flertando em seus lábios. — Não se importe com nós.

Emerson bufou. — Bem, eu estava vindo para lhe dar uma atualização sobre o menino que resgatamos ontem, e os outros pacientes no ônibus do meio ... mas acho que não é um bom momento.

Santha estava sorrindo. — Eu disse que eles estavam fazendo isso.

Emerson assentiu. — Totalmente.

Elle sorriu agora. — Eu acho que depois da noite passada, qualquer um com olhos pode dizer que eles estão fazendo isso. — Seu olhar estreitou. — E isso é um chupão em seu pescoço, General?

Adam não ficava sem palavras.

Então Liberty começou a rir.

Ele a cutucou. — Isso não é divertido.

— Sim. Se solte, Adam.

Emerson deu um passo a frente, o olhar intencional da médica em seu rosto. Então ela assentiu e olhou para Liberty. — Mantenha o bom trabalho. Ele precisava de dormir.

Adam engasgou.

Liberty cheirou. — Eu não recebi prescrição, Doc.

— Talvez não. — Concordou Emerson. — Mas para o nosso estimado General, acho que você é o que qualquer médico pediu. — Emerson deu a Adam um tapinha no ombro.

Ele imaginou que ela estava tentando ser reconfortante, mas ele não se sentiu confortado. O que o resto do comboio vai pensar? Estariam preocupados porque ele não estava focado em sua segurança?

Liberty se endireitou, felizmente mudando o assunto. — Elle, posso ver seu anel?

— Claro. — A Oficial de Comunicações estendeu a mão dela.

Liberty agarrou seus dedos. — É lindo.

Era lindo. Adam comprou um solitário de diamante simples em uma banda de ouro para Diane. O joalheiro assegurou-lhe que era um estilo popular, clássico e um bom investimento.

— Marcus encontrou-o nos destroços de uma joalheria. — disse Elle, com o rosto suave. — Ele encontrou isso antes de nos juntarmos.

Quando o homem estava lutando contra sua atração por sua oficial. E Marcus não havia escolhido um único diamante brilhante para a mulher. Este anel tinha um diamante no centro, mas estava ladeado por lindas pedras azuis em uma banda de platina. Adam não tinha certeza de quais eram as joias azuis, mas eles combinavam com a cor dos olhos de Elle.

— Ele te ama muito. — disse Liberty.

Elle assentiu. — O amor é muito bom, Liberty. — Seu olhar foi para Adam e para trás. — Você deve tentar.

Liberty riu. Mas Adam estava começando a lê-la bem o suficiente agora para saber que tinha um som oco.

— Não tenho certeza de que estou construída para o amor.

Adam olhou para o rosto dela, incapaz de acreditar em Liberty — uma mulher tão quente, carinhosa e cheia de vida — não achava que pudesse amar.

— Bem, tenho certeza de que precisamos nos mexer. — disse Elle. — General, você mencionou que queria falar com o comboio antes de partir. Tenho as configurações prontas para quando estiver pronto.

Adam relutantemente desviou o olhar da Liberty. — Certo. Estou pronto. Precisamos estar na estrada em breve.

As mulheres voltaram para seus veículos, enquanto Liberty andava ao lado dele.

— Eu sou seu motorista novamente hoje. — disse ela.

— Boa.

— Você não está chateado? Que eles sabem? Que outros saibam sobre nós?

— Que passei a noite com uma bela mulher? Que eu planejo passar mais tempo com ela? — Ele achou que ele detectou o menor brilho de cor em suas bochechas. — Eu me preocupo que eles pensem que minha mente não está totalmente no trabalho, mas não, Liberty. Eu não estou chateado. — Ele agarrou sua mão para detê-la. — Obrigado pela noite passada. — Ele apertou um beijo na parte de trás de sua mão.

Ela o observou, seus lábios se separaram. — Bem, o prazer não foi inteiramente meu.

Ele sorriu, depois se virou para ver Elle segurando um pequeno microfone. — Altura de começar.

Ele endireitou os ombros, notando todos os seus membros do comboio em pé, agrupados por seus veículos.

Era hora de ele leva-los ao inferno novamente.

Mas desta vez, ele esperava que eles tivessem um novo refúgio — uma nova casa á espera no outro lado.

Liberty parou ao lado, observando Adam enquanto falava.

— Bom dia. — Ele fez uma pausa quando as pessoas responderam. — Hoje será perigoso. — O silêncio caiu. — Eu nunca menti para vocês. Os alienígenas tentarão tudo para nos impedir de chegar ao nosso destino.

Não importava que ele usasse chinelos e uma polo simples. Ele parecia cada polegada de um general, seu líder. Estava na postura, o rosto aristocrático, a autoridade marcada por todo o lado. Quando Adam Holmes falava, as pessoas ouviam ... e acreditavam.

— Mas ... o Enclave está perto. — Sua voz era firme, profunda e cheia de sua crença. — Um último empurrão, e podemos alcançar um refúgio seguro onde seremos recebidos por novos amigos.

Liberty sentiu que seu peito se inchava. Sim, ele apenas faz você ter fé. Ela não podia acreditar que este era o homem com quem ela estava enredada agora. Este homem inteligente e firme. Aquele que nunca machucaria uma mulher, mas faria tudo a seu alcance para proteger alguém tão forte quanto ele.

Mas ela viu a escuridão que ele carregava. O custo de ser o homem que ele era.

Ela estava feliz por isso, pelo menos por algum tempo, poderia ajuda-lo com esse fardo. Seria o seu apoio quando ele sentisse que a carga era muito pesada.

— Hoje, eu preciso de um último impulso de vocês. — O olhar azul de Adam se moveu pela multidão. — Eu preciso de sua força, sua coragem, seu trabalho em equipe.

A maneira como ele olhou para as pessoas fez com que eles se sentissem incluídos, como se ele visse cada um deles, individualmente. Liberty deu balanço firme em sua cabeça. O homem nasceu para liderar.

— Na noite passada, acho que todos se lembraram que, não importa o quão ruim, quão caótico, bagunçado e escuro seja, sempre temos algo para viver. — Seu olhar encontrou Marcus e Elle, perto. — Parabéns, Marcus, Elle. Obrigado pelo privilégio de celebrar seu amor. — Um sorriso irônico inclinou os lábios de Adam. — Especialmente você, Marcus. Eu sei que quando perguntei ... talvez, mais *intimidei* você ... a fazer seu anúncio numa festa pública ... — houve uma risada. — ... que não era exatamente o seu estilo. Mas o amor que vocês dois compartilham, a camaradagem com seus amigos ... realmente é um farol de esperança para todos nós. — Ele respirou fundo. — Meus amigos, hoje fazemos nossa corrida final ao Enclave. Cada passo do caminho, eu quero que você lembre da lição importante que todos aprendemos na noite passada ... — seu olhar pegou Liberty. — ... que todos nós temos algo ... alguém para viver.

Quando ele entregou o microfone, os atos e os aplausos entraram em erupção.

Liberty olhou em volta, cheia de orgulho e esperança tão intensa, e outra coisa que ela não poderia descrever.

— Bem? — Ele perguntou enquanto se aproximava.

— Eu acho que alguém poderia descer nos livros de história, General.

Ele se aproximou de perto. — Adam.

— Você não se importou com eu te chamando de meu general na noite passada.

— Isso é diferente. — Seus olhos azuis brilharam. — Eu quero ouvir você dizer novamente quando estiver dentro de você.

Ela abriu um sorriso no rosto. — Então, é melhor chegar ao Enclave ... rápido.

A próxima hora ou mais passou em um borrão. Liberty os expulsou da mina, enquanto Adam conversava com vários líderes de esquadrões e comissários sobre a linha de comunicação. No espelho retrovisor, ela assistiu os veículos do comboio seguindo-os até a rampa e para a luz do sol.

Quando eles atravessaram a estrada, Liberty suspirou. Ela estava quase triste por abandonar aquela mina e aquela pequena alcova iluminada por velas. Ainda assim, o sol era bonito, assim como as colinas ao redor deles. Se ela ignorasse os carros abandonados à beira da estrada, as casas vazias que eles passaram, ela quase poderia imaginar que ela e Adam estavam fora para uma linda viagem de um dia.

O Enclave estava perto.

Era tudo o que precisava pensar agora. Obter todos eles com segurança lá. Ela pensaria em banhos de espuma, em vez disso.

Enquanto eles dirigiam, sentiu a tensão de Adam crescer. Ele escaneava constantemente a paisagem pela janela, batendo os dedos contra um joelho.

— Adam?

— Está tão malditamente silencioso. — ele murmurou. — Nada no feed do drone nas proximidades. Eu não gosto disso.

— Bem, eu sei. Imagine se podemos dirigir até o Enclave. Sem estresse, sem luta.

— Nunca é tão fácil.

— Poderia ser. Eu acho que merecemos isso. — Ela estendeu a mão e segurou sua coxa. — Mas, o que quer que aconteça, nós vamos chegar lá. Esta noite, tenho planos ... você, eu e um banho. Não tenho certeza de que vou ter bolhas, mas você nu na banheira comigo vai dar. — Ela piscou para ele.

Funcionou. Seus ombros tensos se afrouxaram um pouco.

— Este é um aviso para todo o comboio. — A voz tensa de Elle explodiu a linha de comunicação. — Detectamos assinaturas de calor alienígenas. Eles estão no ar.

Algo chocou contra o para-brisas.

Liberty ofegou, agarrando o volante enquanto o caminhão derrapava. Em frente, viu outros carros no comboio se desviando, alguns arando da estrada.

— Insetos! Nós atingimos um enxame de insetos alienígenas. — gritou Elle.

— Facilite os freios. — A voz de Adam era lenta e controlada. — Você pode fazê-lo, Liberty.

Ela fez, finalmente, levando o veículo para uma parada acidentada.

Todo o para-brisas. foi quebrado, graças ao inseto que os atingiu. Tinha a impressão de peso e coloração em preto e ouro.

De repente, viu movimento em seu espelho lateral — um carro correndo em sua direção. Ele estava se desviando como louco, dois grandes insetos perseguindo-o. As criaturas tinham corpos longos, com dois conjuntos de asas transparentes e cabeças cobertas com olhos

enormes e multifacetados e grandes bocas, com mandíbulas serradas em ambos os lados.

Um *Hunter* passou, lançando laser verde através do céu. Os esquadrões lutariam de volta. Tudo bem. O laser cortou um inseto, enviando-o batendo no chão.

O carro que fugiu ficou chocado com o inseto restante. O sedã desviou-se, mudando de direção.

— Deus, eles vão nos bater! — Ela gritou.

Adam conseguiu abrir a porta, mas o carro estava vindo rápido demais.

Ele bateu neles.

Havia uma queda de metal e vidro. Liberty foi jogada ao redor, seu cinto de segurança cavando em seu peito. Sua cabeça bateu contra algo.

— Venha. — As mãos estavam puxando-a.

Ela lutou contra a tontura. Adam a arrastou para fora do veículo destruído. — O outro carro?

— Ele pegou fogo. Eu vou ajuda-los agora. — Ele colocou-a ao lado do caminhão. — Liberty? Olhe para mim.

Ela tentou se concentrar.

— Esses insetos estão em toda parte. Eles são fortes o suficiente para levar um humano fora. Preciso que você fique para baixo.

Seus dedos enrolaram em sua camisa. Ela não queria que ele fosse embora. Estivesse em perigo. Mas ele iria para salvar os outros, era como ele foi construído. — Eu vou ficar bem. Vá. Fique seguro.

Ele pressionou um beijo rápido em seus lábios, então ele se foi.

Ela respirou profundamente e tentou controlar essa tontura. Ela se pisou, segurando o caminhão. Ela tinha que ajudar.

Três crianças jovens arredondaram o caminhão, todos gritando. Ela se endireitou.

Um inseto alienígena se aproximou, suas asas batendo tão rápido que eram um borrão. Seus olhos multifacetados estavam colados às crianças.

Liberty esmagou seu medo. — Ei! Você inseto grande e feio. — Ela acenou com os braços no ar. — Por aqui.

As crianças a olharam, seus rostos pálidos ficaram frenéticos.

— Sob o caminhão. — Ela apontou. — Depressa.

Eles correram e mergulharam, mexendo debaixo do caminhão.

Quando ela olhou para trás, o inseto pairava a dois metros de distância, sua proximidade fez seu intestino rolar. Suas mandíbulas estavam clicando abertas e fechadas.

E agora estava olhando para ela.

CAPITULO QUATORZE

Adam arrastou a última pessoa do veículo em chamas. — Se mantenha. — Ele tentou bloquear os gritos e a queixa do fogo laser.

Ele viu alguns paramédicos de Doc Emerson passando. — Rick? Molly? Você pode ajudar esses caras?

O homem e a mulher correram. — Vamos cuidar deles, General. — disse Molly.

— Obrigado. — Adam virou ... e encontrou-se cara a cara com um inseto alienígena.

Ele pairava no nível da cabeça, suas asas tremulavam. Adam rasgou sua pistola laser de seu coldre. Ele não parou para pensar, ele apenas apontou e atirou.

Fez um som agudo e chilreante, suas asas vibrando mais rápido. Mas não caiu.

Adam continuou atirando. Ele teve que dar tempo a Rick e Molly para tirar os outros.

O inseto se aproximou, e Adam apertou os dentes. Sua pistola a laser estava aquecendo sob suas mãos, ameaçando superaquecer.

Um granizo de laser se juntou ao dele.

O inseto inclinou como se estivesse bêbado e caiu no chão. Adam virou-se e viu Marcus e o resto do *Hell Squad* se aproximando dele.

Graças a Deus. Adam baixou a arma. — Precisamos aguentar essas malditas coisas o tempo suficiente para sair daqui.

Marcus balançou a cabeça.

— Ele apenas me disse que as patrulhas de *Raptor* estão entrando. Alguns veículos saíram da ilusão durante o ataque. Não há tempo para ficar longe o suficiente.

Foda-se. Adam sentiu que o gelo escorria para suas veias. — Essas pessoas não são combatentes, Marcus. — Ele olhou para os montes suaves circundados cobertos de grama e bolsos de árvores. — Nós não podemos fazer uma parada aqui, ao ar livre.

— Eles lutam, eles sobrevivem. Eles correm com medo, eles morrem. — O rosto de Marcus era uma máscara dura. — Você deu um bom e muito bom discurso esta manhã. Eles estão atentos, prontos para defender as pessoas que são a razão deles de sobreviver.

Adam passou a mão pelos cabelos, observando o resto dos esquadrões pegando os últimos insetos. Ele viu Tane e seus *Berserkers* cortando um trio de insetos alienígenas. Então ele viu um cara do caminhão da cozinha, uma mulher que ele sabia que era uma professora e um homem mais velho trabalhando juntos, batendo um inseto baixo com o que parecia tacos de beisebol.

— Tudo bem, ok. — A mente de Adam correu, um plano se formando. Ele considerou e descartou opções em um ritmo de 2 segundos. — Vamos pegar todos os veículos na posição defensiva. Formar uma barreira. Duas linhas de profundidade.

— Cerco de vagões. — disse Cruz.

Adam assentiu. — Qualquer pessoa com uma arma precisa estar pronta para lutar. Estamos fazendo uma posição.

Marcus assentiu e tocou o fone de ouvido. — Elle, a formação ordenada pelo general. Vamos colocar todos em posição. — O *Hell Squad* saiu, dirigindo o tráfego.

Algumas crianças corriam até Adam, com os peitos mexendo. — Senhor ... Liberty. Um inseto estava nos perseguindo, e ela nos ajudou. — O rosto do menino mais velho era branco como a neve fresca. O medo confundiu os olhos.

O intestino de Adam apertou. Ao levantar a pistola laser, ele correu para o caminhão.

Fique bem. Aguenta. Ela tinha que estar bem.

Ele rodeou o caminhão e seu coração afundou. Ela não estava onde ele a deixara.

Adam escaneou os arredores e a viu. Ela estava em um campo, joelho na grama, um inseto alienígena que pairava acima dela.

— Liberty! — Ele correu e atirou. O tiro dele foi largo, mas o inseto recuou um pouco.

Liberty dobrou um joelho, pegou uma vara longa e bateu no inseto como se fosse uma *piñata*.

O inseto fez um som estridente que fez doer os ouvidos de Adam. Ele diminuiu o ritmo frenético, abrandou a marcha, e ainda atirou. Ele apontou para as asas, danificando uma delas.

O inseto continuou pendurado lá, agora voando torto.

Então Liberty deu outro grande golpe.

O inseto voou para o lado e caiu no chão, flutuando como um peixe. Adam caminhou até ele e disparou no alcance do ponto branco. Com um último guincho, o inseto ficou quieto.

Ele abraçou Liberty. — Você está bem? Não se machucou?

Ela assentiu. Seu cabelo tinha sido rasgado livre de seu rabo de cavalo e era uma bagunça loira ao redor de seu rosto. Ela tinha um

pequeno gotejamento de sangue em sua têmpora do acidente, mas de outra forma parecia bem.

Ele soltou uma respiração instável e agarrou seu rosto. — Vamos. Precisamos entrar na barreira protetora ...

— Nós não estamos saindo?

— *Raptors* estão a caminho.

Juntos, eles voltaram para o comboio. Todos seguiram rapidamente as ordens, e os veículos estavam estacionados em dois anéis, formando círculos de proteção. Ele viu Marcus acenando através de uma estreita lacuna nos carros.

Eles correram para dentro e atrás deles, quatro *Berserkers* empurraram um carro acidentado para o fosso com um salto e flexão de braços tatuados.

Quando Adam olhou ao redor, viu os rostos apertados e assustados dos civis amontoados em pequenos grupos no centro. Em alguns lugares, os esquadrões haviam estacionado estrategicamente seus *Hunters*. Vários soldados estavam no topo dos telhados, armados e preparados.

Alguns dos civis também estavam no lugar atrás de carros estacionados, segurando qualquer arma que pudessem encontrar. Em pé, os grupos de civis estava Santha — segurando uma besta de combate — e seu segundo comandante, Devlin Gray.

Eles estavam tão prontos quanto nunca.

Os líderes do Esquadrão de Adam se aproximaram.

Marcus ergueu o queixo. — Se o plano de reserva for ultrapassado Santha e Dev levaram os civis para fora e subiram essa colina.

Adam virou-se. A colina em questão estava coberta de árvores. Ele assentiu. — Esperemos que não venha a isso.

— Alguém tem uma pistola a laser que eu possa usar? — Perguntou Liberty.

Adam virou-se. — Não. Você precisa voltar lá com os civis e ficar protegida.

Ela colocou as mãos nos quadris. — Você precisa de todos que podem disparar uma arma.

— Você não pode atirar.

— Oh? — Ela inclinou um quadril. — Eu vou ter você sabendo que o meu avô fazendeiro me ensinou a atirar quando eu tinha cinco anos. Eu aposto que eu poderia expirar você. — Uma sobrancelha perfeita arqueou. — Em seguida, você vai fazer o papel de homem das cavernas e me dizer que eu preciso de um pau para disparar em linha reta.

Adam ouviu um resmungo e uma risada. Ele olhou para ver Shaw rindo e os outros membros do *Hell Squad* escondendo sorrisos atrás de mãos enluvadas.

Claudia deu um passo à frente, segurando uma pistola a laser para Liberty. — Acha que você pode usar isso?

— Parece bem.

Adam observou, seu coração caindo, enquanto Liberty conferia a arma com movimentos praticados. Caramba, por que não podia ser apenas uma cabeleireira simples que ficava de volta com os outros civis? Segura.

Mas não, Liberty. Ele amava as profundezas escondidas dela, e ele sabia que ela tinha o coração de um guerreiro sob a aparência da deusa.

— Tudo bem. — disse ele. — Mas você fica comigo. Fique na cobertura.

Ela assentiu. — Eu vou tomar cuidado.

— Eles estão aqui. — disse Marcus.

O grupo ficou tenso, os soldados se posicionando.

— Soldados *Raptors*, e eles têm canídeos com eles. — acrescentou Marcus. — Pegue as granadas de óleo de cedro.

Adam não orava. Após a invasão alienígena, ele desistiu de rezar. Em vez disso, ele olhou para o povo dele. Os valentes homens e mulheres que estavam dispostos a lutar pela humanidade.

Eles eram suficientes para lhe dar fé.

— Segure a linha. Vamos proteger o nosso povo.

O coração de Liberty estava martelando como um trovão nos ouvidos. Ela se agachou atrás de um carro, com Adam ao lado dela.

Um silêncio caiu sobre o comboio. A espera era horrível. Como ouvir uma bomba, sem saber quando sair.

Ela olhou para a esquerda e viu o *Hell Squad* esperando, tenso e pronto. Ela olhou para a direita e viu Esquadrão Nove, as mulheres soldados e os dois homens em seu time em posição, olhando para a frente.

Atrás dela, ela ouviu os *Berserkers*. Eles estavam falando calmamente, fazendo piadas, como se estivessem no bar para tomar uma cerveja. Por algum motivo, isso resolveu seus nervos um pouco.

Ao redor, outros membros do comboio estavam preparados, segurando as armas que haviam conseguido. Todos estavam prontos e dispostos a lutar.

Ela respirou fundo, mas antes que ela pudesse sair, houve um barulho.

Garras em metal.

Canídeos saltaram sobre a primeira linha de carros e para os telhados da segunda linha.

Deus, eles eram tão grandes. O fogo do laser entrou em erupção. Das carabinas e pistolas, e dos autocanhões dos *Hunter*. Ela viu granadas voarem pelo ar, explodindo e pulverizando o óleo de cedro, os canídeos detestavam.

Ela ouviu um zumbido e viu mais alienígenas se erguendo, a segunda onda que seguiu os cães de caça alienígenas.

Ao redor dela estava o caos. Ela lutou contra seus medos e se concentrou em disparar sobre os canídeos que o passaram e entraram no coração do comboio.

Um rápido olhar para o lado dela e ela viu Adam fazendo o mesmo. Não havia medo em seu rosto, apenas determinação constante.

Ele não desistiu. Ele a protegeria e os outros até o último suspiro. Ambos o inspiraram e a assustaram.

Ela não queria perde-lo.

Ela queria viver agora, mais do que nunca.

— Cuidado! — Gritou alguém.

Um canídeo pousou no telhado do carro que estavam usando para cobrir. Liberty e Adam surgiram para trás. O enorme cão

alienígena abriu os dentes, seus olhos vermelho demoníacos brilhavam e soltavam um rugido.

Liberty atirou. Ela apontou para a cabeça, e Adam fez o mesmo. Um auto canhão *Hunter* girou ao redor e seu grande laser verde juntou-se.

O canídeo caiu do carro, seu corpo sem vida atingindo a sujeira.

A exaltação passava por ela. Adam agarrou seu ombro e a insistiu de volta para a cobertura.

Ela levantou sua arma novamente ... apenas a tempo de ver *Raptors* alienígenas escalando a primeira barreira de carros.

Seu intestino apertou com medo na visão. Fazia muito tempo que ela realmente colocou os olhos em um tão perto assim. Liberty tinha esquecido o quanto eles eram enormes. E estes não eram cachorros selvagens ou insetos vibrantes. Estes eram humanóides ... as mentes por trás de toda a morte e destruição.

Ela viu os rostos horríveis, escamosos, os dentes afiados, os olhos vermelhos se encheram com a terrível fome de matar e conquistar.

Agora sentiu a determinação que viu nos rostos dos soldados humanos. Ela apontou e atirou. E continuou disparando.

Ao redor dela, o pandemônio reinou. Ela tentou bloqueá-lo e apenas se concentrar em tudo o que estava em suas vistas.

Grandes gritos explodiram atrás dela. Tanto ela quanto Adam giraram. *Raptors* chegaram aos civis.

Santha e Devlin estavam lutando muito. A besta de Santha cantou enquanto disparava, e Devlin se moveu como um redemoinho enquanto lutava, derrubando dois grandes *Raptors*.

Mas então ela viu um revólver gigante com Santha, e a mulher caiu de volta na multidão soluçando.

Liberty se ajoelhou, respirando e tentando estabilizar seu coração. Ao lado dela, ela ouviu Adam disparando. Viu um *Raptor* descer.

Liberty disparou. Outro *Raptor* caiu.

Então, Santha acabou. Ela abriu as pessoas, exortando-as para a parte de trás da barreira. Devlin tirou um pouco de lixo fora do caminho, limpando uma pequena lacuna na parede.

Eles estavam levando as pessoas para cima da colina. Nas árvores onde, com sorte, os *Raptors* não seguiriam.

Liberty deu-lhes o fogo de cobertura até que eles estavam todos em segurança na colina.

— Você deve ir. — Adam gritou para ela. — Ficar em segurança.

Ela balançou a cabeça. — Não. Eu não vou embora, estou lutando. Eu também tenho algo para lutar.

Algo passou sobre seu rosto, então ele assentiu. Eles voltaram para a cobertura e continuaram lutando.

Os esquadrões eram surpreendentes. Eles lutaram com uma precisão crua que, embora não bonita, era dura e implacável. O *Hell Squad* era duro e implacável. Nove era rápido e esperto. Os *Berserkers* eram todo poder selvagem.

Havia outros grupos de civis espalhados aqui e ali, ainda presos dentro da barreira. Eles se amontoaram em carros ou atrás deles, mantendo crianças empurradas para o chão.

Liberty tinha certeza de que eles estavam empolgando. Claro que havia menos *Raptors* que se aproximavam da barreira.

Mais gritos.

Ela girou ... e viu um canídeo gigante ameaçando um grupo de civis dobrados atrás de um carro. As crianças estavam chorando, as mulheres gritavam, os homens gritavam. O canídeo foi pressionando baixo para o chão, aproximando-se, gotejando veneno de suas mandíbulas.

Havia uma série de movimentos, e Liberty observou uma figura magra correr na frente do cão de caça alienígena.

Era Selenia.

A mulher alienígena era tão pequena e fina em comparação com o cão brutal. Ele rosnou para ela e Selenia ergueu as mãos.

Liberty prendeu a respiração. Ela sabia que a mulher tinha algum tipo de afinidade com os animais. Pelo menos, com animais terrestres. Mas Liberty não tinha ideia de como diabos ela lutaria contra o cachorro.

Liberty disparou contra a criatura. Mas uma pistola a laser era como lançar seixos em um tigre.

De repente, a grama aos pés de Selenia se moveu. Liberty piscou, não acreditando no que estava vendo. As lâminas já eram longas, mas, quando Selenia acenou com as mãos em uma dança graciosa, tecendo, intensa concentração em seu rosto, a grama cresceu mais, logo diante de seus olhos, e se enrolou em torno das pernas do canídeo, emaranhando os membros.

O canídeo estava levantando seu corpo, tentando se libertar. Mas a grama estava agora enrolada em torno de suas pernas como uma corda verde clara.

Outro enorme e escamoso corpo veio à vista. O *Raptor* soltou um grito gutural e bateu em Selenia.

Era como uma árvore atingindo um galho gracioso e delgado. O *Raptor* a pegou e a colocou sobre o ombro.

A mulher alienígena bateu as mãos contra as costas do soldado, o medo estava no rosto.

Liberty não podia disparar contra eles. Ela tinha um bom tiro, mas não era boa o suficiente para tentar bater no raptor e não Selena.

O *Raptor* estava correndo, fazendo uma pequena lacuna na barreira.

O coração de Liberty estava em sua garganta. Selena era um inimigo dos *Gizzida*, já havia sido seu prisioneiro uma vez antes.

— Adam!

Ele girou e viu Selena lutando, tentando sair do controle do *Raptor*.

— Droga. — Ele ergueu a arma, mas também não conseguiu um bom tiro.

Um movimento do canto do olho. Liberty virou-se, rastreando um homem grande correndo em direção a Selena e o *Raptor*. Seu corpo blindado era uma silhueta escura, seus *dreadlocks* puxados para trás na base de seu pescoço.

Tane correu em cima de um carro e saltou do outro lado. Suas botas martelaram contra a sujeira quando ele fechou a distância para Selena.

Liberty prendeu a respiração, quase com medo de assistir.

O líder dos *Berserkers* virou sua carabina e bateu a bunda na parte inferior das costas do alienígena com força suficiente para fazer estremecer Liberty. O alienígena rugiu, quase soltando Selena.

Com ele distraído, Selena estendeu a mão e coçou seu rosto.

Tane lançou um conjunto vicioso de chutes nas pernas e costas do alienígena. Liberty percebeu que estava tentando libertar Selena

antes de atirar no alienígena. Ele era implacável com seus golpes, e seu rosto era uma máscara em branco e assustadora.

O alienígena tropeçou, ainda agarrando sua vítima, ainda tropeçando em direção ao fosso. Deus, ele estava quase lá.

Selena estava gritando algo em Tane.

Algo vacilou sobre o rosto de Tane, então ele bateu a arma em volta, atolou-a na parte inferior das costas do alienígena e disparou.

A cabeça do alienígena inclinou-se para trás, e o som que ele fez foi horrível. Selena saiu dos braços da criatura para dentro da sujeira. Ela estava segurando sua perna onde o laser a tinha roçado.

Ela disse a Tane para atirar e não se preocupar se a atingisse.

Em um movimento rápido, Tane disparou uma barragem final de fogo no peito do *Raptor*, então curvou-se e varreu Selena em seus braços.

Ele se virou, correndo de volta em direção ao seu Esquadrão, curvado sobre Selena para protegê-la. A mulher parecia pequena, embalada nos braços musculosos e tatuados de seu socorrista.

— Eles estão recuando. — Marcus gritou.

Liberty voltou a cabeça e viu os *Raptors* pulando sobre os carros, alguns arrastando seus feridos com eles. Outros soldados *Raptores* machucados se contorceram na terra.

Adam ficou parado. — Marcus. Limpe a área.

O líder do *Hell Squad* estava olhando os alienígenas feridos e moribundos. — Nisso.

Liberty soltou uma respiração. Os alienígenas quase os haviam invadido. Então eles ... desistiram.

Então ela ouviu os gritos.

Seu coração já estava apertando um nó apertado, fechando a garganta. Ela atravessou o espaço de carros que ela tinha uma visão perfeita da colina coberta de árvores.

— Não!

Os *Raptors* estavam lá, reunindo muitos dos humanos em pânico em uma gaiola.

CAPITULO QUINZE

O corpo inteiro de Adam congelou.

Ele olhou horrorizado quando alguns de seus membros corriam de volta ao morro em uma corrida louca.

— Eles estavam escondidos do outro lado da colina. — alguém gritou. — Socorro!

Mas o pior foi ver o pequeno grupo que havia sido reunido na feia gaiola negra ... idêntico ao que já havia mantido aqueles pobres humanos de antes.

Ele sentiu os esquadrões correndo em frente ao redor dele.

Mas Adam sabia que era tarde demais.

A gaiola estava na parte de trás de um caminhão alienígena, o mecanismo de tiro. Os *Raptors* já estavam jogando as últimas pessoas e uma equipe de *raptores* soldados, armas levantadas, voltadas para a direção do comboio.

Um *raptor* estava segurando uma arma elétrica pesada, um segundo *Raptor* ao lado dele segurando a munição para a arma. Adam amaldiçoou. Eles tinham informações sobre essa arma alienígena. Uma grande arma transportada por um soldado *raptor* e a munição carregada por um segundo, a arma poderia vomitar veneno eletrificado que debilitava em segundos.

Eles não estavam atirando contra as pessoas que fugiam, graças a Deus. Mas Adam sabia se algum de seus soldados do Esquadrão Nove atacasse para ajudar, eles estariam no chão.

Então ele notou outra coisa.

Os *Raptors* estavam vestindo uma espécie de máscara sobre seus rostos.

A resposta o atingiu. Duro. As árvores. Eles estavam tentando minimizar ou negar os efeitos de qualquer que fosse o inferno que as árvores faziam para eles.

— Me deixe ir!

Adam observou com horror quando um soldado *Raptor* ergueu uma mulher que chutava e se esforçava.

Ele viu Santha lutar contra o alienígena maior. *Deus não*.

Atrás dele, ele ouviu um som estrangulado. Cruz percorreu Adam, levantou a arma.

Adam pegou o olhar de Marcus e assentiu.

Marcus e Gabe pegaram o soldado perturbado e o arrastaram de volta.

— Não! — O homem os amaldiçoou todos em espanhol, mas seu olhar nunca deixou sua mulher.

Todos estavam presos. Desamparados para fazer qualquer coisa. Adam tentou pensar em algo, trabalhar uma maneira de resgatar suas pessoas, formar e descartar cenários mais rápido do que ele poderia contar.

Mas não havia escolhas, exceto muito ruins.

Ele mordeu uma maldição, tentando não olhar para o soldado desesperado lutando contra seus amigos para se soltar.

Adam sentiu uma mão escorregar na dele. Liberty estava ao lado dele, o rosto pálido, os olhos arregalados.

No topo da colina, havia um borrão de movimento perto de Santha e seu captor. O coração de Adam surgiu. Uma sombra escura apareceu do nada e com algumas fatias de uma faca, o *Raptor* segurando Santha gritou e caiu. Santha também caiu, mas pousou em seus pés.

Ela estava livre.

Devlin Gray ficou ali, faca *Gladius* na mão, acenando para Santha.

Então quatro *Raptors* correram.

Devlin desceu sob um granizo de pontapés e socos. Santha foi mais uma vez levantada de seus pés, e desta vez, sem cerimônia, jogada na gaiola.

— Deus, fodido! — Marcus mordeu.

Os *Berserkers* também estavam amaldiçoando e Esquadrão Nove ficou de pé, tenso e zangado.

Todos observaram como o corpo agora propenso de Devlin foi jogado na gaiola. O veículo alienígena acelerou e se afastou.

— Não. Santha. — A voz de Cruz se quebrou.

— Vamos recuperá-la. — disse Marcus selvagememente. Ele pressionou a mão no ombro de seu amigo. — Nós não deixamos ninguém para trás, e nós a devolveremos a você.

Porque ele precisava, Adam puxou Liberty para dentro de seus braços. Ele a segurou forte e seus braços envolveram ao redor dele.

Ele perdeu mais pessoas.

A sensação de fracasso era tão grande. E a visão de Cruz, que agora estava sentado no chão, cabeça em suas mãos, mas vibrando com a pura necessidade de ir atrás de sua parceira grávida, era quase mais do que Adam podia suportar.

— Adam. — Liberty agarrou suas bochechas. — Todo mundo precisa de você. Santha, Devlin e nosso povo precisam de você. — Seus dedos roçaram sua pele. — Estou bem aqui, ao seu lado, a cada passo.

— Eu ... — Ele respirou profundamente.

— Ei. — Seus olhos eram diretos. — Você usa sua melhor habilidade. Esse imenso e invejável foco. Precisamos de um plano.

Deus, ela estava certa. Ele recuou os ombros para trás, inclinou-se e pressionou um beijo rápido em seus lábios. Então ele encarou seu povo.

Mais uma vez, eles pareciam sobreviventes de uma guerra. Batidos, sangrando, com medo. Ele viu uma Selenia pálida com um cobertor enrolado em seus ombros. Emerson e sua equipe cuidaram dos feridos. Ele viu os soldados eriçados com a necessidade de agir.

Eles esperaram que ele falasse, e em todos os seus rostos, viu que nenhum deles havia desistido.

— Todos voltam para dentro da barreira. Corra as lacunas. Esquadrões em patrulha. Líderes do Esquadrão para uma reunião de planejamento. — Ele sentiu a mão quente de Liberty em suas costas, e ele garantiu que ele tocou os olhos de todos os presentes. — Nós vamos recuperar nosso povo.

Liberty estava de lado, observando Adam executar a reunião de planejamento. Ela partiu por um tempo para ajudar a acalmar os sobreviventes assustados, mas agora ela observou, ouviu e esperou.

Ela viu Cruz nas proximidades. O homem estava de pé, reto e alto, focado em todas as palavras que Adam dizia. Ele estava praticamente vibrando com a necessidade de agir. Claudia estava ao lado dele, murmurando calmamente, mantendo-o controlado, imaginou Liberty.

Pobre Santha.

Liberty sentiu sua própria barriga apertar. Ela rezou pela a mulher, seu bebê e os outros com ela estivessem bem.

— Nós vamos recuperá-los. — A voz de Adam era inflexível, inabalável. — Nós já perdemos muitos nesta batalha. Não mais.

Não houve curvatura, nem dúvidas. Ela viu aquela convicção absolutamente firme mergulhar na multidão ao seu redor. Mesmo Cruz ergueu a cabeça.

Adam colocou um mapa sobre o capô de um carro. — Agora, nós planejamos nosso plano e asseguramos que cada um vá para o Enclave.

— Santha e Devlin têm rastreadores implantados neles. — disse Cruz, sua voz dura. — É parte do requisito de estar na equipe de inteligência.

Adam assentiu. — Elle, traga as coordenadas do rastreador. E eu preciso de um drone dirigido nessa direção, imediatamente.

— Nisso.

Adam pressionou uma mão na parte de trás do pescoço dele. — Eu vou precisar de um Esquadrão para ficar com o comboio. Para continuar a caminho do Enclave.

Vozes e gritos surgiram. Ninguém queria ficar para trás.

Adam levantou a mão. — Eu sei. Eu sei que todos vocês querem entrar e lutar para recuperar nosso povo. Mas, essas pessoas ... — ele

apontou para os sobreviventes à sua volta. — ... também precisam de ajuda. Não arriscarei quando fizermos isso.

Roth estava parado. — Minha equipe assumirá a liderança sobre isso.

Adam assentiu. — Obrigado, Roth.

Gritos entraram em erupção. Liberty girou e ofegou. Uma das bolas alienígenas saltou sobre a barreira e pousou nas proximidades. Ele rolou para a frente, sua aparência feia e musculosa horrível na luz brilhante do dia.

Todos os soldados se moveram, carabinas levantadas, circulando o objeto.

Mas a bola desacelerou, não se abriu e derramou aranhas assassinas em todos os lugares.

Adam prendeu a respiração.

De repente, a bola começou a se mover, balançando um pouco, então um pequeno bolso abriu na frente. Algo pequeno caiu e pousou no chão.

— O que diabos? — Marcus aproximou-se, Gabe ao seu lado.

A bola rolou para trás e, assim que aconteceu, os soldados abriram fogo.

Segundos depois, a bola era apenas uma massa parte carne, parte osso no chão. Marcus se ajoelhou e pegou o objeto que a bola tinha deixado cair. Ele levantou.

Ele ofegou. — Um cristal de dados alienígenas. — Ela correu para a frente. — Alguém pegue Noah. Eu preciso do dispositivo que ele usa para interagir com nossos computadores.

Liberty permaneceu fora do caminho quando Noah Kim apareceu e enganchou o cristal no computador de Elle. Logo, Adam e os líderes do Esquadrão estavam amontoados ao redor da tela, enquanto Elle trabalhava febrilmente no teclado.

Um momento depois, Adam girou, os líderes do Esquadrão maldizendo atrás dele. Seu olhar pegou o dela, seu rosto serio. — É uma demanda de resgate.

Uma demanda de resgate? Liberty apertou as mãos. Ela tinha certeza de que os alienígenas não queriam uma moeda da Terra sem valor.

— O que eles querem?

— A mim.

Seu estômago caiu. — Não.

— Eles querem se encontrar comigo. Sozinho.

Ela correu para ele. — É uma armadilha.

— Eu sei.

— Os prisioneiros são iscas. — disse Marcus.

— Eu sei disso também. — Adam respondeu, com a voz forte.

— Você não pode ir, Adam ... — O medo era ácido nas veias de Liberty.

Ele apertou sua mão sobre a dela. — Eu não posso *não* ir.

Os condenados alienígenas os estudavam durante todo esse tempo. Eles sabiam que Adam nunca abandonaria seu povo. Eles sabiam como atraí-lo.

— Roth, você mantém o comboio em movimento. — disse Adam. — Chegue ao Enclave.

— Sim senhor.

— General Holmes. — Ele estava parada. — Temos os sinais dos rastreadores de Santha e Dev. Eles não estão longe. Em uma pequena cidade a poucos quilômetros de distância. Eles não estão se movendo.

Adam assentiu. — Coloque drones nessa área. E pegue Finn de volta aqui com um *Hawk*. Preciso de transporte.

— Adam. — Liberty tentou manter seu medo de sua voz. — Você não pode ir sozinho.

— Eu não vou. Preciso de uma pequena equipe que saiba ficar escondida. — Ele olhou para os esquadrões. — Apenas quatro soldados, dois dos seis e dois dos três. Não quero arriscar uma equipe inteira.

Cruz deu um passo à frente, seu rosto inflexível. — Estou indo.

Liberty não tinha certeza de que era uma boa ideia. Estava claro que o homem estava segurando por um fio. Mas algo lhe dizia que, se ele fosse negado a chance de ir, ele acharia uma maneira de chegar lá de qualquer maneira.

— Você não pode agir sozinho, Ramos. — O tom de Adam foi cortado. — Isso não vai ajuda-la.

Cruz deu um rápido aceno de cabeça. — Estou pronto.

— E eu também vou.

O olhar de Liberty passou a estar em Elle enquanto seu noivo se ofereceu. Ela esperava ver o medo, mas, em vez disso, viu um orgulho feroz no rosto da outra mulher. Obviamente, ver seu homem sair e lutar todos os dias ensinou a Oficial de Comunicação a manter seu medo escondido, e ajuda-lo e apoiá-lo da maneira que podia.

Liberty precisava fazer o mesmo.

— Eu vou. — A voz de Tane era baixa e profunda. — E Hemi.

— Sim, baby. — retumbou Hemi Rahia. — Eu não atingi minha cota de alienígena mortos para o dia.

— Nós temos alimentação do drone. — anunciou Elle. — Oh Deus.

Todos se amontoaram ao redor da tela. Liberty apenas olhou para ele, mas foi o suficiente para ter o estômago virando.

Os *Raptors* estavam atormentando as pessoas na gaiola. Empurrando-os através das barras, provocando-os.

— Deus, nosso povo está histérico. — disse Elle.

Os humanos estavam gritando e chorando, agitados e com medo.

Doc Emerson empurrou para frente. — Você precisará de alguém para acalmar os sobreviventes. Se eles veem soldados e armas, eles podem entrar em pânico. Estão traumatizados, chateados, com medo. Alguns podem precisar de atenção médica. Eu irei.

Liberty viu um musculo saltar no maxilar de Gabe. — Ela é muito valiosa.

O olhar de Emerson estreitou em seu amante.

Adam levantou a mão. — Ele tem razão. Nós temos muitos feridos do ataque anterior. Eu preciso de você aqui com o comboio. Mas eu preciso de alguém para a missão que pode acalmar as pessoas.

Emerson esfregou a testa. — Rick é firme sob fogo, mas ele será o primeiro a admitir que ele não tem a maneira de dormir mais suave. Molly não tem experiência suficiente.

Liberty sentiu que seu peito estava apertado, depois aliviou. — Eu irei.

Não não não.

As palavras bateram na cabeça de Adam como um martelo.

Ele viu Liberty de pé, tão calma e pronta. Ele tentou formar algumas palavras, mas tudo o que ele podia pensar era que ele não queria que ela entrasse. Ele não queria que ela estivesse perto dos alienígenas.

— Se alguém pode acalmar os sobreviventes, é Liberty. — disse Elle. — Eles confiam nela. Eles a escutam.

— E ela muito boa, dispara uma arma como uma profissional. — acrescentou Marcus. O olhar de Adam dirigiu-se para Marcus e o soldado deu um encolher de ombros de desculpas.

Sim, Marcus sabia o que era ter que levar sua mulher para o campo de batalha.

Mas ele também sabia nesses tempos, coisas assim eram necessárias.

Liberty estava olhando para ele. Não havia julgamento ou apreensão em seu rosto. O que quer que ele decidisse, ela concordaria com suas ordens.

Droga. Suas mãos se enrolaram. — Elle, encontre para Liberty alguma armadura.

Ele viu os ombros de Liberty relaxarem. Para o pior, ele estava levando-a numa missão impossível. Um lugar onde a esperança era seu maior trunfo.

— Marcus, Cruz, Hemi e Tane. Prepare-se. Assim que o *Hawk* aterrissar, nós saímos. Vamos recuperar nosso povo.

Ao redor deles, as pessoas começaram a cantar. — Traga-os para casa. Traga-os para casa.

Adam olhou para a mulher que agitou seu mundo em apenas alguns dias. Ele esperava que ele pudesse cumprir essa promessa.

Trazer todos de volta ... incluindo Liberty.

CAPITULO DEZESSEIS

O sol da tarde estava quente nas costas de Adam. Ele olhou através dos binóculos para o posto avançado *Gizzida*.

E a gaiola dos seres humanos estava no meio da rua.

Eles não tinham proteção contra o sol. Ele podia ver que muitos entraram em pânico, chorando. Pelo que Adam poderia distinguir, Devlin ainda estava inconsciente. Santha estava sentada ao lado dele, uma mão esfregando a leve curva de sua barriga.

Havia *Gizzida* em todos os lugares. Os *Raptors* estavam entrando e saindo de casas e lojas abandonadas. Um antigo posto de gasolina parecia que era o estacionamento preferido para os veículos dos *Raptors*.

Ele voltou para o seu pequeno time. Os soldados estavam todos blindados e prontos. Cruz ainda parecia segurá-lo. Liberty parecia mais em casa em sua armadura do que deveria. Ela puxou seu cabelo dourado para trás em um rabo de cavalo, e era um forte contraste com o preto da fibra de carbono que ela usava.

Finn Erickson inclinou-se contra o lado de seu helicóptero *Hawk*. Ele os trouxe para este ponto, apenas fora do posto avançado, escondido atrás de uma colina.

— Marcus, Tane, Cruz e Hemi, eu quero que você se esgueire em silêncio. Pegue posições e aguarde meu sinal. — Ele arrastou a respiração. — Liberty, fique aqui com o Finn. Eu vou sozinho.

— Não. — Liberty enfiou as mãos nos quadris dela. — Não. Estou aqui para os prisioneiros. Não posso ajuda-lo a obtê-los se eu estiver aqui fora.

— O *Gizzida* quer que eu vá sozinho ...

— Você sabe que eles nunca vão me ver como uma ameaça. Você pode explicar por que estou lá.

Ele podia ver o pulso correndo em sua garganta, batendo contra sua pele macia. Ela estava nervosa, com medo, e, no entanto, ficou ali, lutando com ele para entrar em perigo.

Naquele momento, Adam percebeu que ele estava se apaixonando por Liberty Lawler.

Ele deixou o choque passar através de seu corpo. Agora, ele estava levando a mulher por quem se apaixonou para uma situação dura.

— Tudo bem. Vamos antes de mudar de ideia. — Ele olhou para o piloto do *Hawk*. — Fique se você acha que é seguro. Não arrisque o *Hawk*.

Finn assentiu. — Sim senhor, General. Boa sorte. — Ele sorriu para Liberty, mas havia uma profunda seriedade em seus olhos. — Fique segura, Lib.

— Você também.

Adam começou a descer a colina, Liberty mantendo o ritmo ao seu lado. No fundo, ele parou e puxou-a para dentro de seus braços. O beijo foi muito mais curto e muito menos do que ele queria. Ele absorveu a sensação dela por um segundo antes que ele a colocasse em seus pés.

— Você fica alerta. Use sua inteligência. Se as coisas ficam ruins ... Liberty se as coisas ficam ruins, você corre. Saia daí.

Ela tocou seu rosto. — Não tenho certeza de que posso fazer isso. Muito de você parece ter esfregado em mim.

Ele fez um som sufocado.

— Mas ... — Ela roçou um polegar sobre seus lábios. — Eu prometo que vou me proteger e fazer o que eu acho melhor.

Sua mulher forte e corajosa.

— OK.

Eles caminharam em silêncio.

Quando eles entraram na pequena cidade, Adam se perguntou onde os moradores passados tinham acabado. Ele esperava que alguém tivesse conseguido. Ele estava feliz por não estar aqui para ver os alienígenas sufocarem a cidade.

Eles passaram por algumas casas, e viu soldados alienígenas observando-os de forma constante. Eles não se moviam, nem diziam nada, mas seus olhos vermelhos brilhavam.

Liberty e Adam aproximaram-se da gaiola. *Santha* os viu primeiro. Seu rosto estava pálido e beliscado, mas ela acenou com a cabeça para eles. Adam estava agradecido ao ver que Dev estava sentado, mesmo que o homem parecesse muito ruim. Ele tinha um olho preto e o sangue marcava sua camisa branca.

Quando os outros descobriram Adam, começaram a chorar e a gritar. Os braços chegaram entre as barras. Ele assentiu com a cabeça, disposto a ficar calmo. Ao lado dele, Liberty acenou, pedindo que ficassem calados.

Adam finalmente parou no meio da rua e segurou uma palma para parar Liberty.

Gizzida caminhava em direção a eles, agarrando suas armas feias.

Um *Raptor* no meio parecia com os outros, mas não carregava uma arma. Adam assumiu que ele era o responsável.

— Estou aqui. — Adam levantou os braços. Ele apertou um pequeno comprimido na mão. — Meu dispositivo é um pequeno tradutor ... para garantir que não tenhamos mal-entendidos.

— Eu falo sua linguagem simples, General Holmes. — Gritou o Chefe *Raptor*. — Você foi instruído a vir sozinho.

— Ela é médica, não é um soldado. — Adam teve o cuidado de não se inflar em sua voz. — Ela está aqui para ajudar meu povo.

O líder dos *Raptors* escaneou Liberty, depois a demitiu com um encolher de ombros. Seu olhar ardente voltou para Adam. — Você está pronto para fazer um acordo em troca de seu pessoal?

A raiva era como um zumbido na cabeça de Adam. Ele sabia que esse bastardo não se importava com os prisioneiros. Não pela primeira vez, Adam se perguntou o que fez uma espécie como essa. Guerra, não querer se comunicar e trabalhar com pessoas que eram diferentes delas. O que os fez tão famintos para destruir?

— Estou ouvindo. — Ele olhou superficialmente para os telhados das casas próximas, imaginando onde Marcus e os outros estavam.

— O acordo é que você pode manter sua vida e selecionar vinte pessoas e sair. Em troca, você nos entrega o resto do seu comboio.

— O quê? — Todo o ar correu para fora dos pulmões de Adam.

— Seu grupo irritou as pessoas erradas. Meus líderes não desejam que você circule matando nossas tropas, destruindo nossos recursos. Então, você pode ir, General Adam Holmes, e levar as vinte pessoas que você ... que importam ou precisa mais. — O alienígena disse que se *importava* com uma palavra que não fazia sentido para ele.

Adam quase queria rir. — Eu não sou o presidente Gregory Howell.

— O homem era inteligente o suficiente para aceitar o acordo que lhe oferecemos.

— O homem era um covarde. — Eles não perceberam que Adam não considerava sua vida mais importante do que a vida de qualquer membro de seu comboio. — Os seres humanos podem ser egoístas, especialmente quando têm medo.

O *Raptor* inclinou a cabeça. — Você não está com medo.

— Eu tenho medo de muitas coisas. — Adam respondeu. — Mas não de você.

O alienígena o considerou por um segundo, e quando o olhar da criatura se mudou para Liberty. Adam ficou tenso.

— E se eu a machucasse? — A voz gutural do rapaz tinha diminuído. — Então você terá medo?

Adam sentiu um tique no seu maxilar. Ele não respondeu. Mas ele sabia que ele não precisava.

O *Raptor* balançou a cabeça. — Vocês humanos são tão confusos às vezes. — O líder levantou uma mão de garras. — Pegue a mulher.

Dois *Raptors* avançaram e pegaram os braços de Liberty.

Ela não correu nem cuspiu contra eles, mas ela lutou, lutando e chutando com seus captores.

Adam se moveu sem pensar. O líder dos *Raptors* assentiu com a cabeça e outro soldado deu um passo à frente e pressionou o fim da arma no peito de Adam.

Forçou Adam a parar. Ele observou, desamparado, enquanto eles moviam Liberty para a gaiola. Alguém trouxe uma corda e suas mãos estavam amarradas, a corda jogou sobre um poste. Ela estava empurrada para cima, seus braços estavam acima de sua cabeça e os dedos de seus pés mal tocavam o chão.

Um soldado *Raptor* se moveu na frente dela, depois a bateu.

Liberty cuspiu sangue no chão. — Tive alguém tentando me separar uma vez. — Ela sorriu, sangue em seus dentes. — Não funcionou.

Adam sentiu seus músculos se esticando. Ele queria atacar os *Raptors*. Ele queimou com a necessidade de fazer algo para salvá-la. Ele olhou ao redor novamente, esperando que Marcus tivesse a mensagem de que era hora de agir.

— Fique quieta. — O líder resmungou a Liberty.

— Vá se foder! — ela retrucou. — Você pode me matar, não vai quebra-lo. Ele ainda vai lutar contra você até o fim. Ele ainda encontrará uma maneira de vencê-lo.

Desta vez foi o líder que bateu um punho na barriga de Liberty.

Adam ouviu o ar se apressar dela, viu sua careta de dor.

Ela estava errada e certa. Sua morte o quebraria. Ele estava entorpecido antes de Liberty. Ele se casou com uma mulher que ele gostava, mas não amava, porque ela tinha sido o que achava que era certo e perfeito para ele.

Em vez disso, seu casamento tinha sido morno no melhor e frio, na pior das hipóteses. Tinha tomado essa mulher exuberante e vibrante para trazê-lo à vida. Para fazê-lo perceber que ele não precisava se afastar.

Então, sim, sua morte o quebraria ... mas ela estava certa — ele ainda lutaria até que ele não pudesse lutar mais.

Ele faria qualquer coisa pela mulher que amava.

Pense, Adam, pense. Ele tinha que fazer alguma coisa.

De repente, o fogo do laser estourou. Todos os alienígenas esqueceram, levantando suas armas para retornar ao fogo.

Mas os tiros vinham de duas direções diferentes, o que os confundiu. Adam se agachou, saltando para o lado, enquanto o veneno salpicava o chão. Ele correu para Liberty.

Liberty olhou, o coração em sua garganta, enquanto Adam corria através do laser e do fogo de *Raptors*.

Vamos. Vamos.

Quando ele chegou até ela, ela não teve a chance de recuperar o fôlego. Ele puxou uma enorme faca de uma bainha no lado de sua coxa e atacou o alienígena mais próximo dela.

Foi uma luta curta, mas brutal. Liberty não se surpreendeu ao descobrir que Adam poderia lutar tanto quanto os soldados do Esquadrão Nove.

— Você está bem? — Ele chegou até ela, cortando a corda.

Ela assentiu com a cabeça, mas quando ela caiu em seus braços, seu estômago doía e seu rosto estava doendo. Ainda assim, ela tinha sido espancada o suficiente para saber que nenhum dos seus ferimentos era ruim. — Vamos pegar os outros.

— Nós não teremos muito tempo. — O rosto de Adam era o mais duro que ela já tinha visto. — Eles logo perceberão que eles têm o maior número ...

E uma vez que eles fizeram, os alienígenas estariam por cima deles.

Ela assentiu e se virou para a gaiola.

— Liberty. — Adam agarrou seu braço. — Eu preciso que você guie essas pessoas. Mantenha-os calmos e mantenha-os em movimento. Leve-os para o *Hawk*.

Ela apertou os lábios juntos. — E você?

— Eu vou cobrir você e depois ajudar Marcus.

Ela queria discutir, mas não havia tempo. Mais armas dispararam contra o chão perto deles. Apressando-se ao lado de Adam, chegaram à gaiola.

Foram necessários momentos preciosos para abri-la. Adam puxou um cortador mini-laser e cortou o feio bloqueio de osso.

A porta se abriu.

Os prisioneiros surgiram em sua direção.

— Fiquem calmos. — Insistiu Adam.

Liberty estava apertada na frente dele. — Todos, se você quer viver, você escuta. Agora.

Todos pararam.

Ela viu que todos estavam agarrados por um fio. — Emparelhem-se. Pegue a mão da pessoa ao seu lado. Há pessoas aqui que precisam de sua ajuda para sair daqui.

Ela assistiu a todos agarrarem a pessoa ao lado deles, examinando-os.

— Você é brilhante. — A respiração quente de Adam escovou sua orelha. — Você fez com que eles cuidassem de alguém.

Ela inclinou a cabeça para trás. — Apreendi com os melhores.

— Conduza-os por aqui. — Ele apontou para uma rua lateral. — Chegue à beira da cidade e depois entre no campo.

Com a garganta sentindo que estava cheio de farpas enferrujadas, ela assentiu.

— General?

O sotaque britânico de Devlin Gray, chamou a atenção deles.

Ele estava de pé, Santha em seus braços, descansando fortemente contra ele. Ela estava ofegante e encharcada de suor.

O intestino de Liberty apertou. — Ah não.

— Santha está em trabalho de parto. — disse Dev.

A mulher gemeu. Liberty avançou e agarrou seu braço. Todos sabiam que era muito cedo. Ela estava apenas a meio da gravidez. Talvez em um hospital de alta tecnologia tudo estaria certo ... mas os hospitais já haviam desaparecido e eles ainda tinham que escapar antes que pudessem leva-la á Doc Emerson.

— Eu ... posso fazer isso. — Santha empurrou para fora entre os dentes. — Eu *vou* conseguir.

— Você pode. — Liberty manteve seu tom positivo. — E Cruz está por aí, fazendo toda essa distração para que possamos sair daqui.

Mas naquele momento, o laser disparou. Os alienígenas estavam correndo em todas as direções, caçando os soldados do Esquadrão Nove.

Liberty olhou para o líder, que os virou e viu. Ele gritou para seus homens.

Não! Liberty olhou para Adam.

Os alienígenas se viraram em massa e começaram a correr para eles.

CAPITULO DEZESSETE

Deus, eles não conseguiriam fazer isso.

Adam arrumou as pessoas da gaiola. — Corre! Naquela rua. Saia da cidade.

Eles saíram correndo, alguns tropeçando. Alguns eram mais rápidos do que outros. Alguns dos mais velhos e feridos foram muito mais lentos.

Uma mulher tropeçou, caindo na sujeira. Adam prendeu a respiração, mas quando um jovem parou e pegou-a em seus pés, Adam sentiu uma sensação de orgulho.

O que aconteceu aqui, sua humanidade permaneceu intacta.

Ele voltou quando Liberty e Devlin ajudaram Santha.

Outro golpe de contração, e Santha gemeu, mordendo o lábio. — Vocês vão, por favor.

Liberty deslizou o braço de Santha em torno de seus ombros. — Boa tentativa, Santha. Você tem dois machos alfa do inferno aqui, e você sabe o que? Eu não tenho nenhum lugar melhor para ir. — Ela olhou para Adam.

Deus, mesmo aqui, no meio das piores circunstâncias, suas vidas na linha, ela sorriu para ele.

— Os alienígena estão quase aqui. — Dev disse, sua voz cheia de urgência tranquila.

Adam levantou sua pistola laser, sabendo que não era o suficiente. Os alienígenas os invadiram antes que ele pudesse tirar a

maioria deles. Mas ele ainda atirou. Ele tinha que dar ao seu povo uma vantagem, então eles poderiam ter uma melhor chance de fugir com segurança.

Ele continuou a disparar e, um segundo depois, Liberty intensificou-se ao lado dele, disparando sua própria arma.

De repente, houve um acidente ensurdecedor, e o som alto de um motor.

Um enorme caminhão-tanque de combustível explodiu no prédio da estação de gasolina, esmagando as janelas e colapsando o telhado.

O grande caminhão desviou-se, e o caminhão-tanque se desviou, derrubando uma linha de veículos alienígenas.

Adam viu Cruz ao volante.

Uma explosão cresceu, e uma casa no final da rua subiu em uma bola de chamas e fumaça.

Enquanto observava, mais casas explodiram em chamas, em toda a cidadezinha, acendendo-se furtivamente por Marcus e seu pequeno time.

Todos os alienígenas se voltaram, disparando contra a nova ameaça.

Cruz cortou tantos extraterrestres quanto podia. Então ele abriu a porta lateral do motorista.

Adam franziu a testa. Que diabos ele estava fazendo?

Os olhos de Santha se fecharam com os de Cruz, um sorriso fraco apareceu no rosto. — Meu soldado alfa fofão.

Cruz saltou do caminhão em movimento, jogando algo de volta no carro. O soldado do *Hell Squad* atingiu a sujeira, rolando duas vezes

antes de voltar a pé em um movimento suave. Ele imediatamente levantou sua carabina e começou a atirar nos alienígenas.

O caminhão-tanque caiu nos soldados alienígenas e um segundo depois explodiu.

A adrenalina carregou por Adam enquanto observava as chamas se elevarem. A explosão havia retirado a maioria dos alienígenas.

Então um ruído ruidoso chamou sua atenção, e ele se virou. Mais alienígenas estavam correndo para eles do outro lado da cidade.

— Venha. — Estimulou a ação, Adam reuniu o pequeno grupo deles. — Precisamos sair daqui.

Santha parecia rasgada, mas quando outra contração apertou a barriga, ela assentiu.

Então, Adam ouviu o som inconfundível da arma elétrica pesada dos *Raptors*. Ele congelou. Não havia como fugir do veneno eletrificado de alta velocidade.

Ele virou-se, pisando na frente de Liberty com uma tentativa vã de mantê-la segura, e ele piscou em estado de choque.

A arma estava pulverizando veneno ... em todo os soldados alienígenas.

Os olhos de Adam se arregalaram.

— Oh, meu Deus. — sussurrou Liberty.

Tane Rahia estava movendo a grande arma alienígena de um lado para o outro, cortando o inimigo como lâminas de grama. Seu irmão estava ao lado dele, levantando a pesada munição e alimentando-a na arma.

Adam girou, trazendo a pistola para cima, quando ouviu passos.

Cruz e Marcus apareceram. — Não atire. — rosnou Marcus.

Em um instante, Cruz varreu Santha em seus braços, pressionando os lábios para a têmpora, murmurando.

— O bebê, Cruz. O bebê está vindo. — A voz de Santha era torturada.

— Nós vamos leva-la ao Doc. — murmurou Cruz. — Apenas se segure.

Santha assentiu.

Adam agarrou o braço de Liberty. — Vamos correr.

— Tane e Hemi? — Perguntou ela.

Marcus bufou. — Acredite, esses caras vão sair de uma só peça. Não se preocupe com eles.

Juntos, eles atravessaram a rua e saíram da cidade. Os campos abriram, e adiante, Adam viu a colina onde o *Hawk* estava escondido.

Segurando firmemente a mão de Liberty, ele empurrou e eles cruzaram a colina.

Todos os sobreviventes estavam subindo no *Hawk*, Finn falando com eles, distribuindo água.

— Graças a Deus. — disse o piloto. Então ele viu Santha. — Merda. — Ele pegou o olho de Adam. — Não podemos levar todos de uma só vez. Teremos o limite de peso do *Hawk*.

— Primeiro feridos e idosos. Vamos ficar aqui e esperar por Tane e Hemi.

Finn assentiu e começou a trabalhar reunindo pessoas no helicóptero.

Cruz subiu a bordo com Santha, e logo o *Hawk* levantou-se. Seu sistema de ilusão vacilou, deixando-o apenas um brilho nebuloso no céu.

Marcus ficou alerta, sua carabina em pé. — Todos ficam para baixo. — Seu olhar voltou para a direção da cidade.

Liberty estava se movendo entre as pessoas restantes, trabalhando sua magia. Ela acariciou braços, sorriu e riu. Logo, todos ficaram mais à vontade, amontoados.

Um grande boom soou.

Adam virou-se e viu uma enorme nuvem de fumaça e chamas subirem para o céu.

Ele e Marcus caminharam até o topo da colina e esperaram. Onde diabos foram Tane e Hemi?

Os minutos passaram, e Adam lutou contra o desejo de se preocupar.

Um minuto depois, viu duas silhuetas aparecerem na fumaça. Ambos tinham carabinas penduradas sobre os ombros, caminhando constantemente pela colina, como se não tivessem nada melhor do que fazer uma caminhada. Ambos estavam cobertos de sangue, suor e fuligem. Hemi estava rindo e um leve sorriso quebrou o rosto de Tane por um segundo.

— Esses dois precisam de charutos, ou algo assim.

Adam olhou para Liberty. Ele colocou o braço em volta dela e puxou-a para perto. Ele mergulhou no calor e na vida dela.

— Eu sei o que eu preciso. — disse Adam.

Ela olhou para cima, sorrindo. — Oh?

— Você. — Ele tocou seu rosto. — Só você.

Houve uma súbita rajada de vento e acima delas, viu um segundo *Hawk* aparecer, deixando a ilusão.

— Vamos sair daqui. — disse ele.

Nikolai

Nikolai Ivanov correu silenciosamente pelas árvores. Ao lado dele, dois de seus soldados Enclave correram com ele.

Ele subiu a colina, com cuidado para ficar na sombra das árvores. Ele fez um sinal de mão e os soldados pararam. Niko ergueu seus binóculos, aumentando o zoom, e deu uma boa olhada nos veículos que chegavam.

Tinha sido um dos drones do Enclave que haviam pegado a enorme ilusão em direção a seu caminho. Ele sabia que o comboio da Base *Blue Mountains* estava a caminho daqui ... mas Niko tinha uma responsabilidade para as pessoas que chamavam o Enclave de casa para protege-los.

Ele curvou-se sob a ilusão com uma pequena equipe. Ele precisava se certificar de que este comboio era dos sobreviventes da Base *Blue Mountains* e que eles não tinham alienígenas que os seguiam.

— Senhor, parece com o comboio da Base *Blue Mountains*. — disse um dos soldados.

— Sim parece.

Mas todas as suas informações disseram que os alienígena estavam melhorando. No início, eles usaram a força bruta, ainda confiaram nisso, mas Niko suspeitava que eles estavam começando a

entender que precisariam de algo mais para vencer o bom e antigo grão humano e determinação.

— Espalhem-se. — Ele empurrou a cabeça para o homem e a mulher. — Veja mais de perto. Se algo parecer fora, e quero dizer qualquer coisa, informe de volta.

— Sim senhor.

Os soldados se juntaram nas árvores.

Rapidamente, furtivamente, Niko subiu a próxima colina. Fazia um tempo desde que ele teve que usar as habilidades de sua vida passada. Antes, o sigilo e o furor tinham sido sua norma.

Um músculo marcou sua mandíbula. Ele não era mais aquele homem. Agora ele era um sobrevivente, um líder, um artista, um membro da comunidade. Sua principal razão era proteger o Enclave e suas pessoas.

Ele deslizou sobre a barriga e se arrastou até o topo da colina. Ele levantou os binóculos novamente.

Um segundo depois, sentiu a escova fresca de um cano de arma na parte de trás do pescoço. Ele endureceu.

— Quer me dizer por que você está se esgueirando por aqui e espiando o meu povo?

A voz feminina. Resistente. Calma. Toda negócios. Niko não tinha dúvidas de que quem estava prendendo a arma, ela não hesitaria em puxar o gatilho.

— Estou me certificando de que são quem eu acho que são. — ele respondeu. — Certificando-me de que eles não são alienígenas disfarçados.

Uma pausa. — Vire-se.

Niko rolou. Vê-la foi como um chute no intestino.

Ele pensou que seria alta. Em vez disso, ela era pequena. Os cabelos escuros estavam dobrados sob o capacete de combate e ele se perguntou se seria uma longa queda de seda ou mechas curtas e sensuais ao redor de seu rosto angular. Ela usava sua armadura de combate e segurava sua carabina de uma maneira que dizia que ela fazia isso todos os dias. Nenhum soldado novato aqui.

Mas era o olhar duro e constante em seus olhos escuros e a inclinação do queixo que achou mais fascinante.

— Quem é você? — Ela perguntou.

— Eu sou do Enclave ...

— Já ouvimos isso antes. Nome?

Sim, ela tinha força correndo por suas veias. Maldição, ele achou sexy. — Niko.

A mulher tocou sua orelha. — Roth? Entre. Eu encontrei alguém que reivindicou ser do Enclave.

Niko endireitou-se. — Roth? Roth Masters?

Sua captora o estudou.

— Diga-lhe que Nikolai diz olá.

Ela tocou o fone de ouvido e depois amaldiçoou. — Droga. Os alienígenas estão bloqueando tudo.

Segurando as mãos, Niko se levantou. — Eu sou Nikolai Ivanov.

Seu olhar sombrio deslizou sobre ele. — Mackenna Carides. Sou a segundo em comando de Roth.

Então, ela trabalhou lado a lado com o duro e musculoso Masters. — Parece que Roth tem toda a sorte. Conheci a sua bela e

competente Avery, e agora vejo que ele trabalha com uma bela segunda em comando também.

Mackenna levantou sua carabina até uma polegada. — Eu não estou neste trabalho por causa da minha aparência.

— Não duvido disso.

Ela tocou sua orelha. — Roth? Arden? Você está ouvindo?

Niko mudou-se para pegar seu próprio dispositivo de comunicação fora de seu cinto.

Um forte empurrão em seu intestino o fez grunhir. Mackenna pôs os joelhos para fora de debaixo dele e um segundo depois ele encontrou-se achatado nas costas, um joelho pressionado no esterno.

— Você é um pouco nervosa, Mackenna.

— É Mac. E depois de duas semanas correndo, os alienígena perseguindo todos os seus movimentos, você também seria um pouco nervoso, garoto bonito.

Niko estava cansado de estar de pé com esta mulher. Ele bateu o joelho para longe, subindo para cima.

Ela balançou a carabina, mas ele antecipou isso e a nocauteou. Ela se atirou contra ele e eles compartilharam uma briga curta e afiada. *Porra*. Ela tinha um exoesqueleto em sua armadura que a fazia mais forte que ele.

Eles acabaram de frente um para o outro, de joelhos. Ele tinha um cotovelo na garganta e ela tinha um aperto apertado em sua garganta. Um toque e ela poderia encurralar seu pescoço.

— Mac, você está aí?

Tão perto dela, Niko ouviu o som suave da voz de Roth.

— Estou aqui. Peguei um cara espiando o comboio. Parece humano, diz que é do Enclave e seu nome é Nikolai Ivanov.

— 1,90, longos cabelos escuros, olhos verdes?

Niko sentiu que ela relaxava uma fração.

— Parece bem. — ela respondeu.

— Eu posso atestar por ele. Ele é um artista e um dos líderes do Enclave ...

Niko ouviu Mac murmurar em voz baixa. — Entendido. Vou trazê-lo para você.

Ela soltou Niko e recuou. Niko levantou-se. — Dois dos meus soldados ...

— Estão com meu Esquadrão. — respondeu Mac em breve.

Ele limpou a garganta. — Eles estão ilesos?

— Eles não estão conscientes, mas estão respirando. — Ela inclinou a cabeça. — Você não é um artista.

Ele levantou as mãos. Como de costume, ele ainda tinha riscas de tinta nos dedos.

— Você não se move como um artista. Eu reconheço treinamento e experiência de combate quando eu vejo isso.

Niko empurrou as mãos nos bolsos e mentalmente amaldiçoou que ele se entregou e que ela era tão condenadamente observadora. — Todos nós tivemos vidas antes da invasão. Eu tive ... outra coisa antes de os alienígenas chegarem.

— Você quer dizer que todos nós temos segredos.

Ele inclinou a cabeça. — Você tem um rosto intrigante, Mackenna. A beleza bordou a dureza. Eu adoraria esboçar você. — Ou pintá-la, esculpi-la. Qualquer coisa para poder estudá-la mais.

— Acho que não.

Ele sorriu. Ele era um homem persistente e paciente. — Veremos.

Ela empurrou o ombro dela. — Vamos. Vou levá-lo para Roth.

Niko subiu ao lado dela. — Nós estaremos nos vendo várias vezes. E Mackenna? — Ele esperou até levantar seu olhar escuro para o dele. — Você não precisa mais correr. Bem-vinda ao Enclave. Bem-vinda à sua nova casa.

Liberty deixou Adam agarrar sua cintura e levá-la para fora do helicóptero.

Todo o comboio estava esticado em uma longa fila, avançando lentamente. Eles estavam flanqueados por veículos militares que ela não reconheceu.

— Senhor? — O Cadete Mitchell estava acenando para eles da porta de trás do caminhão de Adam.

— Há nossa boleia. — disse Adam. — Prazer em vê-lo, Cadete.

— Você também, senhor. E certamente ficamos felizes em encontrar as tropas do Enclave que vieram nos acompanhar.

O Enclave. O coração de Liberty apertou forte.

Adam a ajudou na parte de trás e, enquanto tentava esconder seu estremecimento, ele percebeu. O homem estava em sintonia com ela.

— Você precisa ver a Doc. — ele disse com uma careta.

Ela acenou com a mão. — Mais tarde. Ela tem as mãos cheias com Santha. Você acha que eles serão capazes de salvar o bebê?

— Eu não sei. — Adam bateu na parede divisória com a cabine do caminhão começou. — Tudo o que podemos fazer é esperar o melhor.

De repente, ela estava engolida nos braços de Adam. Ele a puxou de volta para o beliche com ele, segurando-a forte. — Eu pensei ... de volta naquela cidade ... pensei ter perdido você.

— Estou bem aqui. — Ela segurou-o, respirando o suor e o trabalho de sua luta. Ela não se importou. Isso significava que ele estava vivo.

Ele puxou para trás, seu olhar azul perfurando-a. — Eu preciso de você, Liberty. Você é minha luz. Seu sorriso, sua voz, apenas observando você dormir. Você me dá mais do que uma razão para continuar lutando, você me dá uma razão para continuar respirando.

— Adam. — Seu peito inchou.

— Estou me apaixonando por você. — disse ele.

Ela empurrou um pouco. Durante muito tempo, essas palavras foram usadas como uma arma, uma amargura contra ela. Quando ela escapou de seu ex, ela nunca as havia pronunciado ou queria ouvi-las novamente.

— Isso não deveria te aborrecer. — Emoções apareceram no rosto de Adam. — Me desculpe por não ser o que você queria ouvir.

Ela pegou as mãos de Adam. — Eu ... deixe-me explicar. — Ela arrastou um pouco de ar. — Meu ex-marido, ele me disse que ele me amava ... enquanto ele batia a merda fora de mim. Ele me deixaria quebrada, sangrando e acariciaria os meus cabelos, me dizendo que seu amor por mim o fez fazer isso.

O rosto de Adam endureceu. — Isso não é amor.

— Eu sei. Eu sei disso agora. — Ela se aproximou dele. — Na verdade, eu só percebi totalmente quando você me disse as palavras. Eu senti a diferença.

— Jesus, Liberty, você sabe como cortar minhas pernas de baixo de mim.

— Agora, por favor, me fale novamente.

Ele segurou suas bochechas. — Liberty, estou me apaixonando por você.

Ela respirou, sentindo apenas calor dentro dela. — Adam, acho que comecei a me apaixonar por você quando estava cortando seu cabelo.

— Deus. — Ele a puxou para seu peito, ainda cuidadoso com suas feridas. — Me tire da minha miséria. Seja minha parceira, minha amante, meu tudo.

— Sim. — Ela se arrastou para o colo. — Sim.

Ele pegou a boca com um beijo quente. Seu pescoço se curvou de novo sob a força, mas ela agarrou-o e beijou-o de volta. Ansiosa por mais, pelo gosto dele, sentir que ele estava tão vivo.

— General?

A voz do Cadete fez com que ambos se afastassem. Então ela percebeu que o som havia passado pelo pequeno alto-falante do interfone no computador.

Adam pressionou um botão. — Cadete, espero que isso seja bom. E quero dizer, realmente bom.

O jovem soltou uma risada nervosa. — Ah, sim senhor. Em primeiro lugar, Doc Emerson conseguiu que Santha se estabilizasse. Suas contrações pararam.

Liberty fechou os olhos. *Graças a Deus.*

— Excelente notícia. E a segunda coisa? — Perguntou Adam com impaciência.

— E o fato de ter chegado ao Enclave?

O coração de Liberty deu uma batida, e viu a satisfação selvagem se acender no olhar de Adam.

— Não vou te rejeitar, Cadete.

— Obrigado, senhor.

Logo, o veículo parou e eles não perderam tempo para sair. Liberty não se importava de estar com dor e suja.

Em primeiro lugar, viu os soldados do Enclave. Eles estavam parando em frente, acenando dos veículos. Ela não viu a entrada, então, quando os carros mergulharam fora da vista, ela percebeu que a rampa estava bem escondida.

Ao redor deles, os veículos estavam tocando as buzinas, e as pessoas gritavam, se animando.

Liberty apoiou a cabeça contra o peito de Adam. — Bem feito, General. Você fez isso.

— Nós fizemos isso.

Ela olhou para ele. Ela podia ver que ele estava feliz, mas também sentiu tristeza. — O que está errado?

— Apenas pensando nas pessoas que não conseguiram.

— Não vamos esquecê-los. Mas olhe ao redor. — Ela viu ele pegar a multidão feliz e aliviada. — Veja todas as pessoas que você salvou.

Ele fez e assentiu. — Aqui, podemos estar seguros. As crianças podem brincar, as senhoras velhas se sentem úteis e apreciadas. — Ele se inclinou para baixo. — Os casais podem se beijar.

— Oh, eu gosto desse último pedaço.

— Aqui, eu posso dormir durante a noite, embrulhado na minha Liberty.

As palavras a fizeram tremer.

— Aqui, podemos reagrupar e fazer planos para livrar nosso planeta do *Gizzida* de uma vez por todas.

Seu General sempre seria militar. Ela sabia que nunca desistiria de lutar, e isso a deixava orgulhosa.

— E aqui ... — sua voz baixou — Eu posso fazer amor com você sempre que quiser, quando eu quero.

Ela inclinou um quadril, desejo queimando. — Isso está certo?

— Sim. — Ele passou por ela e entrou no caminhão. Quando ele recuou, ele estava segurando algo. Era um presente pequeno e embrulhado. — Isto é para você.

O prazer a inundou. Ela não recebeu um presente há muito tempo. Ela abriu a boca. Era uma garrafa ... ela virou-a e leu o rótulo. Banho de espuma caseiro ... no seu aroma favorito de jasmim.

— Eu não sei como você sabia que era o meu favorito ...

— Eu também tenho meus caminhos.

— Obrigado. — Ela se inclinou e beijou-o.

— Você pode me agradecer devidamente depois, meu amor. — Ele beliscou os lábios. — Quando você estiver nua, coberta apenas em bolhas.

— É um encontro. Estou ansiosa para isso, meu general.

E ela também aguardava todos os momentos com Adam. Ela estava ansiosa para cair cem por cento completamente apaixonada por ele e viver uma vida digna de ser vivida.